

# A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

**DIRETORES:** Majores: J. B. Magalhães (Presidente) e Renato B. Nunes,  
e Capitães Alexandre Chaves e Decio Escobar.

**SECRETARIO:** Major José Faustino Filho. **GERENTE:** Cap. J. B. Matos.

ANO XX

BRASIL — RIO DE JANEIRO, OUTUBRO DE 1933

NUM. 233

EDIÇÃO ESPECIAL COMEMORATIVA DO XXº ANIVERSARIO  
COM 104 PAGINAS

## SUMARIO

<i>XX.º Aniversario</i> .....	465
<b>EDITORIAL</b>	
<i>A Efemeride Americana</i> .....	472
<b>COLABORAÇÃO</b>	
<i>Legião federal de carabineiros — Ten. Cel. Torres Guimarães</i> .....	478
<i>O que a infantaria pode esperar da cavalaria—Major J. B. Magalhães</i>	480
<i>A Batalha do Marne—Ten. Cel. Carpentier da M. M. F.</i> .....	492
<i>Serviço em campanha—Cap. Paulo Lopes</i> .....	503
<i>A Caça — Trad. Major José Faustino Filho</i> .....	507
<i>Ensaio de estudo sobre espoletas antigas e modernas—Cap. Olivio O. Bastos</i> .....	514
<i>O plano de areia em relevo — Trad. 1.ºs Tens. Mauricio Lessa e Ernesto Paes Leme</i> .....	517
<i>Arquivos e ficharios—Major José Faustino Filho</i> .....	529
<i>O que o oficial deve saber de Administração—Cap. Cont. José Granja</i>	500
<i>Piso de borracha para baias — 1.º Ten. Manoel Bernardino da Costa</i>	532
<i>A Padronização dos animais de guerra impõe-se antes que tudo — 1.º Ten. Armando R. de Oliveira</i> .....	564
<b>DA REDAÇÃO</b>	
<i>Como nascemos</i> .....	466
<i>O problema das policias estaduais</i> .....	477
<i>Administração de “A Defesa Nacional”</i> .....	502
<i>Granadas de fuzil</i> .....	506
<i>Relação dos socios de “A Defesa Nacional”</i> .....	511
<i>Hierarquia</i> .....	518
<i>Amigos prestimosos</i> .....	559

# A DEFESA NACIONAL

## GRUPO DE ADMINISTRAÇÃO

Baptista de Magalhaes, Renato Nunes, Alexandre Chaves e Decio Escobar (Diretores); José Faustino, (Secretario); Paes de Andrade, Gervasio Duncan, Anôr dos Santos, Sayão Cardozo, Baptista de Matos, Arthur Carnahúba, Macedo Soares, Bandeira de Mello, Emilio Ribas, Octavio Paranhos, Armando Ancora, Augusto Sevilha, Lima Camara, José Salles, Raul Tavares, Ismar Brasil, Muniz Barreto e Baptista Pereira.

## CORPO DE REDATORES

Redator-chefe — Major José Faustino Filho — Redatores das armas: Infantaria — Major Tristão Araripe; Cavalaria — Major Orozimbo Martins Pereira; Artilharia — Cap. Olivio de Oliveira Bastos; Engenharia — Major Heitor Bustamante; Aviação — Ten. Cel. Ajalmar Vieira Mascarenhas; Serviços: Saude — Cap. A. Gentil Basilio Alves; Intendencia — Major Raul Dias Sant'Anna; Veterinaria — 1.º Ten. Armando Rabelo de Oliveira.

## AUXILIARES

Das armas - Inf.<sup>a</sup> Capitães J. B. Matos, J. B. Rangel, Segadas Viana; H. Castelo Branco, Alexandre Chaves e Nilo Guerreiro.

## CORPO DE REPRESENTANTES

### Estabelecimentos e Repartições Militares

M. G. —  
E. M. E. — Cap. Pery Bevilaqua  
D. P. G. — 1.º Ten. Toscano de Brito  
D. C. — 1.º Ten. Toscano de Brito  
Dir. M. B. — Ten. Abda Reis  
Dir. Eng. — Major Moraes Carneiro  
Dir. Av. —  
Dir. Remonta —  
Dir. I. G. — Ten. José Salles  
Dir. S. G. —  
Serv. Geogr. — Cap. Castello Branco  
Serv. Radio — Ten. Juraci Campelo  
Dist. A. Costa — Cap. Victor François  
Q. G. 1ª R. M. — Ten. Romão Leal  
Q. G. 2ª R. M. — Cap. Moacyr Marroig  
Q. G. 3ª R. M. — Cap. Carlos Analio  
Q. G. 4ª R. M. — Cap. Oscar Costa  
Q. G. 5ª R. M. —  
Q. G. 6ª R. M. — Major Lopes da Costa  
Q. G. 7ª R. M. —  
Q. G. 8ª R. M. —  
Q. G. Cir. Militar — Ten. Cel. Mario Xavier  
M. M. F. — Ten. Newton O'Reilly

E. E. M. — Cap. Luiz Pinheiro  
E. I. — Cap. Segadas Viana  
E. A. — Ten. Heitor Borges Fortes  
E. C. — Cap. Armando Ancora  
E. E. — Cap. Luiz Betamio  
E. Eng. Militar — Cap. Jandir Galvão  
E. Av. — Ten. Helio Brugman  
E. M. — Ten. Almeida de Moraes  
E. Ot. E. — Cap. Armando Oliveira  
E. S. I. — Ten. Hugo de Faria  
C. M. R. J. — Ten. Milton de Souza  
C. M. P. A. — Cap. Hugo Silva  
C. M. C. —  
A. G. R. J. —  
A. G. P. A. —  
F. C. A. G. — Ten. Brito Junior  
F. P. S. F. — Cap. Pompeu Monte  
F. P. E. —  
Coudelaria de Saican  
Idem de Rincão  
Dep. Rem. - Monte - Cap. Oromar Osorio  
Dep. Rem. — Campo Grande  
Dep. Rem. — Valença

## TROPA INFANTARIA

Btl. Escola — Ten. Dioscoro Vale  
Btl. Guardas —  
1º R. I. — Cap. Fernandes Guedes  
2º R. I. — Ten. Roberto de Pessoa  
3º R. I. — Ten. Leal Ribeiro  
4º R. I. — Ten. Paulo A. Miranda  
I/5º R. I. — Cap. Rafael F. Guimarães  
II/5º R. I. —  
III/5º R. I. — Ten. Castro e Silva  
6º R. I. — Ten. Lui G. V. de Mesquita  
7º R. I. —  
8º R. I. — Ten. Jacintho Godoy  
9º R. I. — Ten. Nicolau Fico  
I/9º R. I. — Cap. Floriano de Farias  
10º R. I. — Ten. Tancredo Cunha  
11º R. I. — Ten. Ajax Corrêa  
12º R. I. — Cap. Nilo Chaves  
II/12º R. I. — Ten. Armando Carvalho

13º R. I. — Ten. Armando Alvim  
1º B. C. — Ten. Dacio Vassimon  
2º B. C. — Ten. Almeida Magalhães  
3º B. C. — Ten. Moacyr Rezende  
4º B. C. — Ten. Nelson de Carvalho  
6º B. C. — Ten. Ituriel Nascimento  
7º B. C. — Ten. Riograndino C. e Silva  
8º B. C. — Ten. Gelci Brun  
9º B. C. — Ten. Saul Pons  
10º B. C. — Ten. Affonso Ferreira  
13º B. C. — Ten. Eduardo Regis  
14º B. C. — Ten. Pinto da Luz  
15º B. C. —  
16º B. C. — Ten. Arlindo P. de Figueiredo  
17º B. C. — Ten. Miguel Mozzili  
18º B. C. —  
19º B. C. — Cap. Antonio Nascimento

# A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

**DIRETORES:** Majores: **J. B. Magalhães (Presidente)** e **Renato B. Nunes,**  
e Capitães **Alexandre Chaves** e **Decio Escobar.**

**SECRETARIO:** Major **José Faustino Filho.** **GERENTE:** Cap. **J. B. Matos.**

ANO XX

BRASIL — RIO DE JANEIRO, OUTUBRO DE 1933

NUM. 232

## XX.º ANIVERSARIO

Após longa e estafante caminhada eis que atingimos o marco de uma segunda década. Tal é o melhor testemunho de nossa perseverança, da fé e do ardor que nos acompanha, vencendo uma a uma as vinte etapas de marcha, atravez estradas que nem sempre se apresentaram alcatifadas de flôres, pois, por vezes, desencadeiou-se o furacão das tempestades, detendo-nos em forçados repousos.

Surgindo porem a bonança, reencetamos a marcha, sempre pela mesma trilha com a estricta obsevancia do invariavel azimute expresso em seu titulo: **"A Defeza Nacional"**. Tal é o nosso lema e o nosso guia.

Ao fincarmos a estaca demarcadora do percurso feito, lançamos um golpe de vista retrospectivo e em volta de cada uma das precedentes, nossa mente reúne os bons e dignos companheiros de jornada.

Vamos pois, prestar-lhes a singela e expressiva homenagem de deixar gravados os seus nomes, neste soberbo e altivo marco do nosso XX aniversario, tendo, as paginas que lhe destinamos, por dísticos, aqueles titulos que, por si sós, valem o maior dos elogios, e que são os das funções que aqui exerceram.

## COMO NASCEMOS

Apresentamos em "fac-simile" a ata de fundação de «A DEFESA NACIONAL» e seu primeiro artigo de fundo.

### *Acta numero 1*

No dia vinte de Setembro de mil novecentos e treze, numa das salas do Club Militar, na Capital Federal, presentes os abaixo assignados, realiso-se a primeira reunião dos interessados na publicação de uma revista que reflectisse as ideias do novo Exército e fosse, por consequencia, um organ de combate e um instrumento de trabalho. Aberta a sessão, ás 4 horas da tarde, tomou a palavra o 1.º tenente Leitão de Carvalho, que expoz os fins da reunião e os trabalhos realizados até aquella data por elle orador, pelo capitão Mario Clementino de Carvalho e pelos 1.ºs tenentes B. Klünger e Souza Reis. Cogitando-se dos meios e fins da revista, de antemão denominada «A Defesa Nacional», ficou resolvido que, salvo os casos expressos da responsabilidade que cada qual assume pelas ideias

e fundos que publica, houvesse sempre a mais perfeita solidariedade em todos os sentidos, especialmente quanto ao onus pecuniario a que por ventura venha a dar lugar a manutenções da revista. E como nem todos os associados estiveram presentes, ficou também resolvido que esta Acta fosse lida e assignada por todos. Por proposta do 1.º tenente Tavora foram acclamados para dirigir a revista os tenentes Klunger, Leitão e Souza Reis, ficando o primeiro como chefe da redacção; tratando-se da escolha de um secretario, foi, ainda por proposta do tenente Tavora, acclamado o 2.º tenente Cidade No que diz respeito á imprensa da revista, nada ficou resolvido, deixando-se, no entanto, os directores encarregados de contrahal-a com quem mais vantagens offererem. E como o fim principal deste livro de actas seja fa-

## CULTURA GERAL

Philopoemeu era sabio, como a maior parte dos grandes capitães e dedicava-se sobretudo ao estudo da Filosofia e da historia, tão necessario aos militares.

cilitar futuramente o estudo das con-  
 dições em que surgiu e viveu esta revista,  
 reclamada pelos momentos históricos e  
 pelas condições actuaes do Exército, que  
 vamos combater como atropadas e pe-  
 rigosas, sumpre nos declarar que con-  
 he aqui toda a iniciativa ao 1.º tenen-  
 te Leitão de Carvalho, tendo como au-  
 xiliares immediatos o capitão Clau-  
 dementino, os 1.ºs tenentes Klinger e  
 Souza Reis. E como nada mais hou-  
 verse a tratar, foi encerrada a ses-  
 são e marcada outra para o dia que  
 fosse escolhido pela directoria.

S. da Cunha Lidate, secretario

Confere: Bertholdo Klinger,

1.º Tenente Estevão Augusto de Azevedo  
 1.º Tenente Joaquim de Souza Reis ditto

Brasil Aborda

E. de Lima e Silva

Parça Rodrigues

Sciendes:

Barros e Lessa e Turo

Cap.ºm Jorge Pinheiro

José Pompeu de Albuquerque Cavalari

Augusto de M.ºa Figueiredo

Amaro de Gama e Silva

# A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores — Primeiros Tenentes: BERTHOLDO KLINGER, ESTEVÃO LEITÃO DE CARVALHO e J. DE SOUZA REIS

N.º 1

Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1913

Anno I

**SUMMARIO**  Editorial. **PARTE JORNALISTICA:** O Effectivo e a organização do Exercito. — Subsídios tacticos. — A Instrução de nossa infantaria em face dos actuaes effectivos. — Carros de munição para a infantaria e metralhadoras. — Commando do grupo de artilharia em combate. — A machina automatica de carregar cartuchos. — Correntes tacticas na artilharia franceza. **NOTICIARIO:** A parada de 7 de Setembro. — Raid hippico. — O desenvolvimento progressivo do exercito allemão. — Reorganização da Guarda Nacional — Equipamento aligeirado pelo abandono da mochila. — Stereophotogrametria. — Arrelamento para a cavallaria. — O abalramento do "Guarany". — Questões á margem. — A Defeza Nacional. — O ensinamento da guerra dos Balkans sobre artilharia. — A infantaria japoneza Collaboração. **BIBLIOGRAPHIA:** Os intermediarios elasticos e a tracção animal. — Exercicios de quadros e sobre a carta para a arma de infantaria. — Livros francezes e allemães.

## EDITORIAL



**A DEFEZA NACIONAL**, que inicia com este numero a sua carreira na litteratura militar do paiz, tem o seu programma contido na formula que lhe serve de epigraphe.

Como é facil de ver, o escôpo dos seus fundadores não é outro senão collaborar, na medida de suas forças, para o soerguimento das nossas instituições militares, sobre as quaes repousa a defeza do vasto patrimonio territorial que os nossos antepassados nos legaram, e da enorme somma de interesses que sobre elle se accumulam.

De resto, os interesses militares se acham hoje em dia, e em todos os paizes do mundo, de tal fórma entrelaçados aos interesses nacionaes, que trabalhar pelo progresso dos meios de defeza de um povo é, sinão o melhor, pelo menos um dos melhores meios de servir aos interesses geraes desse povo.

O caso do nosso paiz apresenta, além disso, algumas características particulares.

Se nos grandes povos, inteiramente constituídos, a missão do Exercito não sae geralmente do quadro das suas funções puramente militares, nas nacionalidades nascentes como a nossa, em que os elementos mais variados se fundem apressadamente para a for-

mação de um povo, — o Exercito — unica força verdadeiramente organizada no seio de uma tumultuosa massa effervescente — vai ás vezes um pouco além dos seus deveres profissionais para tornar-se, em dados momentos, um factor decisivo de transformação politica ou de estabilisação social.

A nossa pequena historia, bem como a de outros povos sul-americanos, está cheia de exemplos demonstrativos dessa affirmação.

E' debalde que os espiritos liberaes, numa justificada ancia de futurismo, se insurgem contra as intervenções militares na evolução social dos povos: é um facto historico que as sociedades nascentes têm necessidade dos elementos militares para assistirem á sua formação e desenvolvimento, e que só num grão já elevado de civilisação ellas conseguem emancipar-se da tutela da força, que assim se recolhe e se limita á sua verdadeira função.

Sem desejar, pois, de fórma alguma, a incursão injustificada dos elementos militares nos negocios internos do paiz, o Exercito precisa entretanto estar aparelhado para a sua função conservadora e estabilisante dos elementos sociaes em marcha — e preparado para corrigir as perturbações internas, tão comuns na vida tumultuaria das sociedades que se formam.

No que diz respeito ao exterior, o problema que o nosso Exercito tem a resolver não é menos complexo.

Vasto paiz fertil, opulento e formoso, com

1.200 leguas de costa, abertas ás incursões do lado do mar, com extensas linhas fronteiriças terrestres, do outro lado das quaes se agitam e progridem muitos povos tambem em formação — não seria absurdo admittir a hypothese de que o Brazil viesse um dia a encontrar um sério obstaculo ás suas naturaes aspirações de um desenvolvimento integral.

E nesse dia, que pôde estar proximo ou remoto, e sem saber de que lado virá o perigo, que pôde vir do Norte como do Sul, do Oriente como do Occidente — o Brazil não poderá verdadeiramente contar senão com as suas proprias forças, isto é, com a sua organização militar

Mas a questão tem ainda um terceiro aspecto: o exercito, num paiz como o Brazil, não é sómente o primeiro factor de transformação politico-social, nem o principal elemento de defeza exterior: elle tem igualmente uma funcção educativa e organisadora a exercer na massa geral dos cidadãos.

Um bom exercito é uma escola de disciplina hierarchica, que prepara para a disciplina social; e é, ao mesmo tempo, uma escola de trabalho, de sacrificio e de patriotismo. Um exercito bem organizado é uma das creações mais perfeitas do espirito humano, porque nelle se exige e se obtem o abandono dos mesquinhos interesses individuaes, em nome dos grandes interesses collectivos; nelle se exige e se obtem que a entidade *homem*, de ordinario tão pessoal e tão egoista, se transfigure na abstracção *dever*; nelle se exige e se obtem o sacrificio do primeiro e do maior de todos os bens que é a *vida*, em nome do principio superior de *patria*.

Compreende-se facilmente que uma instituição dessa natureza, que destaca, e põe em relevo, e fortalece aquillo que ha de nobre e de heroico, e de sublime no barro commum — tem que exercer forçosamente uma influencia salutar sobre o desenvolvimento dos individuos e das sociedades.

Se essa influencia, que sempre se fez sentir nas sociedades cultas da Europa, trabalhadas por dois mil annos de civilisação, é, nas velhas sociedades já forinadas, um meio valioso de aperfeiçoamento, que os philoso-

phos reconhecem e assignalam — num paiz como o Brazil ella será, com mais forte razão, um factor poderoso de formação e de transformação de uma sociedade retardada e informe

A necessidade, pois, de construirmos um exercito que corresponda ás nossas legitimas aspirações de desenvolvimento e de progresso, está acima de qualquer discussão.

Num momento historico, como o que atravessamos, em que a capacidade social de um povo se mede e se avalia pela sua organização militar — o Brazil, que é um dos mais opulentos paizes da terra, não pôde cruzar os braços indifferente aos rumores de luta, que nos chegam dos quatro pontos cardeaes, e confiar a defeza do seu patrimonio aos azares do destino.

Ha na historia da nossa patria a memoria de algumas tentativas, que temos feito, no sentido de organizar um Exercito regular — tentativas que infelizmente até hoje têm encontrado apenas um successo parcial ou relativo.

Para não levarmos a nossa analyse muito longe, basta lembrar os esforços destes vinte e quatro annos de administração republicana. E' um facto evidente que o paiz inteiro comprehendeu a necessidade, que temos, de um solido instrumento de guerra, e que sempre se mostrou nas melhores disposições para fazer sacrificios de toda a sorte, em nome da defeza nacional.

Essa convicção geral repercutiu no seio do Exercito, e nós começamos a trabalhar, de 89 para cá. Temos gasto nesse periodo *um milhão e quinhentos mil contos* approximadamente; fizemos duas reorganizações geraes e algumas parciaes; o regulamento das escolas militares foi reformado quatro vezes: duas vezes no sentido de dar ao *ensino thêorico* uma importancia maior que ao *ensino pratico*; e duas vezes no sentido contrario. Alterámos varias vezes o plano de uniformes e os regulamentos das armas. O da arma de infantaria foi transformado quatro vezes; e ha soldados de vinte annos de praça (porque os ha!) que sabem as quatro instrucções dessa arma. Em:

fim, para não alongar muito esta enumeração, basta dizer que *nós temos trabalhado*. E, entretanto, é hoje uma convicção generalizada, tanto no mundo militar como no mundo civil, *que o Exército actual não corresponde absolutamente ás nossas necessidades, e que o paiz está completamente indefeço*.

Ora, ahí está o nosso verdadeiro ponto de partida, queremos dizer, o da nossa revista, que inicia com este numero a sua carreira nas letras militares do paiz . . .

Nós estamos profundamente convencidos que só se corrige o que se critica; de que criticar é um dever; e de que o progresso é obra dos dissidentes. Esta revista foi fundada, por conseguinte, para exercer o direito, que todos temos, de julgar das cousas que nos affectam, segundo o nosso modo de ver, e de darmos a nossa opinião a respeito,

Mas nós também nunca perderemos de vista que tudo neste mundo é relativo, e que *..quand on comprend tout, on pardonne tout...*

Nunca nos esqueceremos, nestas paginas, de fazer a mais rigorosa justiça áquelles que nos precederam nesta senda, e que hoje, embranquecidos e tropeços, os pés sangrando das durezas do caminho, se vão pouco a pouco afundando, nas glórias funebres do poente . . .

Em todas as cousas desta vida é preciso não esquecer nunca a época em que ellas foram feitas e o espirito que as dictou. Muito do que hoje nos parece deslocado e anachronico, foi racional e accetavel a seu tempo, assim, como o que hoje nos parece excellente, será criticavel amanhã,

Profundamente compenetrados dessas verdades eternas, nós desejamos que um largo espirito de tolerancia e camaradagem estenda sobre as paginas desta revista duas grandes azas brancas . . .

Não queremos ser absolutamente, no seio da nossa classe, uma horda de insurrectos dispostos a endireitar o mundo a ferro e fogo — mas um bando de Cavalleiros da Idéa, que saiu a campo, armado, não de uma clava, mas de um argumento; não para cruzar ferros,

mas para raciocinar; não para contundir, mas para convencer.

Foi com estas idéas que resolvemos fundar esta revista.

Nella exerceremos necessariamente o direito da critica: — ás idéas, não aos individuos.

Mas, tanto quanto nos fôr possível, dentro da fallibilidade das cousas humanas, procuraremos manter sempre uma nobreza de attitude — digna daquelles para quem escrevemos.

Não nos move de forma alguma a preocupação pretenciosa de sermos os mentores dos nossos chefes nem dos nossos camaradas; entramos na liça apenas com um pouco de mocidade, um pouco de estudo e a maior boa vontade, e dos nossos chefes e camaradas ambicionamos tão sómente ser prestimosos auxiliares e dedicados collaboradores.

— E agora: *en avant!*

□ □ □

#### GRUPO FUNDADOR:

Estevão Leitão de Carvalho  
 Mario Clementino de Carvalho  
 Joaquim de Souza Reis  
 Bertholdo Klinger  
 Francisco de Paula Cidade  
 Brasílio Tabora  
 Epaminondas de Lima e Silva  
 Cesar Augusto Parga Rodrigues  
 Euclides Figueiredo  
 José Pompêo Cavalcanti de Albuquerque  
 Jorge Pinheiro  
 Amaro de Azambuja Villa Nova

#### ESCRITOR MILITAR

O escritor de tatica e estrategia deve circunscrever-se ao ensino duma estrategia e de uma tatica verdadeiramente nacionais, que são as unicas que podem prestar proveitosos serviços á nação para as quais se escreve.

Von der Goltz

# A EFEMERIDE AMERICANA

Talhado para as grandezas,  
P'ra crescer, crear, subir  
O Novo Mundo nos musculos  
Sente a seiva do porvir.

Castro Alves

Não decide Tupan humanos casos,  
Quando imprudente cego o homem corre  
D'encontro ao fado seu; não valem sonhos,  
Nem da prudencia meditado aviso  
Do atalho infausto a desviar-lhe os passos!

Gonçalves Dias

Quando Colombo largou de Palos a 3 de Outubro, velas ao vento, todo absorto na idéa grandioza de descobrir um caminho marítimo direto para as Índias, convicto do valor da ciência que possuía, não imaginava que, a 12 de Outubro, rasgaria a cortina que vedava um *Novo Mundo*.

Tão pouco poderiam, ele e seus coevos, supor o que viria a ser essa America, India Ocidental, cerca de 4 seculos mais tarde.

Naquela época mal havia surgido a maravilhosa invenção da imprensa, de que a descoberta do audacioso e genial Genovez ia ser como que o complemento necessario.

Gutemberg imprimendo, em 1455, com caracteres metalicos moveis e modelados, sua famosa Biblia Latina, abria largo campo a divulgação científica e facilitava o comercio e a industria. Colombo inaugurava um novo teatro para as atividades humanas.

A descoberta da America *alargou* o Mundo e desviou, da preocupação absorvente da India, grande parte dos homens ativos e empreendedores da época.

Divulgada a noticia dos resultados da viagem patrocinada pelos reis Catholicos de Espanha, logo se multiplicam as expedições conquistadoras com os

Cortes, os Pizarro, os Pison, os Cabral, os Cabot, os Magalhães, formando uma verdadeira corrente migratoria fascinada e aturdida pelo ouro, pelas riquezas que se descobrem nas novas terras.

Modifica-se assim o equilibrio economico do Mundo em que Portugal e Espanha disputam a primazia.

Forma-se a chamada *Colonização*, mancha perene da civilização europeá, porque mais justo fôra denominar-se ao que se passou aqui na America — obra de devastação inspirada por sofrega e brutal cobiça.

Colonizar era preocupação de segunda ordem, antes pretexto de objetivo.

Nem outra razão explica o desrespeito ás *civilizações* aqui existentes e as crueldades praticadas por povos cuja superioridade de fato se definia por uma sensibilidade menor que utilizava armas de guerra mais eficazes.

Tanto mais indesculpavel era o procedimento dos europeus quanto os crimes que praticavam diziam-nos cometidos em nome de uma doutrina de *piiedade* e de *amor* que pretendiam propagar, embora neles houvesse gerado orgulho e frieza.

Raros protestos se levantaram e mais raramente ainda a eles atenderam os poderosos.

Os Nobrega e Anchieta, os Valdivia, não foram tipos muito comuns naquelas épocas.

\* \* \*

De fato, o que os europeus viam, notadamente espanhóis e portugueses, em terras Americanas, nada mais era que um inexaurível manancial de ouro.

Os costumes brandos, as artes e tudo mais que de nobre e elevado aqui já existia passava-lhe despercebido.

Não obstante, muitos vieram e ficaram radicados á terra adotando-a por Patria, cruzando-se até com os índios e formando esta grande raça de mestiços que hoje a habita.

Depois, a condição natural da America, onde a liberdade é nativa, foi criando contra as metrópoles prevenções e divergencias, tanto mais acentuadas quanto estas estavam atrofiadas pelo *parasitismo* em que passaram a viver depois da conquista e quanto cada vez menos compreendiam e mais se divorciavam do carater natural de suas colonias em progresso continuo.

Começa, em consequencia este movimento admiravel da independencia americana, incendio que se alastra rapido, soprado pelo vendaval de ideias surgidas da Revolução Francêsa e favorecido pelas consequencias do surto de Napoleão.

Legítimos heróis conduzem as multidões, guiam-nas ou as excitam...

São os Bolivar, os San Martin, os José Bonifacio, os O' Higgins que seguem o exemplo de Washington.

\* \* \*

Independentes as novas nações, emancipadas, lançam-se afoitas no correr da vida internacional como jovens inexperientes e bulhentos. Não podem, porém, abster-se da hereditariedade que lhes legavam os troncos donde emanam.

Herdam, sem o sentir, certos metodos de ação e as prevenções que entre si davam as antigas metrópoles, Espanha e Portugal, e os ressaibos das lutas que entretiveram para delimitar os respetivos dominios coloniais.

Não raro se armam umas contra outras e chegam a travar luta para fixar o territorio de suas jurisdicções.

De outro lado, a terra vasta e rica sobra, o homem falta, os costumes vacilam.

Tudo são fatores que cream modalidades especiais á vida da joven America de que o *caudilhismo* e o *pronunciamento* foram expressão sintetica.

\* \* \*

O progresso, porém, a pouco e pouco e com o tempo se acentua, sobre tudo á proporção que o solo se povoa.

Desenvolvem-se os campos cultivados, surgem grandes industrias, as artes e as ciencias começam a adquirir vida propria e quasi autonoma; e surgem grandes cidades de 1.000.000 de habitantes que sem detença, atingem a 2.000.000 e começam mesmo a ultrapassar.

As vias ferreas multiplicam-se formando já em certas zonas densas rêdes; começam mesmo a lançar tentaculos para as fronteiras como que querendo prender umas ás outras as varias nacionalidades.

*Que idéa as orienta, que designios procuram?*

\* \* \*

As heranças vivas do passado e o afastamento em que vivem fazem sentir que ainda ha sulcos que separam os povos sul americanos.

Persistem desconfianças reciprocas que uma politica mal conduzida não soube dissipar completamente, porque a mentalidade insufficientemente ampliada de alguns homens explora, copiando apenas, sem o saber talvez, o que se

passa em outros Continentes.

Os principios da politica, os metodos adotados e razões de discordia que impedem á Europa um viver tranquilo, pretendem êles adota-los aqui sem refletir nas causas que os motivam lá.

Alguns, porem, veem claro. Os Saens Penã e aqueles que, como Rio Branco, formaram para a diplomacia brasileira uma tradição de concordia e justiça internacional, impulsionam os povos para futuro que lhes convem.

Das *desconfianças e rivalidades* que fazem prolongar a separação entre tendo o desentendimento, nasce, porem, uma politica de receios e competições armamentistas preventiva contra lutas que se espera hão de dar-se mais cedo ou mais tarde.

Um exame, porem, mais detido da situação sul-americana no conjunto do Mundo Moderno aconselharia, ao contrario, uma conduta de aproximação e de apoio reciproco, sem hesitação.

\* \* \*

Não só pelo fato de habitarem um mesmo continente, de serem irmãs germanas quasi todas e da mesma idade, de representarem uma mesma civilização — *a catolica iberica*, deveriam elas unir-se despresando as pequenas razões que as afastam umas das outras.

O proprio estado de evolução em que se encontram e a comunidade de condições naturais deveriam ser causa bastante para torna-las solidarias.

Encarada de um ponto de vista mundial aparece ela, a America do Sul, aos olhos dos outros povos, notadamente os europeus que a ignoram, como *um todo homoganeo*.

Os problemas do continente, no ponto de vista mais geral e sintetico são todos os mesmos e se podem resumir

num só: *desiquilibrio* entre o valor numerico das populações e a extensão das terras, juventude...

Em face das crises que assoberbam a Europa, a America do Norte e a Asia, onde tudo se mede ainda pelo poder militar—não ha Brasil, Argentina, Chile, Perú, ou Venezuela, — ha America do Sul; ha um territorio enorme mal povoado; ha riquezas inexploradas; ha povos onde caudilhismo ou caciquismo ainda impera e onde a administração é precaria; ha nações sem esquadra, sem obuses ou aviões.

Assim são todas vistas as nações daqui pelos outros povos, que se recusavam até ha pouco, a querer compreender o progresso embora heterogeneo que por toda parte vêm elas realizando a passos gigantescos.

Dê fato, enquanto não se formar nesta America uma conciencia coletiva, este continente constituido de nações novas, separadas umas das outras, cobertas de dividas, pejudadas de responsabilidades dos emprestimos mal applicados e improdutos, mal governadas por uma politica instavel e inexperiente, dará a impressão de que são inferiores os povos que o habitam.

E tudo isso se passa deante um *mundo egoista*, brutal, batido pela adversidade, superlotado, que vive a braços com dissensões e difficuldades economicas, que desconfianças e suspeitas agravam sem cessar.

Tudo isso existe numa época em que ao par dos tratados anti-belicos entoam certos povos hinos á guerra e outros a fazem *sans en avoir l'air* !

E não é só ! Povos ha que se *armam* utilizando todos os requintes da industria moderna sob o pretexto de fazer *guerra á guerra* a fim de legar ao universo um regimen de paz eterna ! Da paz que lhe convem...

Uma propaganda insidiosa diabolicamente bem arquitetada, delisquescente das energias dos outros povos aumentalhes a potencia á proporção que arruina a alheia.

Face a este estado de cousas, em presença de tais tendencias cuja tensão cresce sem cessar e que agem impulsionadas por principios e credos diversos em virtude de razões medioeres, tendo, porem, todas um mesmo objectivo, o *avassalamento da humanidade* — vemos a America Latina sofrer, quasi sem reagir, todas as repercussões, desdenhando organizar-se para poder lutar quando sobre ella incidirem ataques directos.

Imagine-se, pois, considerando o que se processa na Europa, o desenrolar do drama actual da America do Norte e da tragedia Asiatica, que venha a predominar um dos competidores sejam os racistas de Hitler, sejam os súditos do Mikado ou de Staline, que se passará nestes países novos sem defesa e desunidos ?

Não parece absurdo admitir-se que sobre eles paira ameaça seria, uma vez que já se chegou até a pensar em *uma partilha* de suas terras para servir de remedio ou lenitivo á crise que, a impericia ou impotencia dos governos das chamadas grands potencias, não soube ou não pode evitar.

Esses *povos fortes*, apesar de seus erros, julgam-se com direito a governar discricionariamente o Mundo segundo formulas e teorias que todos condenam como imórais nas relações dos homens.

Em contacto estreito uns com os outros, mas impotentes para vencer seus adversarios directos e sentindo crescer a pressão das causas que interiormente os impulsionam na falsa diretriz que seguem, procuram expandir-se segundo *linhas de menor resistencia*.

E' um exemplo tipico o caso da raça

*amarela* que se dirige em torrentes para o Sul uma vez que o Norte lhe fecha as portas; nem é menos eloquente o que se passa no Este Asiatico.

Merece atenção a marcha da expansão Americana para o Sul quando os monopolios vão escasseando no Norte, interrompida pela terrivel ameaça de um *craque total* que absorve todas as atenções.

Não é desprezível a retomada do *velho espirito germanico*, nem sem significação, o premio conferido pelo prefeito de Berlim á uma municipalidade do Sul Brasileiro que conserva *fielmente atravez de todas as vicissitudes sua patria de origem* desde ha 3 ou 4 gerações passadas que a fundaram.

Que seguimento tomarão todos estes acontecimentos ?

E' difficil prever, mas é prudente que os povos da America Latina se acautellem organizando-se, sentindo-se solidarios e fazendo-se sinceros e efficientes colaboradores da defesa comum que é a propria defesa.

\* \* \*

Não basta tudo esperar apenas da boa vontade reciproca e de vagas possibilidades. E' preciso compreender e agir com espirito pratico.

Uma tal colaboração deve ser espiritual ou intelectual para que os povos melhor se conheçam. Deve ser economica para que melhor sirvam uns aos outros e se entreajudem. Deve ser militar para que se possam eficazmente apoiar em caso de necessidade.

No ponto de vista militar não é preciso visar ou aspirar á constituição de uma força pronta a bater ou dominar as das grandes potencias. Basta que possa desde logo adquirir uma capacidade defensiva incontestavel tornando, sinão impossivel qualquer veleidade de con-

quista, ao menos *muito cara a empresa*.

Elementos para isso ha bastantes aqui, mas é preciso organiza-los.

\* \* \*

Para alcançar tal resultado seria sufficiente que cada nação sul americana realizasse um poder militar *proporcional* ao seu potencial guerreiro e que as diversas forças militares nacionais tivessem preparados os meios essenciaes a uma ação conjunta.

De um tal sistema militar o elemento principal é, sem duvida, a existencia de uma rede de communicações internacionais tornando possivel a concentração de forças em tempo util em qualquer teatro onde se façam necessarias.

Si se conseguisse realizar uma combinação dessa ordem, alem do resultado pratico de uma confiante marcha para o futuro, deveria ainda resultar um intercambio geral consideravelmente favoravel á todos os paises.

Certamente não será obra facil um tal sistema militar, será mesmo pura quimera enquanto sua *necessidade* não fôr bem compreendida.

Tal realização requer uma preparação cuidada, intensa, intelligente do espirito publico em cada pais e atos successivos, coerentes que de pouco em pouco construam.

Que de estadistas não será necessario ?

\* \* \*

O Brasil estaria em ótimas condições para iniciar qualquer movimento nesse sentido, por causa de sua tradicional politica de justiça e de paz internacional, se estivesse militarmente organizado.

Nas condições atuais em que tudo lhe falta, desde os efetivos até as casernas e o material mais elementar, não disporia

de *prestigio bastante* pra tomar tal iniciativa.

Poderia mesmo vir a ser acoimado de insincero quando aliviado da crise que o assoberba, houvesse de adquirir meios para entreter os efetivos de paz apenas necessarios á sua vida nacional, á garantia de sua ordem interna.

A iniciativa nessa ordem de idéas deve ainda caber ao Brasil, porque sua população, sua extensão territorial, suas minas de ferro, quedas d'agua e vias fluviaes, sua borracha, madeiras, etc., etc., lhe impõem a necessidade de força militar maior.

Como poderia agora, porem, propor aos outros povos tal problema sem correr o risco de ver atribuir uma tal idea ao fato de sentir-se fraco ?

Sem que seja necessario efetuar o que se chama uma corrida armamentista, é preciso que cada povo desenvolva aqui uma potencia militar proporcional ás suas condições. Ha razões de sobra. Alem do objetivo da defesa nacional nossas nações carecem de instituições militares bem concebidas e sufficientemente desenvolvidas porque são para elas *excelente instrumento civilizador e de cultura*.

As instituições militares devem aqui ser compreendidas como o meio mais poderoso e eficaz para neutralizar a influencia desnacionalisante das correntes intensas de imigração, para solidarizar os cidadãos e as provincias que constituem estes imensos paises.

\* \* \*

O dever de *desenvolver* e de *consolidar* nossa organização militar se impõe assim indistinctamente. E' um dever nacional, continental e até planetario.

Não deve, porem, ficar restrito ao que se pode realizar por um serviço militar

# O PROBLEMA DAS POLÍCIAS ESTADUAIS

Fiel á directriz, norma de seu constante proceder, a "Defesa Nacional" apresenta mais um trabalho, produto de nosso distinto camarada, Ten. Cel. da reserva TORRES GUIMARÃES, cujo valor militar é sobejamente conhecido, sobre a importantíssima questão das forças estaduais.

O assunto em apreço, além de ter sido tratado de modo interessante, lembrando medidas de real interesse, tem a inestimável vantagem de ser oportuno, porquanto na próxima instalação da Constituint cogitar-se-á, certamente, do estudo da questão que tão de perto se liga aos interesses da coesão e solidariedade nacionais.

Parece que para resolver o caso em apreço devemos tomar como indispensável a progressiva nacionalização das mesmas, quando julgada impossível a simultaneidade da medida pedida que visa trazê-las ao domínio efetivo da União, a quem deve competir, por exclusividade, as decisões que vizem organizar, instruir e armar a força nacional em todas as modalidades que pôde revestir de modo que constitua entidade única com atribuições de defesa da Patria e manutenção da Ordem interna.

A certas policias, como refere o articulista, com grande propriedade competirá muito provavelmente, em caso de guerra, a missão de manter a ordem na zona de retaguarda das tropas em operação, onde tra-

balham as organizações dos serviços e por onde se fazem o acesso e as evacuações. Além, portanto, da policia normal, da vigilancia exercida sobre a população, a necessidade de serviço auxiliar, manutenção da ordem na zona dos exercitos, cujo cabal desempenho exige não só o habito de lidar com elemento civil, tambem perfeito conhecimento das cousas militares.

Evidentemente o autor do presente trabalho vê a solução desta questão no conveniente aproveitamento da Policia Militar do Districto Federal.

Por isso a constitue com elementos de escól, de modo diverso das demais, para que na guerra possa nas melhores condições exercer o papel de "gendarmeria", fornecendo os destacamentos correspondentes aos diversos escalões de comando. Julgamos, pois, justa a sua ação especial que lhe caberá com a criação da "Legião de Carabineiros", que resolve o problema das policias estaduais.

O trabalho que se seguiu é digno de atenção em suas linhas gerais, principalmente no que se refere á organização do comando, ás atribuições na paz e na guerra da Legião, como relativamente ás vantagens de que gozarão seus componentes, pois tudo é cuidado á luz de clara razão e bom senso pratico.

Segue-se o trabalho a que acima nos referimos.

bem feito e por uma mobilização caprichosamente organizada. E' preciso que se encarem largamente, em toda plenitude, os diversos aspectos que formam hoje a *força militar de um povo*, desde as boas vias de communicações, vias ferreas principalmente necessarias á concentração nos diversos theatros de operações e ás manobras no interior desses theatros, até a organização da

industria dos materiaes necessarios á luta nos campos de batalha.

Qual será o valor da America do Sul no Concurso das competições mundiaes no dia em que ella assim estiver organizada?

E não se pode fazer isso sem que em cousa alguma sofra a autonomia e a liberdade dos povos?

# LEGIÃO FEDERAL DE CARABINEIROS

Pelo Ten. Cel. Torres Guimarães

A imperiosa necessidade de nacionalisar determinados serviços publicos, em má hora abandonados pela União, sob o influxo de inspirações utopistas dos Constituintes de 92, apresenta-se, hoje, como um imperativo inadiável.

Dentre eles um dos que mais urgentemente se impõe, é a unificação das policias militares, nacionalizando-as e fazendo delas o organo garantidor da ordem e da paz interna de que a nação carece.

a) — DEFINIÇÃO — A Legião Federal de Carabineiros, é organo federal — sujeito á um General de Divisão, Inspector Geral da Legião de Carabineiros, para tudo quanto toca á organização, administração, e instrução; as mesmas do Exercito.

b) O Inspector Geral, depende directamente do Ministro da Guerra e do Chefe do Estado Maior do Exercito.

c) A Legião Federal de Carabineiros subdividir-se-á em Regimentos de Cavalaria, Batalhões de I. e Companhias de Metralhadoras em numero variaveis, condicionados pelas necessidades dos Estados da Federação.

d) Em tempo de paz, essas unidades, ficarão á disposição dos Estados, sendo sujeitas ás respectivas autoridades para tudo quanto diz respeito á manutenção da ordem publica. Desempenharão assim o papel da actual policia militar.

e) Na mobilização passarão automaticamente á disposição dos comandantes de Região de que dependem, na qualidade de reserva do Exercito Ativo.

f) Serão sujeitos á inspeções anuais, nas condições determinadas pelos regulamentos do Exercito.

g) Os seus quadros e efetivos, gozarão dos fóros e regalias concedidos á Reserva do Exercito Ativo, competindo-lhes as mesmas obrigações, menos atender ás chamadas para realização dos periodos de exercicios regulamentares para a Reserva e 2ª Linha.

h) O Governo Federal fornecerá mediante indenização o armamento, munição,

equipamento e arreamento necessarios aos Estados.

i) O fardamento, aquartelamento, munição, cavahada e forragem, serão fornecidos directamente pelos Governos Estaduais, sob fiscalisação federal. Esses fornecimentos serão condicionados pelos efetivos organicamente atribuidos ao Estado em apreço.

j) Os vencimentos, pret e etapas, serão pagos directamente pela administração da Guerra, entrando os Estados para os Cofres da União com 1|12 ºº mensal do total anual, que competirá a cada um deles, na proporção dos seus efetivos respectivos.

k) — O uniforme de Legião de Carabineiros, será o mesmo em toda a União, nas suas linhas gerais. Será, todavia, licito a cada Estado adotar avivados e um distintivo, que caracterisem as unidades a elle attribuidos.

O uniforme de mobilização é o mesmo do Exercito, diferenciado unicamente pelo distintivo proprio da Legião.

l) O enquadramento da Legião de Carabineiros será realizado da seguinte fórma:

1º) 1|5 — Officiaes provenientes do Exercito Ativo, com o curso de armas. Transferidos para a Legião depois de um curso de especialisação.

Vagas reservadas á Capitães e 1º Tenentes, com dois anos ao menos de antiguidade para aqueles e tres anos estes. — Transferencia num posto immediato.

2º) 2|5 — Sub-Officiaes do Ex. Ativos. — Chefes de Pelotão. — (Curso de C. P. O. R. e de especialisação).

3º) 2|5 — Sub-Officiaes da Legião (Mesmos requisitos, que os exigidos dos Sub-Officiaes do Exercito Ativo).

NOTA: — Na falta de candidatos do paragrafo 2º., para as vagas que lhes competirem, serão elas preenchidas por candidatos do paragrafo 3º, sem prejuizo dos 2º que lhes competirem normalmente.

m) Durante o periodo de transição serão aproveitados os officiaes das atuaes po-

lícias militares, sendo as suas vagas supridas á medida que forem se abrindo, na fórma indicada, a partir da data da assinatura do decreto organisando a Legião Federal de Carabineiros.

n) As promoções serão graduais e sucessivas, sendo feitas por arma em conjunto, da Legião.

Obedecerão ás mesmas regras no que lhes fôr applicavel, ás que regem as promoções no Exercito Ativo.

o) Os officiais da Legião de Carabineiros, gozarão de um estatuto em tudo semelhante ao dos Officiaes do Exercito.

p) Todas as vagas de Sargentos e Cabos serão reservadas ás praças da Legião.

q) As vagas da Legião de Carabineiros, serão preenchidas por engajamentos e reenajamentos (voluntariado), de reservistas do Exercito de qualquer categoria, de idoneidade comprovada e em pleno gozo de seus direitos civis, de preferencia sabendo ler e escrever e de idade minima de 23 anos e maxima de 28.

r) A Brigada de Carabineiros do Distrito Federal será reservada uma missão propria na mobilisação. Fornecerá destacamentos adidos aos Quartéis Generaes das Grandes Unidades em operações.

Esses destacamentos terão por missão, policiar a zona do Exercito e fiscalisar a boa

execução das ordens e determinações de ordem policial, emanadas do Comando. Estarão sob as ordens de um official superior da Legião "Chefe de Policia Militar do Exercito".

Essas funções eventuais, exigem um recrutamento muito sério, sendo as vagas da dita brigada reservadas, preferencialmente, á sargentos e Cabos da Ativa e da Reserva e na falta destes aos candidatos os mais idoneos das mesmas categorias.

s) Levando em conta a delicadeza das missões, que eventualmente lhes possam competir e para conferir aos seus membros o prestigio e a autoridade indispensaveis, as praças da Brigada de Carabineiros do Distrito Federal, serão assimilados a 2º Sargento, consoante a regra vigente em paizes modelarmente organisados neste particular, na França e na Italia por exemplo.

t) Com exeção do Distrito Federal, regido por regras especiais, compete "in totum" aos Governos Estaduais e Municipais a manutenção das suas policias preventivas (Guarda Civil e Rural e dos seus Corpos de Bombeiros).

Seus membros serão recrutados preferencialmente entre reservistas do Exercito e na sua falta entre elementose perfeitamente idoneos de outras procedencias.

## EXPERIENCIA ALHEIA

Os homens são lentos para aprenderem a experiencia dos outros e os soldados figuram entre os mais lentos.

Sir Frederice Maurice.

## COMPANHIA COMERCIO E CONSTRUÇÃO

Rua Marechal Floriano, 15 — Telefone 3-2581

ENGENHEIROS ARQUITECTOS

Projectam, constróem fiscalisam e empreitam obras de qualquer natureza. Têm instalações para serviços hydraulicos, de portos, caes e barragens.

Capital 1.600:000\$000

Seção de venda de terrenos: os magnificos lotes da Rua Saint-Roman, no Morro do Cantagalo, os mais belos e os mais atraentes de Copacabana. Vista deslumbrante, Pagamentos á vista ou a prazo e presteza na entrega dos titulos de posse.

# O QUE A INFANTARIA PODE ESPERAR DA CAVALARIA

pelos Major J. B. MAGALHÃES

(CONTINUAÇÃO DO N. 231)

## PARTICULARIDADES DO COMBATE DA CAVALARIA

Como é sabido a cavalaria tem dois modos de combater. Ela combate a pé ou a cavalo e combina ainda os dois modos de agir o que lhe tem valido retumbantes sucessos. Em certos momentos da Guerra mundial, em certos teatros de operações, essa combinação deu os mais felizes resultados. É celebre o exemplo da cavalaria de ALEMBY, na Palestina, a qual a galope, apoiada pelo canhão, fez cair resistências oferecidas pelas tropas turco-alemãs, entrincheiradas e organizadas barrando o caminho de ANGORA, sob a inspiração e mesmo o comando de VON SANDERS.

Seu combate normal, porém, hoje, é a pé. O combate a cavalo, salvo casos verdadeiramente excepcionais, não vai além das pequenas unidades. Para o regimento mesmo é já raro, quasi impossível.

O combate a pé segue o mesmo mecanismo geral do da infantaria.

As ofensivas começam sempre por uma fase de aproximação.

Mas a diferença de que aqui a aproximação faz-se a cavalo enquanto o terreno oferece cobertas que permitam evitar os efeitos dos fogos inimigos. O momento de apeiar é uma das dificuldades e ao mesmo tempo um dos pontos por onde um bom cavaleiro se revela. Apejada a cavalaria age tal como a infantaria, e os cavalos de mão acompanham de longe, sempre protegidos pelas mascaras do terreno, os cavaleiros a pé. Obtida a decisão, avançam rapidamente uns para os outros e remontada a cavalaria segue no encalço do inimigo sem hesitar para não lhe deixar folego. E esse é o seu grande segredo, sua grande força: manter um contacto incessante que não deixe o inimigo distender os

musculos para desenvolver livremente sua força ou refazê-los quando fatigados para recommençar os golpes.

A cavalaria a pé combate como uma infantaria. Constitue-se em dois escalões: um de fogo, que avança de objectivo em objectivo, outro de apoio, a base de fogo que domina ou procura neutralizar o fogo inimigo em quanto o primeiro avança. Depois o objetivo atingido ou o terreno impondo, a base protetora se desloca para se instalar mais adiante, para refazer suas condições de eficacia, seja reajustando as distancias que se alongaram de mais, seja para evitar os angulos mortos do terreno. É um mecanismo simples, mas cuja execução, cuja praticagem demanda as precauções e cuidados de que sois plenos conhecedores pois que sois infantes.

A cada novo objetivo a conquistar retoma-se a progressão pelo mesmo processo: o escalão de fogo inundando o terreno em sua frente com seus fogos, realizando o que se chama a plenitude de fogo; a base de fogo cobrindo-o e protegendo-o naturalmente nos flancos e intervalos mal batidos por ele.

Na defensiva tambem o processo é o mesmo e se funda num dispositivo que tem por base uma linha de resistencia, a organização dum plano de fogo capaz de assegurar deante dessa linha uma barragem, sempre continua (plenitudes de fogos), densa e profunda si possível.

Mas si o mecanismo do combate a pé, ofensivo ou defensivo, é o mesmo que o da infantaria, profundamente diferente é a mentalidade que rege o combate duma e doutra arma.

A infantaria, arma lenta, explora sobretudo a densidade, a successão, a continuidade dos esfoços, quer na defensiva quer na ofensiva.

A cavalaria arma essencialmente

movel, explora a **subtaneidade do esforço**, a surpresa pela manobra. A infantaria tem sua principal força na **densidade** e profundidade de seus fogos. A cavalaria tem-na na **possibilidade** de desenvolver rapidamente uma **continuidade** de fogos **lineares** barrando ou fuçando o inimigo por toda parte, exercendo apenas uma ação **densa e profunda**, num ponto determinado que, graças á sua mobilidade, pôde fazer variar com certa facilidade, as vezes no mesmo dia.

Daí se origina que a **manobra** é um recurso essencialmente cavaleiro.

Um combate de cavalaria consistirá sempre, salvo, excepcionalissimos casos, numa ação de frente, combinada com uma ação de flanco ou de ala.

Si ela não dispuzer de espaço para se desenvolver e manobrar, ficará reduzida a operar como infantaria e então não poderá tirar partido de seus principais recursos.

Isso leva os cavalerianos quando exercem uma ação ofensiva a distinguirem sempre, correspondendo a uma dispositivo que lhes é peculiar:

— **uma frente de acção** — que é toda a largura da zona em que a cavalaria pôde ser chamada a combater e que corresponde á zona de ação que lhe foi fixada pelo comando.

— **uma frente de combate** — que é aquela em que uma força de cavalaria pôde se bater, com seus meios eficazmente, em terreno de dificuldades medianas, ofensiva ou defensivamente.

— **uma frente de ataque** — que é a parte, o ponto da frente de combate sobre o qual o chefe decide fazer seu esforço.

A primeira pôde atingir extensão consideravel e depende da possibilidade da cavalaria poder acorrer a qualquer ponto. Quanto maior, é a frente de ação, maior é em consequencia o escalonamento em profundidade o que depende tambem das possibilidades que o terreno oferece ao movimento e da capacidade da tropa nesse ponto de vista.

A segunda, dadas as necessidades do mecanismo do combate, onde poder

manter a continuidade do fogo é essencial, restringe-se consideravelmente. Nela figuram os elementos que combatem propriamente ditos e não aqueles que fazem por exemplo a segurança dos flancos e vigilancia.

Do combate ofensivo ao defensivo essa frente difere consideravelmente, pois no primeiro será preciso obter em determinado ponto, aquele em que se quer obter a decisão, maior densidade de meios, maior capacidade de esforço.

Para atingir esse resultado o comando é muitas vezes levado, num combate ofensivo, a manter uma parte da frente em atitude defensiva tirando partido do terreno, dos obstaculos que ele oferece; outra parte numa atitude mais ou menos ativa; enquanto que noutra ele desenvolve o maximo de **energia** e de **vivacidade**.

Essa, forma a **terceira**, a **frente de ataque**, que depende sobre tudo, não dos elementos que a cavalaria pôde aí empregar, mas das possibilidades da artilharia que a apoia, cujos recursos são limitados, como já vos demonstrou o illustre artilheiro que me precedeu aqui.

Tais frentes medias podemos apprecia-las nos seguintes algarismos:

#### QUADRO DAS FRENTE DE COMBATE MAXIMAS

	frente de ação	Combate	Ataque
D. C.			
Ofensiva	40 kms.	7 a 8 ms.	1.5 a 2 hms. si ela dispõe de 3 grupos
—Defensiva		15 kms	
	Para as unidades menores		
	R. C.	Esquadrão	Pelotão
Ofensiva	700 ms.	300 ms.	a 100 ms.
Defensiva	1000	a 400	
	1200		200

Antes de passarmos ao exame das missões conversemos um pouco sobre o combate a cavallo, a respeito das ações a cavallo.

Eles não são mais considerados possíveis hoje para grandes unidades, nem

mesmo diante os exemplos da campanha da Palestina. E essa exclusão, o reconhecimento de tal impossibilidade, é rasoável, porquanto, o cavaleiro a cavalo, muito vulnerável, é como que uma excrecência no campo de batalha moderno, que se apresenta vazio aos olhos de quem o observa. **O vazio é a característica dos campos de batalha.**

Mas as metralhadoras e canhões de tiro rápido que conduziram os combatentes a se interrar e a produzir o vazio no campo de batalha, são manejados por homens, isto é, por seres susceptíveis de se desmoralizarem.

E essa desmoralização, que é causada pela incompreensão dos deveres, pela indisciplina, pela fadiga, pela incompetência do comando, etc., abre exceções á regra e deixa ao espírito cavaleiro, sempre vivo, atento e audacioso, ocasiões em que a pata de cavalo e golpes de sabre, resolve certos problemas, aparentemente difíceis.

Nessa mesma campanha da Palestina ha um exemplo que convem reter e meditar, ele vos ajudará a compreender "o que póde a infantaria esperar da cavalaria" em seus momentos de dificuldades.

Em 1918 a infantaria da brigada do General ONSLOW do exercito de ALLENBY está detida diante de NAPLOUSE, num terrível impasse.

NAPLOUSE está ocupada e parece organizada. Em todo caso resiste e ameaça estancar o livre curso da perseguição.

ONSLOW está perplexo e furioso. Terá ele de parar 24 horas para que por um ato de força rompa a defesa das orlas de NAPLOUSE?

Às 13h,30 recebe a má nova do fracasso de sua última tentativa de varar com seus auto-metralhadoras a linha inimiga. Estes foram repellidos e tiveram de recuar apressadamente procurando um abrigo.

ONSLOW reúne seu E. M. Que fazer diante de uma posição tão formidável como a de NAPLOUSE num país **certado e movimentado** como aquele?

Ha silencio, apenas interrompido pelos gestos nervosos e irritados do General. Seu olhar crava-se interrogativa-

mente sobre uns e outros. Ninguém responde. Mas ao canto da sala, meio retraído ONSLOW percebe um tenente dos **spahis**. É o Ten. NERET oficial de ligação do regimento francês das tropas de ONSLOW.

O General vae direito a ele. E, sublinhando cada frase com um incisivo golpe de stick sobre o peito de seu interlocutor ordena-lhe:

"Ide procurar o Coronel LEBLON. Que ele faça um dos seus Esquadrões reconhecer as proximidades da cidade. Que ele me informe sobre a força do inimigo, sobre as posições que ele ocupa e que me ache um ponto vulnerável pelo qual eu possa atacar a fundo com toda minha gente. Ide e agi depressa. O tempo urge".

NERET sem perda de tempo, a pleno galope e através de balas da infantaria inimiga e de estilhaços de schrapnellis alcança o **Regimento Mixto de cavalaria do Oriente**.

O Ten. Cel. LEBLON reflete em meio de seus tres capitães que assistiram a transmissão da ordem de ONSLOW. Missão perigosa. Como será possível aproximar-se da cidade? Poderá um esquadrão fazer o que não foi possível a toda uma Bda. I, e aos autos metralhadores?

Mas trata-se de uma ordem e estas são dadas para ser executadas.

Designado o esquadrão GUICHARD, a quem tocava a escala, este parte a cavalo sem perda de tempo, precedido de uma vanguarda comandada pelo tenente ZANIT.

NERET, acompanha-o tomando por pretexto que um oficial de ligação deve se assegurar da execução das ordens que transmite...

O Esq. toma a formação de marcha de aproximação, pelotões divididos em pequenos grupos aproveitando as cobertas do terreno.

Ao se aproximar das linhas ocupadas pelos australianos os oficiais aconselham ao Ten. ZANIT a não se fazer massacrar inutilmente. Realmente a situação é clara, mas insustentável. A artilharia inimiga apercebida da presença dos cavaleiros envia seus saúdares desa-

gradáveis. Só ha 2 soluções, recuar ou forçar o avanço.

Uns segundos de hesitação e "allons y" sobre em mão e ao galope.

E assim rompem os spahis a linha que cobre NAPLOUSE sob o enorme e ensurdecedor crepitar das metralhadoras cujo fogo toma a intensidade maxima de ambos os lados.

Surpreendem uma Bia. e depois de neutraliza-la a golpes de espada galopam para NAPLOUSE.

E, cousa espantosa, 18 cavaleiros, conduzidos por dois officiaes audaciosos, se apoderam de uma cidade fortificada, sede de um Q. G. de exercito e defendida por alguns mil homens.

Atraz desse pelotão verdadeiramente cavaleiro, seguiu o resto do Esquadrão sem hesitar, o que constitue um ato excepcional em abono do espirito de solidariedade militar, e da coragem das responsabilidades como do sentimento das conveniências por parte do capitão que o comandava.

Quantos não teriam deixado por melindres, por vaidade ofendida ou por incompreensão do momento, perder-se o pelotão audacioso e desobediente?...

Ao receber a comunicação do que sua jovem e ardorosa vanguarda tinha resolvido fazer, o capitão deste esquadrão decidiu apenas: **Está bem, eu os apoio!**

Mas não se esquecendo, por sua vez, de mandar prevenir do que ocorre o Cmt. do Regimento!

O Ten. Cel. LEBLON que vae fazer? Lança seus dois esquadrões em apoio do primeiro e termina, com os autos metralhadores que o seguem de perto, a obra iniciada!

A população sentindo os cavaleiros aliados na cidade facilita tudo com sua simpatia. E assim, dentro em pouco, os 2 R. I. australianos da Bda. ONSLOW podem retomar sua progressão e ir juntar-se aos cavaleiros.

Não convem, porém, encerrarem-se estas referencias as modalidades do combate de cavalaria sem referir a uma das mais **correntes e peculiares á arma.** — a ação retardadora. E' uma forma de combate defensivo, de **defensiva movel.**

Ela consiste apenas em desenvolver

deante do inimigo uma **barragem de fogos longinquos** que faça parar, exitar, desenvolver suas formações para poder progredir. E, essa progressão acentuada, antes que haja organizado o inimigo seus fogos em um **sistema eficiente**, antes que haja atingido distancia donde suas armas de fogo adquiram eficacia, em abandonar o terreno e vir mais atraz, noutra linha adrede escolhida e preparada, oferecer nova resistencia.

O difficil na ação retardadora é não se deixar aferrar, abordar pelo inimigo, **intimidade** que uma vez realizada só com a ajuda da noite ou de terrenos muito cobertos, é possível desfazer.

Em ultima analise, o mecanismo da ação retardadora é o mesmo do que o de um combate em retirada, mas entre o exercido pela infantaria e o da cavalaria ha uma diferença capital.

Nessa especie de combate vós **infantes**, vos desdobrais em regra em dois escalões: um se instala em quanto o outro detem o inimigo. A cavalaria, não. Seus meios estão sempre no primeiro escalão. A' retaguarda ela não tem mais que elementos de balisamento e preparo da nova posição e de acolhimento. E isso é possível por causa da sua mobilidade, da facilidade com que se pôde desprender do combate e furtar-se aos golpes do inimigo. Basta que tenha o cuidado de deixar perto, convenientemente abrigados e repartidos pela frente occupada, seus cavalos de mão, suas motocicletas, ou automoveis.

Si meditardes sobre a ação retardadora concluireis facilmente que ela só é normalmente possível a uma cavalaria que disponha de armas capazes de **atirarem longe: metralhadora e canhão.** O F. M. não é arma de ação retardadora.

Quer isso dizer que o vosso esquadrão divisionario e o vosso pelotão de R. I., a menos que não lhe dêis metralhadoras, não são elementos proprios ao exercicio de tais ações.

Além disso, a ação retardadora só interessa quando puder ser exercida numa **larga frente**, largura sem duvida relativa ao elemento que dispõe da cavalaria, para tornar morosos e dificeis os desbordamentos.

## AS MISSÕES

Com as propriedades que vimos de vêr a cavalaria é uma arma eminentemente própria para as missões que exigem **movimentos rápidos** e **ações longinquas** e devem ser cumpridas numa larga frente ou zona de ação.

São tais missões que condicionam a existencia da arma.

A essas **missões** portanto se subordina a escolha dos meios de que usa a arma e também sua **organização**.

Muitos, mal avisados, subordinam a existencia da cavalaria a utilização do cavalo, que tende evidentemente com os progressos da industria, armamento e quimica, a desaparecer do campo de batalha. E' um erro grave de interpretação dos fatos da guerra. Com cavalo ou sem ele, a cavalaria sempre ha de existir porque sempre o comando precisará de **informar-se a tempo**, de **manter o contato** e **vigiar o inimigo a distancia**, como de **retardar-lhe a progressão**.

A cada novo engenho permitindo ir longe e mais rapidamente que o cavalo, os homiens apressados em tirar conclusões, anunciam a morte da cavalaria, entretanto a cavalaria absorve os novos engenhos, tira deles todo partido que é possível, desenvolve-se, alarga sua esfera de ação, aumenta suas possibilidades e não desaparece.

Assim é com o motor e assim foi com a aviação.

E isso, senhores, porque só ela com sua **organização**, com sua **flexibilidade**, com sua rapidez de movimentos, com sua potencia de fogo, é capaz de ir ao encontro do inimigo e nunca mais deixa-lo escapar, quando bem aplicada e comandada.

A aviação salta por cima dos bosques e não vê o que se passa aí como sob as nuvens e em meio de cerração e só é capaz de contatos intermitentes. O motor, avança ás cégas amarrado ás estradas ou perde tempo consideravel em investigações que a segurança de seu movimento exige, ou em desembaraçar o caminho que o inimigo destruiu e, salvo para as viaturas blindadas, os contatos das tropas motorisadas, são feitos a pé.

Só a cavalaria, combinando a avia-

ção, o motor e o cavalo, em proporções variaveis com a natureza e as necessidades do teatro de operações em que é chamada a operar, é capaz de ver o que se passa longe, atraz da frente inimiga;

— de manter o contato de seus elementos mais avançados balisando-lhe passo a passo e instante a instante, permanentemente, os avanços e os recuos, quer haja nevoa, quer chova ou não, quer faça dia ou noite;

— de fazer acorrerem suas reservas deixadas para traz e **insuspeitadas**, sem perda de tempo, sobre um ponto sensível e aí por um ato de força romper o véo com que o inimigo esconde seus segredos ou sentir o valor real da sua resistencia;

— de fazer variar em horas os pontos de sondagem, golpes de força que experimentam a resistencia da muralha com que o inimigo se protege;

— de estender rapidamente deante dele uma cortina de fogo extensa e continua que o detenha momentaneamente ao menos retardando sua progressão;

— de, precedendo a infantaria, por sua velocidade, meter a mão sobre os pontos do terreno que esta necessita para cobrir seu desenvolvimento, demarcar seus ataques, ou instalar-se solidamente;

— de indicar á infantaria os percalços que pode encontrar em seu avanço para o inimigo, ou de cobri-la, dando-lhe tempo a que se afaste e se ponha a salvo dos golpes de um inimigo mais forte.

Tendes aí uma idéa das missões da cavalaria e de sua colaboração com a infantaria as quais são em seguida examinadas.

Exame sumario. Aqui não se tratando de fazer um curso de cavalaria o sim, apenas, de dar-vos uma idéa da colaboração que dela podeis experar, bastarão algumas indicações sobre a natureza de tais missões e o modo da cavalaria as desempenhar para que de futuro a possais empregar com efficacia, e **harcimonia**, para que ela nunca vos falte nos momentos em que se faz mais preciosa.

“A cavalaria informa, cobre e combate, em cooperação com as outras armas.”

Como informa?

Ela informa por meio da exploração e por meio da descoberta.

A exploração que se faz preceder da descoberta, é sempre por meio do combate que se processa, é a operação de informação própria ás massas de cavalaria tendo por base a D. C.

A descoberta é a operação própria aos pequenos elementos de cavalaria de pouca potencia ofensiva e em consequencia pouco proprios aos atos de força sendo sobretudo capazes de se locomoverem rapidamente.

Quando a aviação, os agentes, ou outras fontes de informações quaisquer denunciam ao comando a existencia do inimigo numa direção ou em determinada zona, este lança aí sua cavalaria para certificar-se, tomar o contato e mante-lo ao corrente do que se passa.

Ela parte, então, na direção indicada pelo comando com um fim precisamente determinado — na definição do qual além da natureza das informações que ela deve recolher, da zona do terreno que ela deve investigar ou em que deve operar, ha de estar indicada se o comando não está viciado em conjugar o verbo abdicar — a conducta a ter em caso de encontro com o inimigo, isto é, ao estabelecer o contacto com o inimigo.

A vós que tereis mais tarde ou talvez amanhã mesmo de empregar a cavalaria, não é demais insistir sobre esta necessidade primordial, capital, indispensavel, de jamais se lançar ao contacto do inimigo sem lhe precisar a conduta a ter quando o encontrar.

Certamente um cavalieriano inteligente e vivo poderá em muitos casos, pelo conhecimento que tenha das operações em curso, deduzir o que convem ao comando que seja feito por ele, mas lembrai-vos que este raciocinio e locubrações intellectuais, tomam tempo no campo de batalha e de que a cavalaria tem seu successo assegurado pela mobilidade, velocidade dos deslocamentos e rapidez de ação.

Essa indicação da conduta a ter em caso de encontro com o inimigo, além de evitar toda perda de tempo, empenha a responsabilidade do comando na conduta da cavalaria e si este não é um nulo,

um simples ocupante de um posto, é cioso de suas responsabilidades.

Conhecendo, então, as informações que vai colher e onde deve colhe-las bem como o procedimento que terá em face do inimigo, a cavalaria avança rapidamente na direção indicada, mas cautelosamente. Ele progride por lanços, de linha do terreno em linha do terreno que lhe assegure, ao fim de cada lançaço, vantagens já para prosseguir em sua intenção de abordar o inimigo, já para barrar o caminho se este avança a seu turno.

Como avança no desconhecido, ela lança para frente órgãos de investigação a distancia tal que em caso de presença do inimigo a informem bastante a tempo para que possa tomar uma decisão; e órgãos de segurança, que evitem qualquer surpresa ao passar de um lançaço a outro.

Os primeiros elementos constituem a descoberta, os segundos os destacamentos de segurança Vg. Fg. etc.

A descoberta verifica si o inimigo existe ou não nas direções e pontos em que é lançada pelo comando e este, informado por ela, tendo em vista a missão, o que lhe cabe fazer, decide em consequencia como deve proceder, que medidas tomar, para prosseguir na realização de sua vontade. Si a descoberta esbarra numa frente toda hantida pelo inimigo sem intervalos por onde ela possa passar, mantém o contato, informa e guarda a chegada da coluna.

Esta aproxima-se. Reduzida a distancia que a separa da descoberta e do inimigo, ataca-o num ponto que pareça favoravel e rompe a cortina que detinha a descoberta. Esta lança-se novamente para frente, renovada ou não.

Si a descoberta esbarra de um lado numa frente de fogos continuos, sem intervalos, que não pode varar, e si de outro encontra o caminho livre, ou uma frente inimiga descontínua, com intervalos sem fogo, e penetraveis, é desse lado que o chefe da cavalaria conduzirá seu grosso.

Do que ocorre informa a cavalaria sempre á autoridade que a enviou, os vizinhos e as Vg. que a seguem, se fôr o caso. Para isso a cavalaria deve ser rica em transmissões.

Este modo de proceder é o mesmo para toda cavalaria quer seja um C.C., uma D.C. ou um simples esquadrão, mesmo um pelotão, mesmo o pelotão dos R. I.

Certamente cada um desses casos comporta modalidades de emprego e de procedimento que seriamos forçados a salientar si aqui se tratasse de estudar o emprego ou a táctica da arma. Tratando-se, porém, apenas de noções que habilitem a compreender "o que a infantaria pode esperar da cavalaria", parece suficiente o que fica dito.

Procedendo assim ela informará o Comando tanto melhor e mais precisamente quanto este melhor conhece-la e melhor souber dar-lhe sua missão.

Si ele a lançar no espaço sem saber dizer-lhe o que quer e, embaraçado, **pedir-lhe para resolver o seu problema** — bater o inimigo — por força que ela se esgotará e em pouco tempo desaparecerá do campo de batalha.

Assim ha de acontecer si pedirdes ao vosso pelotão de R. I. mais que simples vigilância, o reconhecimento de um eixo ou a guarda de um ponto durante um tempo limitado, como acontecerá ao comandante da D. I. si quiser que seu R.C.D. faça o papel de cavalaria de Exercito.

E' sobretudo a distancia a que ides lançar vossa cavalaria e para duração de sua missão, se esta exige ato de força, que deveis prestar toda atenção. Limitai os vossos pedidos de informações ás vossas necessidades. Si vossa etapa na jornada é de 20 kms. que interessa saber o que se passa a 60 kms.? Que interessa ao R. I. saber o que se passa além, já num raio de ação sobre cujos acontecimentos só o Cmte. da D.I. pode influir?

Si atentardes á essas necessidades tereis sempre cavalaria para informar-vos da presença ou da ausencia do inimigo nos pontos que vos interessam e para **cobrir-vos**.

### MISSÃO DE PROTEÇÃO OU COBERTURA

Uma cavalaria que tomou o contato do inimigo passa em regra da missão de informação a missão de proteção, salvo

si são contrarios os interesses do comando.

Eis aí mais uma razão para que indiqueis sempre a vossa cavalaria a conduta que ella deve ter deante do inimigo.

### COMO COBRE A CAVALARIA?

As modalidades dessa missão da cavalaria são diversas. Mas entre as missões de procura de informações e as de proteção, ha uma diferença essencial que cumpre assinalar. A cavalaria que vai a procura do inimigo vai ao seu encontro e tem seus movimentos livres, seu destino, sua conduta, ficam presos ligados ao inimigo que procura. A tropa que a envia tem para ella um interesse secundario. A cavalaria que tem missão de segurança não. E' justamente ao contrario, é á tropa a quem protege a que se subordina. Ella não se afasta além do limite que interessa á essa segurança, mantem-se no terreno que convem, atenta ás direções perigosas ou move-se conforme os movimentos da tropa a quem protege, investigando o terreno deante dela.

Eis aí as duas modalidades mais gerais da missão de segurança exercida por uma cavalaria qualquer, conforme cobre ella uma tropa em movimento ou uma tropa em estação, parada.

A execução dessas missões, seu modo de proceder, varia notavelmente com a distancia em que se acha a ameaça, o valor dessa ameaça, o espaço que lhe é concedido para manobrar, o tempo em que deve durar a missão de segurança e a natureza do terreno em que ella opera.

De qualquer modo, a cavalaria de segurança procura antes de **mais nada** estender deante de si uma **rêde de descoberta** que a informe. Mas aqui essa descoberta não é dirigida sobre o inimigo como na exploração. Seu raio de ação é mais limitado. O que interessa á segurança é saber si o inimigo atingio tal ou quais pontos e portanto precisar o grão da ameaça que pesa sobre o elemento que cobre,

Si ella cobre uma tropa parada, occupa os pontos interessantes do terreno de modo a crear se possivel uma linha continua de fogos e a guardar elementos em

reserva. Deante dessa linha ela estende uma rede de vigilância.

Si ela cobre uma tropa em movimento, desloca-se na frente dessa tropa a distancia conveniente, sobre as linhas interessantes do terreno, precedida de uma descoberta. A cavalaria nesse caso se reparte pela zona de ação de modo a poder investiga-la rapidamente e a cobrir todas as direções interessantes. Num flanco, move-se ela ou ocupa o terreno, durante o tempo necessario para que a tropa não corra maior risco.

Si encontra o inimigo, assinala sua presença, toma e mantém o contato, por meio de pequenos elementos e procura opôr-se á sua progressão exercendo sua ação caractersitica, a ação retardadora, ou aferra-se ao terreno, tudo conforme o que lhe houver ditô o comando sobre a conduta a observar em presença do inimigo, até que, alcançada pelas Vgs. da infantaria, passa-lhe as mãos, pondo-se á disposições das mesmas.

A cavalaria na segurança têm um papel de alta relevância.

Alem dos exemplos que já vos citamos relativos a falta que ela fez em 1914 em Etbe e do esquadrão divisionario do 13º Husard na região de Villers Colterets em 1918, — peço vossas atenção para o que se passou nas Ardennes em 1914, com uma Bda. da 17ª. D. I. do IV Ex.

## PROTEÇÃO DO FLANCO

“A 29 de Agosto de 1914, o IV Exercito que após o revez das Ardennes contra atacou recebeu ordem de seguir o retraimento geral dos francêses.

O movimento se executa com certa dificuldade para o IX C. A. encarregado de cobrir a retirada. A 17ª. divisão ás 16h., 30 se retira por escalões em direção da ponte de THUGNY, sobre o Aisne um pouco a S. E. de RETHEL e não tendo ainda atingido a linha dagua sua 33ª. Bda. I. é tomada de flanco por metralhadoras colocadas numa cota proxima de Rethel cujas orlas sul já haviam os alemães alcançado.

Desde a manhã desse dia a Bda. vizinha sendo coberta por 1/2 7e. Husard que cumprindo sua missão acabava

de se instalar ao N. de PARGNY — RESON.

Apercebendo dai as metralhadoras alemães não hesita. Carrega na sua direção. Surpreende frações alemães. O inimigo para o movimento e concentra seu fogo sobre esta cavalaria.

Mas enquanto isso se passa a 3ª Bda. consegue escoar-se pela ponte de THYGNY.

Esse exemplo mostra bem a importancia que ha para uma infantaria em poder contar sobre tudo nos momentos criticos com uma cavalaria no flanco. Ele vos indica tambem um dos serviços que podeis esperar ela vos preste.

Falta-nos agora apenas vêr a cavalaria no combate em ligação com as outras armas.

Essa colaboração se manifesta notadamente para cobrir os flancos das tropas engajadas, para preencher um intervalo que abre entre os dois elementos e assim restabelecer a continuidade da frente ofensiva ou defensiva, ou então mais caracteristicamente para a manobra sobre o flanco inimigo ou pelos intervalos que se abrem no seu positivo.

Quando cobre um flanco age segundo os principios gerais que já indicamos.

Quando exerce a ligação entre dois elementos, procura tirar partido de suas propriedades para ocupar os espaços as vezes enormes que se apresentam para preencher com seus fogos, sua mobilidade e seu espirito ativo...

Tendes do que pode fazer e ao qual é arastada uma cavalaria em tais circunstancias, um brilhante exemplo nas operações da primeira batalha do MARNE. A cavalaria alemã, viu-se em dado momento em serias dificuldades para preencher o intervalo que se abriu entre VON BULOW e VON KOLUK, intervalo que chegou até 40 kms.!

E se não fosse ela defendendo as passagens do Grand e Petit Morin, do Ourcq etc. e vigilante sobre as ameaças do inimigo VON BULOW e VON KLUCK talvez fossem separados definitivamente e formidavel seria o desastre germanico.

## EXPLORAÇÃO DO EXITO E MANO- BRA DE FLANCO

Mas é na **exploração** do exito e na manobra sobre o flanco que a cavalaria encontra a melhor oportunidade de ser empregada na batalha.

Do primeiro caso tendes um exemplo classico nas operações da Bda. JUNOT — GAMBETA na frente em que servia, atravessando pelos intervalos abertos, na frente de combate galgando as montanhas Balkanicas, desbordando as resistencias que o inimigo oferece ainda aos exercitos aliados e caindo sobre as retaguuardas germano bulgaros em USKUB determinava assim a corrida para traz do Danubio. . .

A **manobra de flanco** não a pode dispensar. Sem cavalaria é ela a bem dizer impossivel. Os exemplos abundam, desde a batalha de CANNES em que a cavalaria de Anibal bateu os romanos, até a batalha do Marne, em que a procura constante do flanco de um lado e doutro para o desbordamento e o envolvimento do inimigo, determinou a chamada corrida para o mar. Ai a cavalaria teve um papel de importancia capital e bem sabido é que se não fosse a extrema fadiga e esgotamento da cavalaria francesa, talvez não tivesse tido seu inimigo tempo para refazer-se.

Não vamos aqui citar exemplos vividos para não alongarmos demasiado este trabalho mas aconselharemos áquelles que desejarem ter uma idéa sintetica do que pode fazer uma cavalaria a lerem o livro do Capitão F. GAZIN — sobre a cavalaria Francêsa na Guerra Mundial.

Queremos porém ter o prazer si nos permitis de dar-vos a conhecer um caso vivido que nos mostrará um dos aspectos da vida da cavalaria na guerra e tambem um dos serviços que podeis dela esperar.

A 13 de Setembro de 1914, o exercito de MAUNOURY segue de perto as tropas alemãs que batem em retirada. Até a vespera sua progressão havia encontrado pouca resistencia. Desse momento em diante porem o avanço torna-se mais penoso. O exercito poude transpor o Aisne em varios pontos mas as tropas encontram serias dificuldades para

tomar pé nos planaltos da margem direita, chocando-se por toda parte com a infantaria inimiga que se aferrava as orlas dos bosques ou começava a entrincheirar-se. A artilharia alemã trabalha de concerto com sua infantaria.

Por toda parte MAUNOURY ataca disposto a continuar a avançar a todo custo na direção de Oisi.

Mas a parada forçada e inesperada sobre Aisne o inquieta. Que se passa? O inimigo quer deter-se definitivamente sobre o Aisne? E' uma ação apenas para ganhar tempo preciso para organizar sua retirada?

Para responder essas perguntas é preciso vêr o que faz o inimigo atraz de suas linhas avançadas. De que forças dispõe ele? Que fazem estas forças?

MAUNOURY decide sondar em 5 direções interressantes o dominio do adversario e determina 5 reconhecimentos da 3<sup>a</sup>. D. C.

Reunidos no P. C. do Exercito os cavalarianos a quem ia incumbir a difficil e perigosa missão de penetrar atravez da linha inimiga que detem a infantaria e de informar o que se passa atraz dela fala-lhes assim o Chefe do E. M., depois de lhes haver pedido sobre a carta, e dado a conhecer, o que quer o comandante do Ex.

— Senhores, não desconheço que as missões de que sois incumbido são difficéis e perigosas. Não se trata só de tomar contato. Ser-vos-á necessario penetrar no interior das linhas, ganhar a retaguarda inimiga e vêr de modo preciso o que faz ele e o que projeta.

O General Cmt. do Ex. têm toda confiança em vós.

Ele sabe que quando apela para os cavalarianos é certo obter deles tudo que é humanamente possivel fazer-se.

## CONCLUSÃO

De tudo que acabais de ouvir é indispensavel que retenhais o seguinte:

— economizar vossa cavalaria para que ela vos possa servir nos momentos de crise;

— jamais a empregueis quando não tiverdes absoluta necessidade de seus serviços, ou em missões que outros podem desempenhar;

— empregai-a de acôrdo com suas propriedades e características e quando tiverdes necessidade que ela execute uma ação duradoura ou um ato de força, dai-lhe os apoios de artilharia e os reforços de infantaria necessarios, mas se é de missão de cavalaria de que tendes necessidade, que esses reforços não lhe quebrem a mobilidade.

—dai-lhe sempre missões precisas — direção, objetivos a atingir, informações a prestar e — não esqueçais de dizer-lhe como proceder quando estabelecer contato com o inimigo.

Si vos habituardes desde já, a poupar-la, a tratar e utiliza-la como convem

(recordando os exemplos que citamos) podeis estar certos, que nos vossos momentos graves, nas vossas maiores dificuldades do campo de batalha, ela vos saberá tirar de embaraço.

Não é que ela valha mais que a infantaria. Mas guardada a retaguarda, sem sofrer as consequencias imediatas do combate, ela intervem descansada, cheia de confiança e de vida, quando vós e vosso inimigo, caem/exangues e extenuados de lutar.

Economisai vossas cavalaria e ela quando estiverdes em seria dificuldade, saberá vos tirar na garupa...

## AOS FUTUROS ASSINANTES

Damos deste n.º alguns exemplares a mais aos nossos Representantes afim de que, a seu criterio, distribuam-nos com não assinantes, a titulo de propaganda da nossa Revista.

**SÃO PAULO**

Largo S. Francisco, 9  
Caixa do Correio 1325

**PORTO ALEGRE**

Rua Dr. Flores, 244  
Caixa do Correio, 226

# Oscar RUDGE

PAPEL — PAPELÃO — ARTIGOS DE PAPELARIA  
E BARBANTES

**RUA SILVA JARDIM N. 16**

Caixa do Correio  
1243

Teleph.: { 2 - 2860  
          { 2 - 0777

Endereço Telegraphico para todas as casas

"OSCAR RUDGE"

Rio de Janeiro

# GRUPO MANTENEDOR

*O funcionamento da sociedade e o preenchimento de seu fim é assegurado por um grupo de mantenedores composto normalmente de vinte e um membros (vd. art. 3 e paragraphos), responsáveis por todas as obrigações assumidas pela directoria para a publicação da revista.*

*(Art. 2.º dos Estatutos de 29.VII.928).*

## FUNDADORES

Estevam Letão de Carvalho, Mario Clementino, J. de Souza Reis, Bertholdo Klinger, Francisco de Paula Cidade, Brasílio Taborda, Epaminondas de Lima e Silva, Cesar A. Parga Rodrigues, Euclides Figueiredo, José P. Cavalcanti de Albuquerque, Jorge Pinheiro e Amaro A. Villa Nova.

## GRUPO MANTENEDOR

1913, 1914 e 1915 — Os fundadores mais José dos Mares Maciel da Costa.

1916 — Brasílio Taborda, Maciel da Costa, Parga Rodrigues, Bertholdo Klinger, E. Lima e Silva, Pompeu Cavalcanti, Leitão de Carvalho, Souza Reis, Paula Cidade, Euclides Figueiredo, J. Franco Ferreira, Luiz Lobo, Freire Jucá, Mario Travassos e Amaro Villa Nova.

1917 — Maciel da Costa, Parga Rodrigues, Souza Reis, B. Kinger, Lima e Silva, Pompeu Cavalcanti, Leitão de Carvalho, Enclides Figueiredo, J. Franco Ferreira, Newton Cavalcanti, Amaro Villa Nova, J. Ramalho, Marcolino Fagundes e Pantaleão Pessôa.

1918 — B. Klinger, Pompeu Cavalcanti, Pantaleão Pessôa, Lima e Silva,

Euclides Figueiredo, Souza Reis, J. Franco Ferreira, Parga Rodrigues, J. Ramalho, Leitão de Carvalho, Maciel da Costa, Newton e Cavalcanti.

1919 — B. Klinger, Pompeu Cavalcanti, Pantaleão Pessôa, Lima e Silva, Enclides Figueiredo, Parga Rodrigues, J. Ramalho, Leitão de Carvalho, Maciel da Costa, Newton Cavalcanti, Daltro Filho, Francisco José Pinto e Nilo Val.

1920 — B. Klinger, Pompeu Cavalcanti, Pantaleão Pessôa, Lima e Silva, Maciel da Costa, Parga Rodrigues, J. Ramalho, Leitão de Carvalho, Newton Cavalcanti, Daltro Filho, F. J. Pinto e Nilo Val.

1921 — B. Klinger, Maciel da Costa, F. J. Pinto, Pompeu Cavalcanti, Daltro Filho, Parga Rodrigues, Lima e Silva, Leitão de Carvalho, Newton Cavalcanti, Nilo Val, Pericles Ferraz, Eloi Catão de Moraes, Orozimbo Martins, Eurico Dutra e L. P. Souza Pinto.

1922 — Bertholdo Klinger Leitão de Carvalho, Eurico Dutra, Nilo Val, L. P. Souza Pinto, Francisco José Pinto, Lima e Silva, Maciel da Costa, Parga Rodrigues, Pompeu Cavalcanti, Pericles Ferraz, Newton Cavalcanti, Daltro

Filho, de Moraes, Orozimbo Martins, Eloi C. Catão e Brasilio Taborda.

1923 — *Bertholdo Klinger* (presidente de honra), Nilo Val, Paes de Andrade, A. Pamphiro, Orozimbo Pereira, E. Leitão de Carvalho, L. P. Souza Pinto, Eurico Dutra, Lima e Silva, Parga Rodrigues, Pompeu Cavalcanti, Pericles Ferráz, Newton Cavalcanti, Daltro Filho, Eloy da C. Catão, Brasilio Taborda, R. J. Pinto, João Pereira, Francisco Pereira S. Fonseca, C. de Abreu, Silvio Scheleder e Alcides M. Lima.

1924 — *Bertholdo Klinger* — (Presidente de honra), Paes d'Andrade, S. Scheleder, A. Pamphiro, Mendonça Lima, Nilo Val Orozimbo Pereira, E. Leitão de Carvalho, L. P. Souza Pinto, Eurico Dutra, Lima e Silva, Sílio Portella, Pericles Ferraz, Newton Cavalcanti, Daltro Filho, Eloi C. Catão, Brasilio Taborda, F. J. Pinto, João Pereira, Francisco P. S. Fonseca, Luiz C. de Abreu e Augusto C. Lima.

1925 — Bertholdo Klinger, Paes d'Andrade, S. Scheleder, A. Pamphiro, Mendonça Lima, Nilo Val, Orozimbo Pereira, E. Leitão de Carvalho, L. P. de Souza Pinto, Eurico Dutra, Lima e Silva, Pericles Ferraz, Newton Cavalcanti, Daltro Filho, Eloi C. Catão, Brasilio Taborda, F. J. Pinto, Fran. P. S. Fonseca e C. de Abreu.

1926 — A. Pamphiro, Mario Travassos, Jorge Duarte, T. Araripe, J. B. Magalhães, João Pereira, Luiz Procopio, Dracon Barreto, P. E. Pies, Alcindo Pereira, Paes de Carvalho, Sílio Portella, Nilo Val, Scheleder, Eurico Dutra, Orozimbo Pereira, Eloy Catão, Francisco Fonseca e C. C. de Abreu.

1927 — Janeiro a Junho — A. Pamphiro, Mario Travassos, Sayão Cardoso, J. B. Magalhães, Danton, Verissimo, Jorge Duarte, Jourdan, Pies, Aché, Paes de Andrade, Nilo Val, Orozimbo Pereira e Procopio Souza Pinto.

De Junho 1927 a Abril 1928, a "Defesa" saiu conjuntamente com "A Bandeira", órgão do Clube dos Bandeirantes.

1928 — Setembro a Dezembro — J. B. Magalhães, Mario Travassos, Alexandre Chaves, Muniz Barreto, Frederico Duarte, A. Pamphiro, Sayão Cardoso, Verissimo, Carnaúba, Bina Machado, Humberto Castelo Branco, Fernando Saboia, Toscano e Lage Saião.

1929 — H. Bustamante, T. A. Araripe, Alexandre Chaves, Muniz Barreto, Frederico Duarte, Mario Travassos, Bias Machado, Humberto Castello Branco, A. J. Bellaguamba, Sevilha, Ajalmar Mascarenhas, Lamartine, Toscano Lage Saião, A. Ancora, Heraldo Filgueiras.

1930 — Paes de Andrade, Bertholdo Klinger, Góes Monteiro, T. A. Araripe, Humberto Castello Branco, Alexandre J. Chaves, Muniz Barreto, Frederico Duarte, Pedro Cavalcante, Emilio L. Esteves, Benicio da Silva, Ajalmar Mascarenhas, Ivo Borges, Mario Travassos, Bina Machado, A. J. Bellagamba, R. Danton Teixeira, Lamartine, G. Cordeiro de Faria, José Faustino, A. Sevilha, Theophilo Arruda, Baptista Gonçalves, A. Ancora e Ademar Cruz.

Os estatutos de 1931, crearam a categoria de "socios", aos quais passaram as responsabilidades e encargos até então afetos ao "Grupo Mantenedor".

# A BATALHA DO MARNE

vista por um comandante de companhia

Pelo Ten. Cel. Carpentier, da M. M. F.

O 90º Regimento de Infantaria, objeto da presente narrativa, pertencera á 17ª Divisão de Infantaria e ao 9º Corpo de Exército, cujo Q. G. era em Tours. Antes da guerra 1914-1918, sua sede era em Chateauroux.

Tendo sido o dia 2 de Agosto, o primeiro dia da mobilização, a 6ª sua mobilização estava terminada e o Regimento embarcava, sendo transportado por via ferrea a E. de Nancy. Aí tomou os primeiros contatos com o inimigo.

Até 18 de Agosto de 1914, o Regimento permaneceu em Lorena. Nessa data o Alto Comando francês decidiu transportar o 9º C. Ex. á região de Mezieres, em Ardennes, para fazer frente ás tropas alemãs que, violando a neutralidade belga, constituíam uma séria ameaça á nossa ala esquerda, então desguarnecida.

A 18 de Agosto, o 90 R. I. embarca, em Nancy, na estrada de ferro e a 20 do mesmo mês desembarca, em Mezieres, passando a pertencer ao IV Exército.

De 20 a 23 de Agosto toma parte na batalha de Ardennes.

De 24 a 27 de Agosto, o 9º Corpo de Exército se retrai até a região de Launois (Norte de Rethel).

De 28 a 30 de Agosto, o 90º R. I. toma parte na batalha de Signy l'Abbaye — Rethel.

A 30 é organizado o Destacamento de Exército Foch compreendendo, entre outros Corpos retirados do IV Exército, o 9º C. Ex.

De 31 de Agosto a 4 de Setembro, o 90º R. I. continúa o retraimento por

Juniville, Berru, Condé-sur-Marne.

Na tarde de 4 de Setembro acantonada em Voivreux.

De 2 de Agosto a 4 de Setembro, o 90º R. I., tendo tomado parte em varias operações, sofreu perdas bem importantes. A 1ª Companhia desse Regimento, a qual acompanharemos par e passo, durante a batalha do Marne, foi particularmente experimentada no combate de Rethel, no dia 30 de Agosto.

O Regimento tinha poucos reservistas em suas fileiras e, quanto a oficiais de reserva, havia, em média, um por companhia; os demais pelotões eram comandados por oficiais da ativa.

Apesar da grande fadiga ocasionada por 12 dias de combate ininterrupto, das marchas forçadas e falta de reabastecimento em viveres durante varios dias consecutivos, o moral dos homens ainda era bom. Os soldados estavam informados de que o retraimento se executava mediante ordem, para evitar o envolvimento tentado pelo inimigo e permitir ao nosso Alto Comando de retomar a iniciativa das operações no momento oportuno.

## 5 de Setembro:

Retomamos a marcha, logo nas primeiras horas do dia, sempre na direção do sul. Fizemos um grande alto entre Ecury le Repos e Norméc, ás margens de um curso dagua.

O Coronel reuniu os oficiais e leu a ordem do dia do General Joffre, determinando a retomada da ofensiva,

para a manhã do dia 6. A novidade se transmitiu como um rastilho de pólvora. Todos os oficiais e soldados ficaram radiantes. Iamos enfim nos medir com este inimigo imperceptível, diante do qual recuávamos, sem combater, já há 12 dias! Os homens estavam satisfeitos e nós nos sentíamos mais á vontade. Nós que preparávamos o espirito de nossos homens para o abandono eventual de Paris e que procurávamos todas as razões possíveis para explicar essa retirada interminável!

Era o fim; acabava o pesadelo. A marcha proseguiu alegremente e todos nós tínhamos o mesmo pensamento: Iriamos lutar afinal! Nada mais deprimente, com efeito do que as jornadas sombrias de retirada, que acabávamos de viver. Chegámos a Fére Champenoise. O Tenente Bouton assumiu o comando da Companhia.

Fui visitar uma família que me havia hospedado dois meses antes, quando eu era cadete de Saint-Cyr. Puzeram-me ao par de seus receios e, dizendo que varios habitantes tinham partido, perguntaram-me se era necessario imita-los. Eu os dissuadi desse intento, dizendo-lhes que no dia imediato retomariamos a ofensiva.

O que fizeram não sei, mas, dias depois, combatia-se nas ruas da vila.

### 6 de Setembro:

Ocupo com minha companhia um pequeno pinheiral a 3 kms. S. de Bannes, onde permaneci toda jornada. A ordem do dia de Foch determinava: "Manter-se a todo custo durante 3 dias".

Segundo se disse, os alemães fracassaram sobre nossa esquerda, era preciso que elles não conseguissem a ruptura sobre nós. Durante toda noite

cavámos trincheiras face ao Norte. Procurei pôr-me em ligação com a 11<sup>a</sup> Cia. que devia ocupar Bannes. A escuridão era tremenda; a entrada do povoado encontrei o cadaver de um ciclista francês caído em uma vala e o povoado parecia desocupado. Não houve nenhuma distribuição nesse dia e sobretudo a sede nos fazia sofrer cruelmente.

### 7 de Setembro:

O bombardeio começou desde o alvorecer. Fomos tomados completamente de enfiada. Estávamos de frente para Bannes e os tiros vinham da direcção de Morains-le-Petit. Era necessario permanecermos imoveis para não sermos assinalados. Até então não havia sinão tiros da artilharia alemã, sem eficiencia e sem nos causar nenhum mal.

Ocupo uma pequena trincheira com o Tenente Bouton, 1 sargento e 4 soldados.

Por volta das 16 horas a calma se estabelece um pouco. Aproveitei essa calma para ir a Bannes com dois homens, á procura de alimento e agua.

• Mal havíamos partido e o bombardeio recomeça mais forte. O III Batalhão do 90<sup>o</sup> R. I. recebeu ordem de atacar Aulnizeux, e a preparação de artilharia começou. Baterias de 75, em posição atrás da estrada de Bannes a N. W. do povoado, atiram sem interrupção. Era um barulho infernal. As surdas detonações do 75 feriam os timpanos; os alemães respondiam; o barulho era de atorduar. Chegámos a Bannes no momento em que uma granaada alemã demolia a capela. O III Batalhão lá eslava á espera da noite. Os homens estavam satisfeitos: não tinham comido, mas beberam suficientemente.

Voltei á minha Companhia. Durante minha ausencia, uma granada caiu na trincheira que eu occupara; matou quatro homens e feriu gravemente o tenente Bouton. Assumi o commando da Companhia.

Passámos a noite na posição, sob a ação do frio.

Fomos informados sobre o ataque do III Batalhão á Aulnizeux. Combate de ruas, a noite, no interior de um povoado, occupado por um Batalhão da Guarda Prussiana. De todas as janelas e frestas, transformadas em seteiras, partiam tiros. Os homens se precipitaram ao som da carga e se empenharam numa furiosa luta corpo a corpo. Entretanto a luta era impossivel e o III Batalhão foi obrigado a se retrair. Nossas perdas foram sensiveis. Morreu o comandante Jette, chefe do E. M. da 17<sup>a</sup> D. I., que se lançou na carga, á cavallo, na testa do Batalhão. Morreram tambem os tenentes De Vareilles, Treperreau, A... B... Feridos: o comandante Royné, comandante do Batalhão, o tenente Ravenel...

### 8 de Setembro:

5 horas. Despertar em sobresalto por uma fuzilaria muito proxima. Elementos do regimento de reserva, em postos avançados, deixaram se surpreender, no bosque á nossa direita. Fugitivos do 348<sup>o</sup> (52 D. I.) retrairam-se em desordem, sobre nossa posição, vindos da direção de "Grande Ferme".

Dentro em pouco recebiamos ordem de retirada. As noticias eram más. Mortos os capitães G... L... tenente de la Bussiere, tenente L... Feridos: capitão P..., tenente D. H...

Tomámos posição atraz do Mont Aout em attitude de expectativa. As granadas são frequentes, mas espa-

lhadas por toda frente. Ha 3 dias, que não recebemos nenhuma distribuição. Nessa posição passámos a noite.

### 9 de Setembro:

Fui me estabelecer atraz da herdade de Nozel, na orla de um bosque, protegendo a artilharia. Durante toda manhã, ouviu-se o troar ininterrupto do canhão, para o lado de Mont Aout. Cerca das 10 horas uma columna de Infantaria se retraindo em nossa direção, parecia vir de Mont Aout. Os homens apesar de maltrapilhos, portavam-se com bravura; muitos não tinham mais nem o fuzil. Era o 135<sup>o</sup> que acabava de sofrer duras perdas, ficando reduzido a alguns grupos de cada Cia. e nada mais.

As baterias de 75 que estavam atraz de nós deixaram suas posições. Nós agimos de igual forma. Decididamente as cousas não iam bem.

11 horas. Cavamos trincheiras á frente do povoado Linthes, na cota 134, trabalhando febrilmente. Tinhamos ordem de deter o inimigo, a todo custo, durante 1h.30, para permitir a chegada da 42<sup>a</sup> D. I. A fome nos torturava; era o quarto dia de jejum.

Depois destes 3 dias de luta encarniçada, sobreveio uma perfeita calma. Que haverá? Falam de uma vitoria sobre Paris, entretanto não damos credito a essa versão. Os alemães não atacam mais e assim, passamos a tarde tranquilamente, mas sem compreender a situação.

Ao cair da noite, aparecem columnas de infantaria a certa distancia em nossa direita e a nossa retaguarda; é a 42<sup>a</sup> D. I. que chega. Um esquadrão de dragões se desenvolve em forrageadores e se lança audaciosamente sobre o bosque. Não se ouve um só tiro de fuzil.

A's 19 horas, chega inesperada-

mente uma ordem: equipar e marchar para a frente.

Não acreditamos no que acabamos de ouvir. Ofensiva! Como poderiam os homens executá-la? Como nos dias anteriores, nenhuma refeição tinha sido distribuída!

O troar da artilharia continúa sem repouso. Puzemo-nos em marcha, através dos pequenos pinheirais. Nenhum barulho era feito, além do estalar dos ramos e folhas secas, pisados no interior dos bosques. Desembocamos em uma clareira e deparamos com uma enorme fogueira. Era a herdade de Nozel que fôra incendiada por nossa artilharia.

Avançamos prudentemente e, quando nos achavamos a uns 200 mts. mais ou menos, surge de um bosque á nossa direita uma tropa que se dirige também para a herdade.

Francêses ou alemães? Uma patrulha é lançada.

E' o 68º, cujo objetivo era também a herdade. Cercamo-la. Na adega havia feridos francêses e alemães; alguns cadáveres; arreamentos para viaturas e cavalos; armamentos. Os alemães haviam fugido. Interrogámos os feridos francêses.

A's 19 horas, quando os homens faziam sua refeição, chega uma ordem e todos partem precipitadamente, abandonando os proprios feridos. Na mesma ocasião a artilharia francêsa bombardeia a herdade, lançando a desordem entre êles.

Esperavamos passar a noite aí, mas meia hora depois chega a ordem de partida. Os homens estão extenuados e se arrastam difficilmente. Penetramos no bosque e marchamos na direção de Morains-le-Petit.

Que noite terrivel!

Seguimos por uma estrada estreita, ou melhor por uma picada em

pleno bosque. Não nos sentiamos bem. A cada passo encontravamos cadáveres; os feridos abandonados, francêses e alemães, que, ouvindo o ruído da marcha pediam socorro. Estavamos gelados de horror. Destes pobres infelizes, quantos terão morrido de fome, de frio e á mingua de cuidados? Entretanto, não podíamos parar.

Quando chegaremos ao campo! O interior destes bosques me desagradava e, instintivamente eu verificava se o meu revólver estava bem colocado. De repente, um toque de corneta é dado á nossa direita e muito proximo de nós. E' a carga dos alemães; em consequencia o panico, a balburdia que, mesmo sem razão, tudo dilue. Ouvem-se vozes; são os alemães. Entretanto nem um tiro de fuzil foi dado.

Tivemos sorte conseguindo reunir nossos homens; aliás estas vozes pediam socorro. Eram feridos alemães, entre os quais havia um clarim e que, ouvindo a marcha de nossa columna, deram uns toques para despertar nossa atenção. Uma patrulha foi reconhece-los; pertenciam a um regimento da Guarda. Com isto perdemos 20 minutos.

Um pouco mais adiante encontramos duas metralhadoras abandonadas. Os gemidos continuavam. Nós nos sentiamos fracos de fadiga e fome. Cinco minutos de pausa seriam sufficientes para que todo regimento se lançasse á terra e adormecesse. Era preciso levar os homens até o fim e para isso faziamos constar que o acantonamento já estava proximo. A menor irregularidade no terreno desequilibrava os homens, que caíam. E sempre cadáveres; feridos, pedindo socorro! A um canto do bosque, um cavallo morto ha varios dias, te mas 4 patas esticadas. Mais adiante, alguns

alemães, já enegrecidos e irreconhecíveis, com o ventre estufado e devorado em parte pelos vermes!

Emfim, chega o alvorecer.

### 10 de Setembro.

Chegamos em frente a Morainsle-Petit. Somos recebidos com alguns tiros de fuzil. Os alemães ainda estão de posse dessa localidade. Cercamo-la, mas êles conseguem se retirar pela estrada que segue para Bergères les Vertus. Encontramos apenas 4 alemães entre as ruínas. O povoado estava transformado em um amontoado de madeira. De um monte de escombros, surgiram dois pobres velhos que tinham se refugiado num fôssco durante o bombardeio. Duzentos feridos, entre francêses e alemães, foram abandonados junto a um moinho de palha.

Os alemães foram surpreendidos e deixaram cavalos encilhados e viaturas com seus carregamentos intactos. Numa herdade a mesa está posta. A refeição dos oficiais do 8º regimento da Guarda, estava pronta, na cantina, para ser posta á mesa; essa refeição foi bem recebida. Nossos homens conseguiram colmeias e procuraram enganar a fome com seu mel. Por toda parte, nas ruas e no interior das casas, havia cadáveres de francêses e alemães.

Pouco depois, o inimigo começou a bombardear o povoado e tivemos que abandoná-lo para nos estabelecermos a S. E., num pequeno bosque, onde permanecemos toda jornada. Bala e granadas sibilavam em redor de nós. Nas visinhanças havia soldados do 32º de Infantaria mortos já ha alguns dias; cavalos sempre na mesma posição tetrica, ventre estufado, patas hirtas e voltadas para o céu. Um hussard da morte está sentado junto a uma arvore; tem ainda um pedaço de biscoito seguro em sua mão cris-

paða. Vi, caído em um fôssco, um dos meus camaradas de Saint-Cyr, com seu calção vermelho e sua faixa azul. Esses grupos de cadáveres exalam um máu cheiro penetrante.

Ao anoitecer, vimos as cosinhas do regimento chegarem pela estrada de Fère-Champenoise; até que emfim, iamos ser reabastecidos. Antes de sua chegada recebemos ordem de partida.

O regimento vai atacar Ecury-le-Repos, 3 kms. a Léste. O meu batalhão iniciou o movimento; a noite estava muito escura e avançavamos com muita prudencia, pois, a cada momento, poderíamos encontrar patrulhas alemãs. Depois de marchas e contra marchas atingimos a pequena garupa que fica no angulo formado pela estrada que parte de Ecury para W. Devemos atacar logo que os outros dois batalhões se reunam a nós.

Ha luzes a algumas centenas de metros: são os alemães que ocupam o povoado. Passou-se meia hora sem que os outros 2 batalhões chegassem! O nosso batalhão estava em formação massica, mas os homens estavam deitados em desordem. De repente a lua aparece, produzindo um belo luar que clareou toda a paisagem; estavamos a 200 mts. apenas de uma trincheira alemã! "Werda". Um clarão; estavamos descobertos. Ficamos imóveis; estavamos perdidos. Houve confusão na trincheira alemã e ouviu-se distintamente que eram dadas varias ordens. Homens cuja silhueta se projectava no horizonte, como sombras chinczas, reuniram-se a seus postos; cuve-se o ruido do carregar as armas. Seriamos muito bem recebidos! Como agir? Recuar? Era preciso reflectir e de resto era tarde de mais! Neste momento uma patrulha alemã se des-tacou e avançou em nossa direção.

Quando ela estiver mais proxima, ao meu sinal, — disse-me o comandante, — o batalhão se lançará ao assalto. A patrulha se aproxima, “Werdá”. Não nos movemos. A patrulha chega a 30 metros; “em frente”, e o batalhão parte. Fisgamos os 5 alemães de passagem. Uma fuzilaria terrível se desencadeia. Homens que caem; gritos de dôr. Meu 1° sargento morre a meu lado. Chegamos ao parapeito da trincheira alemã. Encontro aí um alemão que aponta contra mim sua arma e a dispara. Sinto uma queimadura; fui ferido no pescoço; dou-lhe um tiro com meu revólver. Neste momento ha um movimento de recuo. As primeiras fileiras foram ceifadas. O batalhão estando em formação massiça, as outras fileiras vieram se reunir a nós; houve confusão e elas fizeram meia volta. Cambaliei e caí a alguns metros da trincheira alemã. Levantei-me. Não me seria possivel ir muito longe com a saraivada de balas que passava acima de mim; colei-me então ao chão, tanto quanto pude. O sangue, que corria de minha ferida, lambuzava-me o rosto.

Pouco a pouco a fuzilaria diminue e, por fim, cessou. Um silencio lugubre caiu sobre o campo de batalha. O resto do Batalhão estava agora fóra de alcance. Que fazer? Houve um movimento na trincheira alemã, saiu uma patrulha. Lembrei-me que tinha no bolso um fiador alemão; tirei-o e o joguei para longe. A patrulha alemã aproximou-se de mim; fingi-me de morto. Os alemães viram meu rosto ensanguentado; um deles empurrou meus quadris com o pé; não me movi “Kaput” disseram êles e afastaram-se.

A lua desapareceu. Rastejei cautelosamente cerca de uns 50 metros; de repente o medo se apoderou de

mim; um medo estulto que não tinha razão de ser. Levantei e corri como um louco; meia hora depois eu chegava em Morains-le-Petit, onde já me supunham morto. Apresentei-me á ambulancia para receber curativos e depois me reuni á Companhia.

Perdi 41 homens nesse ataque. Meus quatro pelotões eram comandados por sargentos. Em seu livro “2 ans de Commandement sur le front de France”, o General Dubois, comandante do 9° Corpo de Exercito, pagina 216, fala sobre um combate muito confuso feito nesta noite pelo 347° R. I. (52° D. I.) contra Ecury-le-Repos. Na realidade, trata-se do ataque feito pelo 1° Batalhão do 90° R. I., cujas peripecias acabo de narrar.

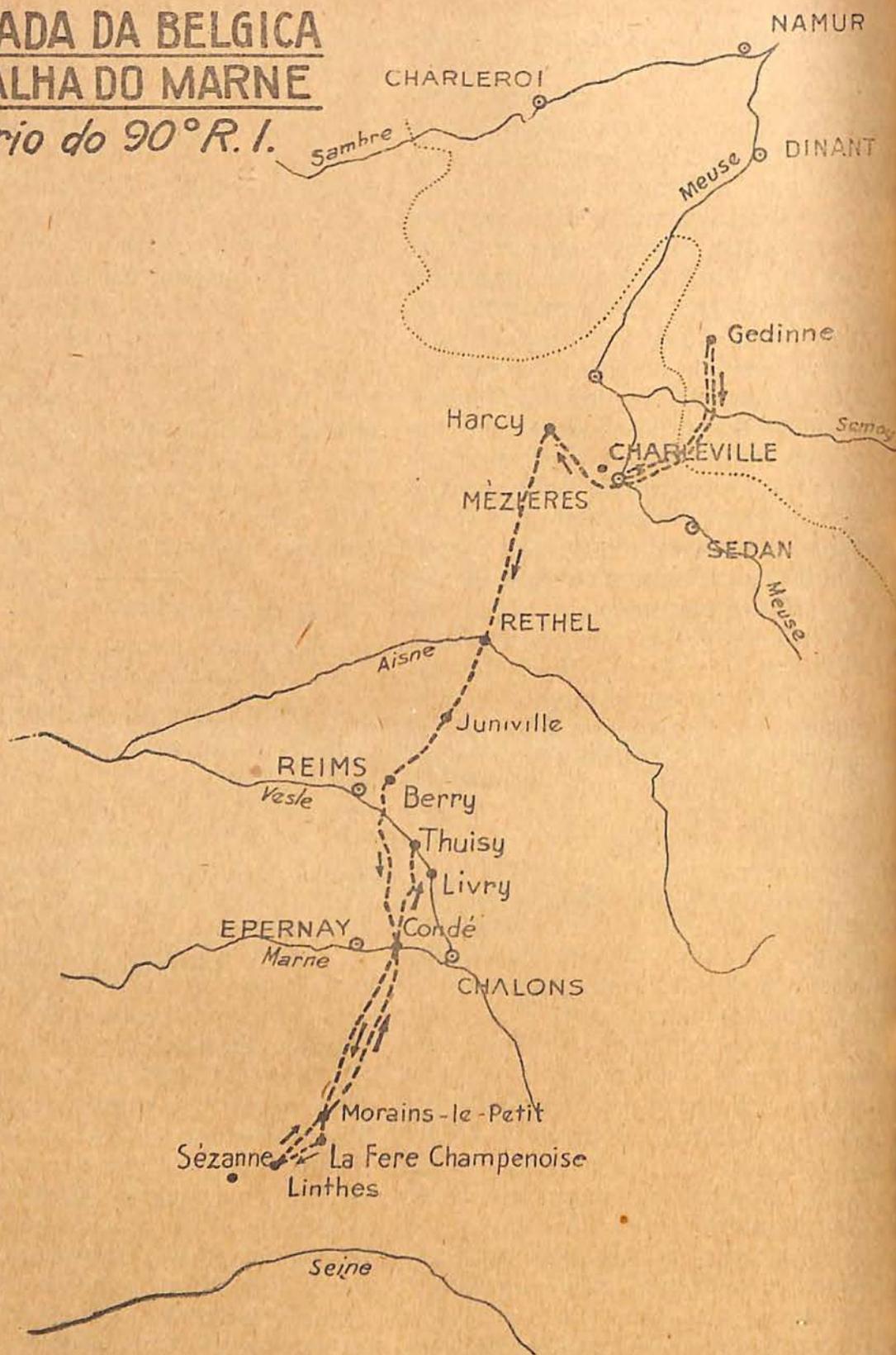
### 11 de Setembro:

Partimos ao alvorecer. Fui obrigado a fazer uma parte do percurso a cavalo. Chovia torrencialmente; depois do calor, a chuva para completar o quadro da situação. Executamos uma marcha de 40 quilometros e em que condições! Sobre estradas lamacentas, em campos arados onde nos enterravamos até os tornozelos, através bosques.

Atravessamos Voipreux, Flavigny, les Istres, Bury. Em todo percurso encontramos bolsas, equipamentos alemães, cavalos, viatura e tratores. Foi uma verdadeira derrota. Em todos os povoados eramos acolhidos de braços abertos; os habitantes ao nos verem, choravam de alegria. “Apres-sai-vos”, nos diziam eles; “ha apenas 20 minutos que os alemães passaram por aqui e estão fugindo”. Faziamos o que era possivel, mas a resistencia humana tem um limite e nós já nos arrastavamos. Que pena, que a nossa cavalaria não estivesse em condições de persegui-los.

# RETIRADA DA BELGICA E BATALHA DO MARNE

*Itinerario do 90° R. I.*



Ao anoitecer chegamos a Athis, onde nos instalamos em acantonamento de alerta, porque os alemães não deviam estar muito distante. Assim fomos proibidos de acender fogo, comquanto estivessemos todos ensoçados.

### 12 de Setembro:

Reiniciamos a marcha às primeiras horas do dia e fizemos um grande alto em frente a Condé, na margem do Marne; esperamos aí que a engenharia lançasse uma ponte de barcos ao lado da que os alemães destruíram para proteger sua retirada. Passamos o Marne e atravessamos Condé.

Na saída do povoado, o comandante Alquier, comandante do regimento, e o general Moussy, comandante da brigada, me chamaram e me deram ordem "de proseguir com minha companhia pelo canal do Marne a l'Aisne, de maneira a guardar o flanco esquerdo da Brigada que marchará na direção de Livry sobre o Vesle, ao mesmo tempo que manterá a ligação com a Divisão marroquina que progredirá a W. do Canal. Reunir-vos-eis ao regimento em Livry", acrescentou o general Moussy.

Puz-me em marcha. A chuva continuava a cair incessantemente o que tornou essa marcha muito penosa.

Não viamos nada á direita; á esquerda, conseguimos divisar as colunas da Divisão marroquina, até atingirmos a altura de Vaudemange. Nas proximidades de Billy-le-Grand, recebemos alguns tiros de fuzil, partidos de nossa esquerda. Eram alguns cavalarianos inimigos que puzemos em fuga.

A' direita e um pouco para a retaguarda de nós, os canhões troam sem cessar, o que não deixa de me inquietar.

E estes cavalarianos á nossa esquerda! A Divisão marroquina não está mais á mesma altura que nós? Emfim, tenho ordem de ir a Livry sobre o Vesle; portanto continuo.

Continuamos assim nosso caminho. A chuva era torrencial e nossas roupas tinham sido completamente varadas. O canhão calou.

Lembramo-nos de que Livry estava proximo e de que lá encontraríamos um bom acantonamento. Eis um cruzamento de estradas; acendo a lanterna electrica e consulto a carta. Estamos a cerca de 400 mts. do povoado; mais alguns minutos e chegaremos. Marcho á frente da companhia com a patrulha de testa. A escuridão era tal que eu não conseguia enxergar nada, nem á direita nem á esquerda. Subito, detraz de uma arvore existente num lado da estrada parte um grito: "Halt. Werda?" Os alemães ainda ocupavam Livry!

Fiz passar a seguinte ordem: "meia volta e entrar na vala". A sentinela alemã disparou o fuzil. "França, França", gritaram meus homens, imaginando que havia algum equívoco; a fuzilaria lhes deu resposta. Só me restava retroceder e com toda rapidez possível.

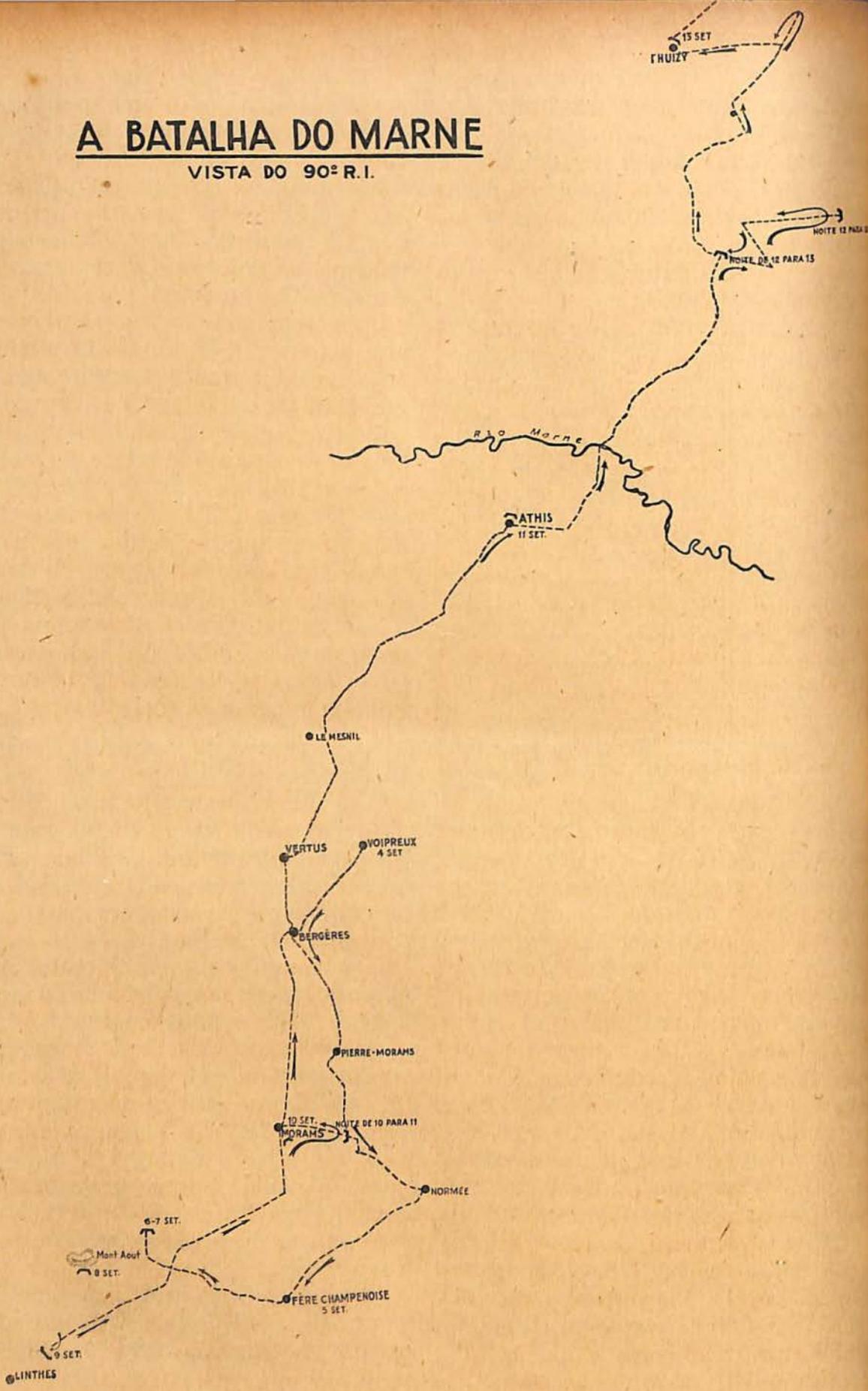
Uma galopada desenfreada acabou lançando a desordem entre meus homens. Meu ordenança, ferido, largara meu cavalo que, desorientado, partira para o lado dos alemães.

Em alguns minutos estávamos fóra do alcance das armas inimigas. Os alemães não compreenderam a situação e não nos perseguiram. Reunimos uma dezena de feridos. Meu primeiro sargento desapareceu; era o segundo em 2 dias.

Onde ir? Onde está o regimento? Não nos é possível marchar toda noite, pois os homens não aguentam

# A BATALHA DO MARNE

VISTA DO 90° R.I.



mais; entretanto precisamos nos afastar dessa região, porque é evidente que estamos no meio da linha inimiga.

Decidi, então, passar a noite nas proximidades de Billy-le-Grand em uma herdade junto do lugar em que o canal penetra em um tunel. Emfim chegamos, mas em que estado! Instalei os homens num celeiro cheio de palha. Foi impossível impedir que os homens se puzessem á vontade: descalços, desequipados e sem capote. Estavamos ensopados. Coloquei uma sentinela em cada canto da herdade e sabe Deus como nós passamos a noite lá.

No livro que já citamos, o general Dubois, na pagina 228, não faz nenhuma alusão a esta ponta da 17<sup>a</sup> D. I. que alcançou Livry-sobre o Vesle. Essa progressão entretanto conseguiu lançar alguma confusão nas linhas alemãs.

### 13 de Setembro:

A's 7 horas me preveniram de que uma coluna de Infantaria, á nossa esquerda, seguia a estrada Vaudemange-Billy-le-Grand. Era o Regimento! Eu o supunha á minha direita e êle me aparece á esquerda! Reuni-me a êle; já me supunham prisioneiro com toda a Companhia. Que houve afinal? A marcha sobre Livry foi suspensa e o regimento ficou em Isse. O coronel enviou dois ciclistas para me avisar da contra ordem, mas o tempo estava tão ruim que não lhes foi possível me encontrarem. Tinha eu, então, penetrado mais de 10 quilômetros nas linhas alemãs.

Nossa progressão continúa por Les Petites Loges, Sept-Laulx; de acordo com o retraimento dos alemãs. Era uma verdadeira caça de galgos. Levavamos deles apenas a diferença de 20 a 30 minutos. A estrada

estava balisada por mochilas e equipamentos. Em Sept-Saulx o passeio e a sargeta estão cheios de cantis... naturalmente vãos. As portas das casas e dos botequins estão arrombadas. Os barris dos botequins estão arrebentados e o vinho corre em abundância pelas ruas. Era uma tentação para nossos homens que cometeram algumas cenas de saque. Os artilheiros encheram os caixotes vãos de munição, com os cantis encontrados.

Partimos para o ataque de Proves, prontos a apoiar os batalhões de primeira linha.

Recebemos alguns obuzes, que não nos causaram perdas. Em pouco tempo estavamos em frente ao povoado. Estava êle em chamas. Nossa artilharia tinha trabalhado com perfeição e os alemães o abandonaram.

Voltamos para acantonar em Thuisy. Estavamos fatigadíssimos.

### 14 de Setembro:

O Regimento recebeu ordem de marchar para o ataque a Nauroy.

A' saída de Thuisy havia vestígios de um acampamento; cinzas ainda quentes; algumas mochilas e latas de conservas. Não havia muito tempo que os alemães tinham partido. Mais adiante encontramos um onibus de Berlim abandonado.

A progressão se executou com facilidade, até atingirmos a orla do bosque, a qual corresponde á estrada que corre a 2,km.5 e paralelamente á via ferrea.

Essa orla, porém, estava bem assinalada e, sempre que um homem aparecia, era mimoseado com uma salva de 77.

Paramos.

Nossos elementos da direita procuram avançar pelo terreno coberto, comtudo não conseguem ir longe.

Neste momento, recebi ordem de tentar progredir com a minha companhia, 1ª Cia. e com a 2ª Cia., cujo comandante, tenente L..., acabava de ser ferido. Fiz com que minhas companhias tomassem formações tão largas, quanto possível e, tomando como eixo a estrada Thuisy-Nauroy, desemboquei da orla.

Começou a chover projetis de 77; progredimos por lanços; um sinal, um percurso de 50 mts. e nos colavamos ao terreno. Com que pesar, nos recordavamos das mochilas que fomos obrigados a abandonar durante a retirada! As seis peças da bateria de 77 atiram. Entre o fim de uma salva e o começo da outra, damos novo lanço. Os alemães atiram com precisão e ra-

pidez e já tenho varios homens feridos. Percebi perfeitamente a bateria que nos atirava na orla do bosque Patron, a uns 1.500 mts., conforme pude avaliar com meu binoculo.

Mas o inimigo percebe o perigo desencadeia um tiro de 105 percententes sobre a antiga "via romana", precisamente no momento em que eu a alcanço com meus primeiros elementos.

Um dos primeiros obuzes explodiu de perto de mim. Fui ferido com varios homens de ligação; passei o comando das duas companhias a um sargento; comtudo a progressão não pôde ser retomada.

Esta jornada assinala o inicio da guerra de posição.

## **DIAS, AMORIM & Cia. Ltda.**

**RUA SÃO PEDRO N.º 103**

**TELEPHONE 4-4830**

**Endereço Telegraphico: GUERMARIN**

**FORNECIMENTOS MILITARES**

**FAZENDAS - CORREIAMES - PAPEIS**

**S. PAULO - BELLO HORIZONTE - PORTO ALEGRE - RECIFE - BAHIA - VICTORIA**

**RIO DE JANEIRO**

## **Administração de "A Defesa Nacional"**

Na Assembléa realizada no dia 16 de Outubro, procedeu-se á eleição para o "Grupo de Administração", cuj deverá dirigir os destinos da Sociedade no bienio 934-935, sendo eleitos:

**PRESIDENTE** — Major João Batista de Magalhães.

**SECRETARIO** — Major José Faustino da Silva Filho.

**GERENTE** — Capitão João Batista de Matos.

**CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO** — Ten. Coronel Gervasio

Duncan; Majores Renato Batista Nunes e Emílio Rodrigues Ribas Junior; Capitães: Artur Carnáuba, Alexandre J. G. da Silva Chaves e Larmartine Pais Leme.

**SUPLENTES** — 1º, Capitão A. B. Gonçalves; 2º, Capitão Lage Saia; 3º, Ten. José Sales; 4º, Ten. Armando Rabelo de Oliveira; 5º, Capitão Decio Escobar; 6º, Capitão Augusto da Silva Sevilha; 7º, Capitão José Lima Figueiredo e 8º, Capitão Armando Moraes Ancora.

# SERVIÇO EM CAMPANHA

## BALISAMENTO DE ITINERARIO

(NOTAS PARA AULAS)

Pelo Cap. PAULO LOPES

### I — FINALIDADE:

Permitir a uma coluna seguir determinado itinerario, constantemente informada sobre a viabilidade, sem cometer, portanto, erros de percurso e sempre prevenida em tempo das dificuldades eventuais de circulação.

Assim, quando um cmt. de Art. se afasta de sua tropa para ir reconhecer a posição que deverá ocupar, terá frequentemente necessidade de mandar proceder ao balisamento do itinerario mais conveniente para atingi-la.

### II — PRINCIPIO:

Colocar uma cadeia de transmissão (balisadores) que deve:

— indicar á columna a direção de marcha, evitando-lhe assim algum engano no itinerario;

— prevenir-lhe em tempo quanto a algum obstaculo na marcha (passagens dificeis, rampas fortes, falta de solidez das obras d'arte, etc.).

### III — PESSOAL NECESSARIO. FORMAÇÃO:

Em principio balisar apenas o itinerario a seguir. Empregar o minimo de balisadores.

#### Composição:

— um official;  
— um sargento (chefe da turma de balisadores);

— turma de balisadores (praças e graduados).

#### Formação:

O chefe da turma marcha a uns 20 metros dos balisadores.

Estes ultimos formam geralmente por 2, collocando-se em ordem numerica. O official marcha na frente da turma, a uma distancia pequena do respectivo Chefe. Muitas vezes se lançará mais para a frente.

### IV — CONDUTA DOS BALISADORES:

#### A) Official de balisamento.

##### Antes do balisamento:

— estudar o itinerario a utilizar;  
— calcular o numero de balisadores necessarios (função das dificuldades do itinerario e distancia entre a turma e a columna);

— determinar o processo de balisamento.

##### Durante o balisamento:

— anunciar o momento em que deve ser empregado balisador, (por gesto convencionado, por apito, etc.).

#### B) Chefe da turma de Balisamento.

##### Antes da partida:

— numerar os balisadores.

##### Durante o balisamento:

— designar o balisador a ser empregado (por gesto, o numero de balisador ou por ambos os processos).

#### C) Balisadores:

Para o que fôr escalado:

- Destacar-se da turma.
- Adeantar-se para observar a direção tomada pela turma.
- Apeiar até a chegada da coluna ou balisador que o vai substituir.
- O balisamento sendo para a unidade testa da coluna e não apenas para os elementos ligeiros que a podem preceder (Cmt., reconhecimentos, etc.) esperar a chegada do cmt. da coluna de viaturas.
- Só partir depois de bem orientar o cmt. da coluna.
- Fazer os primeiros 50 ou 100 metros a passo.

## V — PROCESSOS DE BALISAMENTO:

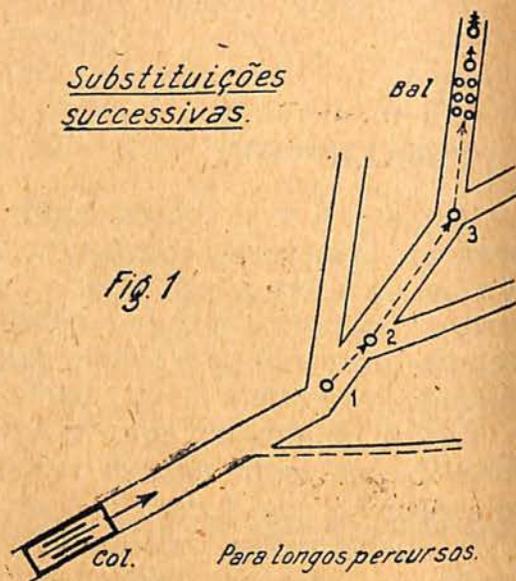
- 1º — Substituições sucessivas.
- 2º — Liberação da coluna.
- 3º — Incorporação á coluna.
- 4º — Ligação pela vista.
- 5º — Guia.

1º — **Substituições sucessivas** — A turma de balisadores percorre o itinerario precedendo a coluna e vai deixando um balisador nos pontos em que possa haver hesitação acerca da direção a tomar. Cada balisador, designado o seu posto, acompanha até certa distancia, a passo, a marcha da turma e assegura-se, com a vista, da direção tomada. Voltando ao dito posto, apeia e aí se mantém até avistar o balisador que vem á retaguarda ou, se êle fôr o primeiro balisador, a testa da coluna. Monta, então, indicando a direção que deve ser tomada e segue em andadura rapida para o posto do balisador seguinte, a fim de substitui-lo, (fig. 1).

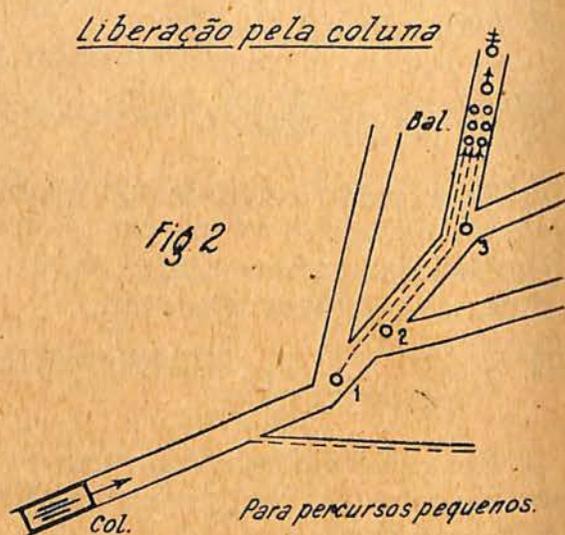
Este processo permite poupar os cavalos.

2º — **Liberação pela coluna** — A turma de balisadores procede como acima fíciu dito, cada balisador aguarda, porém, a aproximação da

coluna, e indica-lhe a direção a seguir. Ficando então completamente livre, segue pelo itinerario balisado e vai reunir-se ao chefe dos balisadores.



Este processo é recomendavel quando o balisador tiver recebido a incumbencia de transmitir á coluna uma ordem ou informação (fig. 2).



3º — **Incorporação á coluna** — Os balisadores procedem como se achá indicado no segundo processo, mas ao serem alcançados sucessivamente

pela coluna, a ela se vão incorporando.

Este processo é pouco economico, mas realizavel até com pessoal pouco instruido.

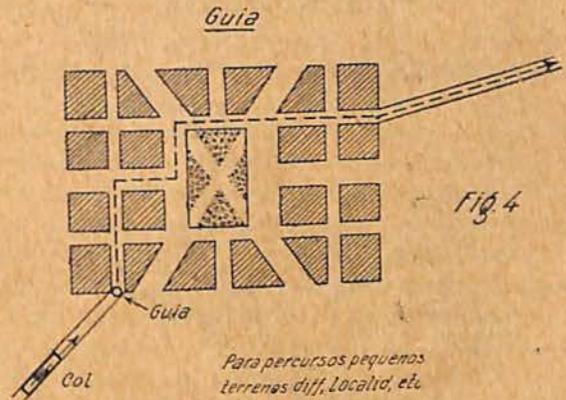
4° — **Guia** — Nos trechos de difficil percurso ou que apresentem numerosas encruzilhadas (travessia de povoados, percursos sinuosos através de zonas de terreno em que o inimigo tenha executado destruições, etc.), um só balisador toma a testa da coluna e a conduz até o ponto em que não possa mais haver dúvida sobre o itinerario a seguir. Se fôr necessario, a coluna fará alto e permanecerá parada durante o tempo de que o balisador precise para reconhecer todo o itinerario através do qual terá de guiar a coluna.

Este processo é geralmente empregado em pequenos percursos fóra das estradas e caminhos.

### INCIDENTES DIVERSOS:

O efetivo da turma de balisadores e sua velocidade de marcha dependem da extensão e das difficuldades que o itinerario possa apresentar.

Quando uma turma de balisado-



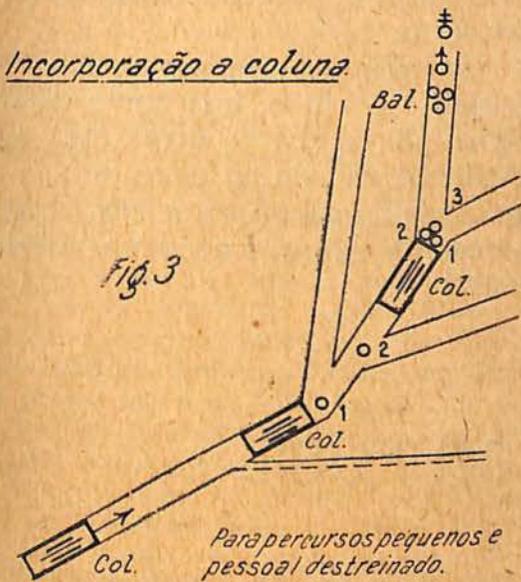
Para percursos pequenos  
terrenos diff. Localid. etc.

res é alcançada pela coluna, o chefe dos balisadores deverá pedir ao comandante da coluna que lhe conceda o tempo necessario á execução do reconhecimento do itinerario a ser utilizado.

Quando o chefe dos balisadores verificar ser impossivel utilizar o itinerario cujo balisamento lhe foi ordenado, deverá:

- 1°, prevenir ao comandante;
- 2°, mandar reconhecer as diferentes variantes do itinerario;
- 3°, não autorizar a coluna a penetrar em um novo itinerario que não tenha sido inteiramente reconhecido.

Quando o comandante prescrever á coluna uma modificação de percurso, deverá assegurar com os seus proprios meios o balisamento do novo itinerario e prevenir ao chefe e aos balisadores do primeiro itinerario a modificação introduzida.



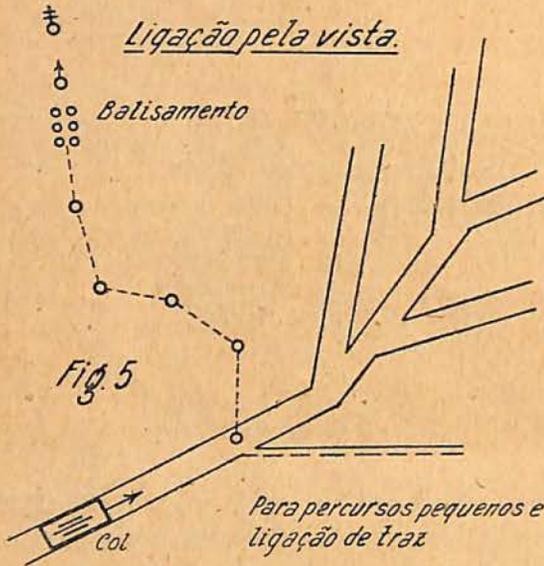
Para percursos pequenos e  
pessoal destreinado.

Este processo permite economisar balisadores.

5° — **Ligação pela vista** — A turma de balisadores marcha na testa da coluna e destaca sucessivamente os balisadores pelo itinerario que seguiu o comandante. O primeiro balisador deve ligar-se constantemente, pela vista, ao comandante e cada um dos outros ao balisador que o precede.

## CASOS PARTICULARES:

Quando uma coluna tem de percorrer um itinerario que não foi previamente balisado, deve destacar-se para a frente, pelo menos, dois esclarecedores á cavallo, os quais marcharão com a mesma velocidade da coluna e a cerca de 200 a 600 metros de distancia.



Cumpra a esses esclarecedores avisar, em tempo, á coluna a existencia de algum obstaculo, de maneira

que se evitem paradas ou movimento inúteis. Devem ser convencioneados gestos simples para esses avisos: em caso de necessidade, um dos esclarecedores serve de agente de transmissão entre o outro e a coluna.

Encontrando um obstaculo, os esclarecedores separam-se para os lados, e procuram, rapidamente, um caminho praticavel, embora mau; não se deve perder tempo em procurar o melhor. E' preciso especial cuidado no exame do estado das pontes. Em pequenos correços ou arroios é, muitas vezes, preferível passar a vau.

Mesmo nos casos em que o itinerario se ache balisado, mas os balisadores se encontrem muitos distantes uns dos outros (1.000 a 1.500 mts., aproximadamente), é aconselhavel utilizar os esclarecedores como acima ficou dito.

Nos pontos em que a travessia apresente perigos, tais como desfiladeiros, passagens de nivel, etc., o comandante da coluna deve deixar um agente de ligação para se certificar de que toda a coluna transpoz o referido ponto.

## GRANADAS DE FUSIL

A importancia da granada de fusil, mais comumente V. B., é bastante divulgada já para que seja preciso encarecer seu valor como arma da infantaria na defesa e sobre tudo no ataque.

Até aqui o alcance das granadas de fusil variava entre 70 e 180 ms.

Atuando sob certos angulos poder-se-ia fazel-as cair mais perto, 10 ou mesmo 30 mets., nunca porém mais longe.

Hoje a industria fez seus progressos no campo especial dessa arma.

Na Polonia já se substituiu o bocal V. B por um lança granadas especial obetendo-se mais precisão no lançamento e maior alcance.

Do mesmo modo na Inglaterra houve progresso com o **discharger** que permite obter o

alcance de 185 ms. com precisão acentuada.

Na America do Norte chega-se, usando uma munição especial, a alcançar 250 ms.

Na Italia dá-se grande importancia á **granada**. A companhia de infantaria italiana dispõe de 36 bocais de lançamento e a munição corresponde a 432 granadas de fusil distribuidas pelos homens.

A granada pesa 160 grms. com um raio de acção util de 15 ms. e um alcance de 30 a 200 ms. com bõa precisão podendo atingir 400 ms. com dispersão acentuada.

Finalmente a casa Madsen da Dinamarca construiu uma granada com possibilidades, indicada nas tabelas de tiro, ate 650 metros.

Qual é a nossa situação nesse assunto?

Secção  
de  
Aviação

# A CAÇA

Conferencia feita no Curso de Aereoautica da Escola Superior de Guerra, da França, pelo Commandante Crochu.

*Tradução do Major José Faustino Filho*

(Continuação do n. 231)

A zona de ação da patrulha de interdição não vae ser reduzida as dimensões que permitam uma intervenção rapida em proveito de outras aviações, operando nesta zona; só terá por limites os resultantes da possibilidade de descobrir o inimigo, isto é, 15 a 20 kms. no plano horizontal segundo a altitude, 1.500 a 2.000 metros, no plano vertical.

Um dispositivo de interdição, será, portanto, menos denso, geralmente, do que um dispositivo de protecção e exigirá um numero de aviões 2 ou 3 vezes menor.

Se considerarmos a frente de 30 kms., da nossa hipotese, veremos que para estender a rede de interdição, será preciso:

— no sentido paralelo a frente: 2 patrulhas de 3 em cada altura;

— no plano vertical . . . . . : 3 degraus, 2.000, 3.500 e 5.000 ou 5.500. Seja  $6 \times 3 = 18$ , aviões para um periodo de 1 h. 15 ao invéz de 42 para a protecção.

Um tal dispositivo é leve. Poderá deter os reconhecimentos ou os aviões fotograficos isolados, tornar impossivel o trabalho de alguns aviões de observação. Em rigor, poderá deter tambem uma formação de bombardeio comprehendendo um ou dois pelotões com a condição que todas as patrulhas do sector, alærtadas pelos arrebetamentos da A.A.A. amiga, abandonem sua zona de cruzeiro para vir concentrar seus esforços no degrau e sobre o ponto onde se apresentaram os elementos inimigos agrupados. E' tudo que se póde esperar conseguir.

Si encontrarmos um sistema de observação com diversas alturas coberto por um jogo de patrulhas de caça, não será mais possivel, com 6 patrulhas, cegar a observação inimiga sobre uma frente de 30 kms. Para attingir este ultimo fim, é preciso reforçar os meios consagrados a interdição fazendo apelo justamente a reserva de caça mantida sobre seus terrenos em posi-

ção de alerta e prestes a agir ao primeiro apelo.

Este reforçamento não deverá se efetuar aumentando a densidade do dispositivo por uma multiplicação dos degraus de patrulhas e por uma diminuição da frente de cada uma delas. Tais disposições cairiam inevitavelmente, desde os primeiros combates, em uma tal mistura das unidades que tornar-se-ia impossivel remediar a desordem resultante. E' preferivel neste caso, consttuir uma ou duas redes suplementares que operarão por vagas successivas. Desde que uma rede delinea seus ataques as patrulhas se retiram á procura do seu ponto de reunião onde se reconstituirão prestes a fornecer um novo esforço, quando as outras redes tiverem atacado por sua vez. Mas, comprehendamos, se empreguei esta expressão, "vagas", é unicamente com o fim de caracterisar o ritmo da ação e não para dar a idéa de formações massicas, identicas a que vistes no zenith de um aerodromo por ocasião do desfile aereo de um regimento ou na vertical do Poligano de Vicernes todos os anos, por ocasião da Pascoa. Cem aviões de cada lado, em uma frente de 30 kilometros, já é em relação aos efetivos atuais uma importante batalha aerea, e, portanto, para o observador terrestre, estes 200 aviões repartidos nas tres dimensões representam pouca coisa, uma poeira de aparelhos apenas capaz de chamar a atenção.

**Observemos, imediatamente, uma noção, muito importante: é que as missões de protecção e de interdição acarretam processos de execução muito diferentes, não podem ser confiadas simultaneamente aos mesmo elementos.**

Para se opor a uma expedição de bombardeio de alguma importancia é preciso só contar, vimos, com as reservas de caça em alerta, partindo de seus terrenos e por consequencia só intervindo com alguma demora. Se esta expedição de bombardeio

visa objetivos afastados da frente mais de 40 kilometros e a caça assim alertada poderá esperar atacar os bombardeadores antes que tenham atingido os objetivos e se não os detiver pelo menos vae atralhar consideravelmente sua missão.

Se ao contrario, o bombardeio adversario visa objetivos menos afastados, será difficil attingi-lo antes que tenha soltado suas bombas e é sómente na viagem de volta que poderão ser atingidos pela caça alertada. Não se trata neste caso de impedir o bombardeio, mas de uma punição depois do golpe, da qual não devemos exagerar os efeitos materiais porque um pelotão de bombardeio bem soldado luta com armas eguais com a caça; é no entretanto, uma punição necessaria: — questão de ascendentes sobre a aviação inimiga, questão de moral para as nossas proprias tropas.

Finalmente, quando fôr necessario interditar os reconhecimentos inimigos sobrevar uma zona aproximada da frente para que não se possa empregar a alerta, é preciso durante o tempo que deverá durar a interdição, manter na vertical desta zona elementos de caça calculados a razão de uma patrulha de 3 aparelhos por quadrilhatero de 15 a 20 kms. de lado, de acôrdo com a visibilidade do momento.

Determinados os dados sobre as duas missões normais de caça: "proteção" de um lado, "interdição e destruição" de outro lado, dados muito complexos eu sei, mas que, no entretanto, não poderia deixar de indicar-vos, já é tempo de tirar os ensinamentos que para uso pessoal eles contêm.

O que inicialmente nos chama a atenção é a grande desproporção existente entre os meios e as necessidades do Comando. Estabelecamos uma balanço sobre a base de nossa frente de 30 kms., um dia de bom tempo e de operações ativas, de 2 saídas de 1h. e 15" de trabalho util para cada um dos aparelhos disponiveis, aparelhos cujo numero se eleva a 4/5 do efetivo total, seja de 48 por grupo:

— 5 horas de proteção, 2 H 1/2 pela manhã e 2 H 1/2 pela tarde (2 Grupos)

— 6 horas de interdição sobre as linhas (1 Grupo).

Elementos reservados para o reforçamento, se fôr o caso, dos dispositivos de interdição e de proteção, e interceção do bombardeio adversario (1 Grupo no minimo); bombardeio adversario (1 Grupo no minimo);

seja, não contando os elementos necessarios á interdição de certas zonas de retaguarda, 4 grupos.

Quatro grupos sobre uma frente de 30 kilometros, só asseguram as missões de interdição, e proteção, repito, que não podem ser confiadas aos mesmos elementos, durante 1/2 de uma jornada de verão de 16 horas.

4 grupos a 4 esquadrilhas, sejam os 2/3 dos meios que disporemos no inicio de uma guerra, sobre uma frente destas, convenhamos, é uma dotação extremamente rica.

Será necessario, então, para a caça, pôr em pratica, até o limite extremo a economia de forças. Economia de forças realisada no sentido da frente pela concentração de meios nos setores onde a batalha terrestre deve se desenvolver com mais violencia, concentração podendo acarretar a ausencia completa de caça em uma zona desprovida de interesse e nos setores onde estiver concentrada a caça "economia de forças" ainda a procurar no tempo e no espaço.

"Economia de forças", realisada no tempo no que diz respeito á proteção da aviação, evitando não sómente a multiplicação dos períodos de proteção, como se esforçando, ao contrario, em reduzi-los, reunindo em horas determinadas as missões de observação que devem ser executadas em um sector determinado. "Economia de forças" no espaço, obtida, afastando o dispositivo de proteção das zonas das unidades terrestres que não tomam parte no esforço principal.

Economia de forças ainda realisavel no tempo e no espaço no que diz respeito ás missões de interdição e de destruição pelo emprego de uma caça mantida parcialmente em alerta e manobrando de acôrdo com as informações em lugar de se engajar inteiramente a priori, arriscando a cair no vazio.

Economia de forças realisada tambem pela entrada em comum da caça, cujos elementos passam todos da ação á posição de repouso depois á de alerta sem que uma repartição exclusiva dos meios seja feita em proveito das diferentes missões: proteção do bombardeio, interdição das retaguardas etc. . .

Economia de forças realisada ainda por uma judiciosa combinação da ação da caça da A. A. A.

Economia de forças, por toda parte e sempre, eis um principio que o Comando nunca deixa á margem no emprego da caça.

Em segundo lugar, pois que a caça não

póde fazer tudo, uma vez que os mesmos elementos não podem simultaneamente proteger, interditar ou destruir, é necessário que o Comando, em função da manobra que concebeu e do desenrolar da batalha que prevê, diga nitidamente á caça o que espera dela: proteger a aviação de observação, sobre tal frente, de tal hora a tal ou durante tal fase do combate; interditar a aviação inimiga de sobre voar tal zona a tal momento; cegar a aviação adversaria sobre tal frente durante um tempo determinado; cobrir tal ponto de retaguarda contra os bombardeios de dia etc. . . . e que fixe a ordem de urgencia em que estas missões deverão ser asseguradas. É indispensavel, com efeito, que o comandante da caça possua todos estes elementos tanto para dosar, de acordo com os resultados procurados, o engajamento de seus meios e a importancia das reservas a manter em posição de alerta como para dar aos executantes ordens precisas no que diz respeito á conduta a ter no decorrer de suas missões: por exemplo, segundo a intercepção do bombardeio superará ou não o cegamento da observação adversa, as patrulhas de um dispositivo de interdição virão concentrar seus esforços sobre o bombardeio rompendo este dispositivo ou ficarão ao contrario no seu degráo para continuar o ataque aos aviões de observação inimiga, etc.

Se o comando, porém, de acordo com as suas necessidades, e levando em conta seus meios, deve com a maior nitidez fixar os fins a atingir, deve evitar se emiscuir na execução doutra coisa que não seja para determinar o auxilio que a A. A. A., quando não está ás ordens do comandante da Uns. Aes prestará á aviação de caça. A atividade aerea adversaria, as circunstancias atmosfericas, o numero de aparelhos disponiveis e o gráo de fadiga dos pilotos, principalmente, são os elementos que variam muito rapidamente e que têm uma grande repercussão sobre o trabalho da caça para que o comando tenha possibilidades de impor as condições de execução, até mesmo a importancia respectiva dos meios a consagrar as diferentes missões. Tendo fixado o fim a atingir, o chefe confia em seus comandantes da aviação.

Quando vai o comando pedir a caça para proteger, quando vai pedir para interditar e destruir, qual a ordem de urgencia que vai dar a estas missões? Isto dependerá das necessidades taticas, dos mil meios de

caça que se dispõe comparados com o do adversario, circunstancias do momento e principalmente do fato de se possuir ou não o ascendente moral sobre o adversario. Não existe esquema da adatação do emprego da caça a manobra de terra. É no estudo raciocinado de cada caso particular que deverá achar a solução.

A titulo de exemplo, se somos ricos em caça, poder-se-á, para um dia de ataque prevêr:

—em 1ª urgencia: proteção" da aviação de observação durante as primeiras operações onde é **indispensavel** que a aviação de infantaria possa assegurar o acompanhamento ao combate; o avião de artilharia, buscar e fazer bater as baterias que se revelarem; avião de vigilancia em proveito do comando informa-lo sobre as retaguardas imediatas do campo de batalha;

—em 2ª urgencia: a destruição dos balões inimigos antes do ataque; depois a interdição durante os deslocamentos de artilharia ou movimento das reservas, que é incontestavelmente muito "**vantajoso**", mas não "indispensavel" de ocultar ao inimigo.

Outro exemplo: se formos pobres em caça, não será mais o caso de a repartir entre as missões de proteção que exigem grandes efetivos e as missões de interdição e de destruição. Não tereis muitas vezes outro meio do que atacar a aviação de observação adversaria. Obrigareis assim o inimigo a consagrar a proteção de sua observação uma fração importante de sua caça, que perdida para o combate ofensivo, deixará a vossa aviação de observação uma liberdade de ação relativa.

Qualquer que seja a situação, não esqueçais na atribuição das missões de caça, que o ascendente sobre o inimigo, noção capital em tatica aerea, só póde ser **conquistada e conservada pela ofensiva**, isto é, pela interdição e pela destruição.

Em terceiro lugar: si se trata de determinar em que quadro convem empregar a aviação de caça. Vimos que esta ultima, em função das necessidades do Comando e da atividade aerea, adversa, agia, segundo o caso, seja em ligação com a aviação a proteger, seja por sua propria conta. A aviação de observação se acomoda muito bem com a presença da aviação de caça no C. E.; poderá esperar realizar assim uma ligação íntima com ela, que na sua maneira de pensar, ela só poderá tirar vantagens. Embo-

ra estas vantagens não sejam evidentes, a economia de forças de um lado e as condições de execução das missões impostas pela dimensão das zonas aéreas de outro lado, não permitem encarar o emprego da caça em um quadro tão estreito. Uma exceção só poderá ser justificada, é quando um C. E. ocupa um setor muito grande ou nitidamente separado do resto da frente, caso por exemplo de um exercito trepado nos Voges com um C. A. mantendo a planície da Alsace.

Faser trabalhar a caça no quadro de um Grupo de Ex., é deixa-lo muito longe da aviação a proteger, muito longe da batalha e acarretará de sua parte frequentes intervenções fóra de tempo. Seu emprego neste escalão, não deve ser considerado a priori como excluído, principalmente quando o grupo de exercito mantiver ás suas ordens diretas as unidades de bombardeio tipo médio.

**E', então, senhores, no quadro do exercito que a caça será normalmente empregada.**

Finalmente, a facilidade de deslocamento da aviação de caça e seu raio de ação permitirão ao comando, pela concentração rápida de meios importantes, realizar a surpresa sobre uma zona onde é necessario possuir a **superioridade aerea**, tanto para as necessidades da batalha terrestre como para readquirir sobre um adversario aereo um ascendente moral momentaneamente perdido. Mas, entendamo-nos; si a caça combate no ar, vive na terra e isto obriga a sempre prevêr em tempo util o seu estacionamento e seu reabastecimento. E' preciso que uma caça que chegue em uma zona nova ai encontre os terrenos preparados, depositos de combustivel e um parque. E' sómente com esta condição que poderemos esperar obter um rendimento imediato e certo.

Resta ainda, senhores, sobre a caça, muitas outras coisas a vos dizer e principalmente as missões excepcionais que se lhe pôde confiar. Mas a hora avança e, depois de adiar o estudo destas missões excepcionais para o curso de aeronautica que vos será em breve distribuido, é necessario concluir:

E' porque os efetivos da caça são reduzidos, porque se usa rapidamente, porque se substitue difficilmente, o comando deverá sempre estudar em detalhe o problema desta sub-divisão da arma.

E' porque as circunstancias do momento têm um papel preponderante na entrada em ação da caça, o comando, nesta materia deverá se limitar a fixar os fins a atingir. Mas estes fins deverá o comando fixalos com uma precisão rigorosa, na ausencia da qual a caça, mal orientada, será tentada, por temperamento a travar sua propria batalha com prejuizo certo da batalha comum.

Senhores, vejamos de que será amanhã constituída a caça? Anuncia-se que a Inglaterra acaba de faser entrar em serviço um avião de caça, concebido á luz dos ensinamentos da Taça Schneider, e que atinge a 350 kilometros á hora. Paralelamente, aparelhos alemães como o J-38 e o D. O. X., pesando, respectivamente, carregados, 20 a 50 tonls., empreendem viagens. Tais aviões são verdadeiros crusadores aereos capazes de se defender e em todas as direções com metralhadora e sem duvida com canhão. Para os combater, a aviação de caça atual será talvez incapaz; é preciso opôr-lhes outros crusadores aereos ou como encarou o general DOUCHET em um magistral estudo inserido na Revista Aeronautica do meio do ano, um avião mais leve, tornando-se projétil e abandonado por seu piloto que se lança em paraquédas alguns segundos antes da colisão. São incertezas, mas incertezas que tornar-se-ão realidades em pouco tempo.

Certamente, cabe aqui seguir a rapida evolução da aviação e de vos informar as conseqüencias desta evolução; entretanto, porque ela une a potencia e uma extrema mobilidade á vantagem de utilizar um elemento que domina o conjunto dos teatros de operações, não podereis, como officiais de E. M., vos desinteressar dos progressos da arma que apresenta tais possibilidades e cuja aparição consttinue, indiscutivelmente, o acontecimento mais importante que se produziu no dominio militar.

## A GUERRA DEVE SER PREPARADA

A preparação para a guerra deve adoptar-se ao paiz, qualidade, quantidade e disposições do inimigo.

Macchiavello.

# Relação dos socios de "A Defesa Nacional"

"Serão socios de "A Defesa Nacional" oficiais do Exercito e da Armada e tambem civis que se comprometam a "garantir a existencia da Sociedade", quer por meio de contribuições pecuniarias, na fórmula destes estatutos, quer pela prestação de serviços para que forem convocados ou que espontaneamente queiram oferecer". (Art. 2º dos Estatutos).

Aldo de Sá Brito e Souza.  
 Aristoteles Munhoz Moreira  
 Anisio Botelho  
 Arthur Oscar Loureiro de Souza  
 Aroudo Garcez  
 Agenor Marques  
 Arthur Danton Sá e Souza  
 Antonio Maria de Carvalho  
 Armando Moraes Ancora  
 Alberique Cordeiro  
 Augusto da Silva Sevilha  
 Aurelio Alves de Souza Ferreira  
 Aluizio Miranda Mendes  
 Arthur da Costa e Silva  
 Alcir d'Avila Melo  
 Alberto Oronce Guerin  
 Adalberto Fontoura de Barros  
 Armando Nogueira da Fonseca  
 Adaury Sampaio Pirasinunga  
 Ademar Vilela dos Santos  
 Augusto Imbassahí  
 Armando Vila Nova Pereira de Vasconcelos  
 Antonio Guedes Muniz  
 Arnaldo Souza Pais de Andrade  
 Alcio Souto  
 Armando de Souza Melo Arariboia  
 Artur Joaquim Panfiro  
 Armando de Castro Uchoa  
 Amilcar Sergio Velloso Pederneiras  
 Alvaro Jansen Serra Lima Saldanha  
 Armando Ribeiro  
 Abel Henrique de Medeiros  
 Ademar Alves de Brito  
 Ademar Cruz  
 Adolfo Cunha Leal  
 Alcebiades Dracon Barreto  
 Alcides de Mendonça Lima Pinto  
 Alcides Moitinho Neiva  
 Alexandre José Gomes da Silva Chaves  
 Alexandrino Pereira da Mota

Alfredo Alberto de Alencastro  
 Alvaro Barbosa Lima  
 Alvaro Conrado de Niemeyer  
 Alvaro Fiuza de Castro  
 Alvaro Guilherme Mariante  
 Alvaro Prati de Aguiar  
 Americo Marinho Lutz  
 Antonio Batista Pereira  
 Antonio José Belagamba  
 Antonio José de Lima Camara  
 Anor Teixeira dos Santos  
 Arquimedes Lopes de Araújo Doria  
 Aristides Prado de Oliveira  
 Aristoteles de Lima Camara  
 Armando Batista Gonçalves  
 Armando Duval Sergio Ferreira  
 Arthur Carnau'ba  
 Arthur Lopes de Castro Pinto  
 Asdrubal Palmeiro de Escobar  
 Ascendino de Avila Melo  
 Augusto do Amaral Peixoto Junior  
 Airton Bitencourt Lobo  
 Antonio José Coelho Reis  
 Ademar de Oliveira e Cruz  
 Adolfo Cunha Leal  
 Ajalmar Vieira Mascarenhas  
 Aderbal da Costa Oliveira  
 Bento Ribeiro Carneiro Monteiro F.  
 Benjamin Rodrigues Galhardo  
 Bertoldo Klinger  
 Caetano Horizontino Cotrim Duarte e Silva  
 Carlos Pfaltzgraff Brasil  
 Carlos de Faria Albuquerque  
 Constancio Deschamps Cavalcanti  
 Carlos Rodrigues Coelho  
 Clovis Monteiro Travassos  
 Casemiro Montenegro  
 Carlos Toledo Bordini  
 Carlos Germack Possolo  
 Candido Torres Guimarães  
 Deodoro Sarmiento  
 Delio Bossi de Araujo Leite  
 Decio Palmerio de Escobar  
 Durval de Magalhães Coelho  
 Durival Brito e Silva  
 Descartes Cunha  
 Democrito Barbosa  
 Delfino Moreira Lima  
 Eugenio Tromposky Toulouis  
 Edgard de Oliveira  
 Estevam Leite de Rezende

- Edgard Vieira  
 Emilio Garastzu Medici  
 Edgar Ferreira da Silva  
 Enio da Cunha Garcia  
 Edmundo Macedo Soares e Silva  
 Estevam Leitão Carvalho  
 Eduardo Regis Vieira  
 Everaldino Alcestes da Fonseca  
 Eugenio Rubens Vieira da Cunha  
 Ernesto Dorneles  
 Enock Marques  
 Emilio Rodrigues Ribas Junior  
 Eduardo Faustino da Silva  
 Edmundo Williams Muniz Barreto  
 Edgardino de Azevedo Pinto  
 Fernando Fernandes Guedes  
 Florentino Salvaterra Dutra  
 Fernando Saboia Bandeira de Melo  
 Francisco Becker Reifschneider  
 Felinto Abaeté Cavalcanti  
 Filinto Muller  
 Firmino H. de Moraes Ancora  
 Flavio Mario Bezerra Cavalcanti  
 Floriano da Silva Machado  
 Francisco Gil Castelo Branco  
 Francisco José Pinto  
 Francisco de Santana Alvim  
 Frederico Duarte  
 Frederico Leopoldo da Sliva  
 Geraldo Guia de Aquino  
 Gentil Falcão  
 Gervasio Duncan de de Lima Rodrigues  
 Glycerio Fernandes Gerpe  
 Guilherme Aloisio Teles Ribeiro  
 Humberto da Cruz Cordeiro  
 Hugo Garastzu  
 Helio Macedo Soares e Silva  
 Herminio Carrão de Sá  
 Heitor Paiva  
 Humberto de Alencar Castelo Branco  
 Henrique Batista Dufles Teixeira Lott  
 Honorato Pradel  
 Heitor Bustamante  
 Ismar Brasil  
 Inacio José Verissimo  
 Inimar Siqueira  
 Ivan Carpenter Ferreira  
 Irapuan de Albuquerque Potiguara  
 Ivo Borges  
 Ilidio Romulo Colonia  
 João Dias Carneiro Junior  
 Julio Americo dos Reis  
 José de Lima Figueiredo  
 José Faustino da Silva Filho  
 João Pereira Machado  
 Julião Muller Neiva de Lima  
 João Vicente Sayão Cardoso  
 José Teofilo de Arruda  
 Joaquim Pereira de Melo  
 José Machado Lopes  
 José de Melo Alvarenga  
 João de Souza Fernandes  
 José Sales  
 João Ribeiro Pinheiro  
 Jaul Pires de Castro  
 João Vicente de Faria Lima  
 João Mendes da Silva  
 José Moitinho dos Reis  
 José Fernandes Leite de Castro  
 José Carlos de Sena Vasconcelos  
 José Ferraz de Andrade  
 Joaquim Ribeiro Dutra  
 Joaquim Soares d'Ascensão  
 Jacob Manoel Gayoso e Almendra  
 Joaquim Alves Bastos  
 Joaquim de Melo Camarinha  
 João Batista de Matos  
 João Batista Magalhães  
 João Carlos Betim Pais Leme  
 João Ferreira Johnson  
 João Gomes Ribeiro Filho  
 João Marcelino F. e Silva  
 José Maria Franco Ferreira  
 José Bina Machado  
 José da Silva Ribeiro Sobrinho  
 Luiz Gonzaga Fernandes  
 Lauro Horta Barbosa  
 Lauro Rebelo Ferreira da Silva  
 Luiz Carneiro de Freitas  
 Luiz Eugenio de Freitas Abreu  
 Luiz Mendes da Silva  
 Lamartine Peixoto Pais Leme  
 Luiz Carneiro de Castro e Silva  
 Lamartine Peixoto Paes Leme  
 Leon de Campos Paca  
 Luiz de Figueiredo Lobo  
 Luiz Gomes Pinheiro  
 Luiz Gonzaga Borges Fortes  
 Luiz Procopio de Souza Pinto  
 Luiz Silvestre Gomes Coelho  
 Mario Xavier  
 Mario Travassos  
 Miguel Lampert  
 Milton Barbosa Guimarães  
 Martinho Candido dos Santos  
 Manoel de Souza Garcia  
 Moacir Araujo Lopes  
 Moacir Valporto de Sá  
 Manoel de Oliveira  
 Mario de Souza Vieira  
 Manoel Bougard de Castro e Silva  
 Mario de Souza e Melo

Mario José Pinto Guedes  
 Mario Ramos  
 Miguel Lage Sayão  
 Miguel de Castro Aires  
 Moacir Soares Marroig  
 Nelson Freire Lavagnere Wanderley  
 Nero Moura  
 Nelson Serra do Vale Pereira  
 Nestor Penha Brasil  
 Nilo Horacio de Oliveira Sucupira  
 Oswaldo Antnio Borba  
 Oswaldo Baloussier  
 Oswaldo Vila Bela e Silva  
 Otaviano José da Silva  
 Otavio da Silva Paranhos  
 Oromar Ozorio  
 Osmar Vieira Mascarenhas  
 Oscar Fernandes da Costa  
 Panjaleão da Silva Pessoa  
 Pedro Corrêa Pinto  
 Pedro de Alcantara Cavalcanti de Albu-  
 querque  
 Pantaleão Teles Ferreira  
 Paulo Figueiredo  
 Pery Constant Bevilaqua  
 Pedro Aurelio de Góes Monteiro  
 Raymundo Pantoja  
 Raul Silveira de Melo  
 Rafael Danton Garastozu Teixeira

Rafael Souza Pinto,  
 Rui Presser Belo  
 Renato Bitencourt Brigido  
 Renato José de Freitas  
 Raymundo Rodrigues Barbosa  
 Raul Mendes de Vasconcelos  
 Raul Tavares  
 Renato Batista Nunes  
 Renato da Veiga Abreu  
 Rafael Vileroy França  
 Salvador Rosses Lizaroude  
 Sinval de Castro e Silva Filho  
 Socrates Gonçalves da Silva  
 Salvador de Melo Cardoso  
 Silvio do Vale Amaral  
 Silvio Raulino de Oliveira  
 Teofilo Otoni de Mendonça  
 Tales Ozorio de Azambuja  
 Tancredo Faustino da Silva  
 Teodoro Pacheco Ferreira  
 Tristão de Alencar Araripe  
 Valentim Benicio da Silva  
 Vicente Faria Lima  
 Valter Kramaer Ribeiro  
 Vicente Cavalcanti de Aragão  
 Vitor Barrozo Coelho  
 Waldemar Oto Barbosa  
 Zeno Estilac Leal.

## H I E R A R Q U I A

Constituir, uma hierarquia de valores positivos é a principal e a maior responsabilidade moral e de fato dos governos em materia de organização da defesa nacional, porque a eficacia do resto daí decorre.

No ponto de vista que predomina sem competição nas instituições militares, o criterio unico admissivel para a formação dos quadros hierarquisados, é o valor tecnico profissional, nelle compreendendo-se a existencia de vigor fisico, vigor moral, cultura intelectual e cultura profissional. Sem essa base a hierarquia é falsa, não tem prestigio moral nem inspira confiança aos que devem obedecê-la.

Abre falencia deante do inimigo.

Tal é a importancia de uma hierarquia militar bem constituida, que pelas

ações dos governos para sua formação e desenvolvimento de seu valor, podem-se aferir o grau de sua competencia e honestidade politicas.

\* \* \*

A hierarquia militar moderna requer uma preparação cuidadosa mais do que nunca, em face da natureza das guerras modernas e dos meios de que esta lança mão; e tendo em vista que os fatores principais da vitoria são rapidez de ação **ACERTADA** e surpresa, ambos decorrentes essencialmente da capacidade dos chefes militares, conforme os meios de que dispõem.

(Do Editorial)

SECÇÃO  
DE  
ARTILHARIA

# Ensaio de estudo sobre espoletas antigas e modernas

Pelo Cap. Ollvio de Oliveira Bastos

## INTROITO

No desempenho de uma comissão, na Escola Militar do Realengo, em 1931, tivemos a oportunidade de ver e estudar, embora rapidamente, algumas das **espoletas antigas**, que estiveram em uso na nossa artilharia terrestre.

Então, veio-nos a idéa de coligir estas notas, com o fim de satisfazer a curiosidade nossa e de alguns artillheiros.

Nada de novo, ao contrario muita cousa velha, entretanto interessante e talvez esquecida.

As informações colhemos em fontes esparsas e, aqui pretendemos resumil-as.

Para termos uma impressão dos processos atuais de fabricação e utilização desses artificios reunimos tambem, em diversos autores, alguns apontamentos relativos ás **espoletas modernas, dos projetis** de artilharia nacional e estrangeira.

Dito isto, a guiza de introito, passemos ao assunto.

## I — ESPOLETAS ANTIGAS

Antigamente sob a designação de "espoletas" abrigavam-se todos os **artificios** por meio dos quais se faziam comunicar fogo a uma carga explosiva, daí a existencia: de espoletas das cargas das bocas de fogo, que eram denominadas espoletas ou estopilhas de fricção, e, outras destinadas ás cargas de arrebetamento dos

projetis ôcos, e, que tinham, como hoje, o nome mesmo de "espoletas".

## A) — ESPOLETAS DAS BOCAS DE FOGO

Antes da utilização dos estojos metallicos na artilharia, as cargas das bocas de fogo eram acondicionadas em saquiteis de tecidos, ou papel, aliás, ainda empregados por alguns materiais pesados, novos, ou pelos materiais leves e pesados, antigos.

Os artificios de inflamação dessas cargas eram constituídos pelas espoletas ou estopilhas de fricção. Estas para serem utilizadas eram introduzidas no ouvido do canhão, orificio cilindrico de alguns milímetros de diametro, existente na culatra da boca de fogo.

Hodiernamente, na artilharia de campanha, em particular, com o abandono dos cartuchos de téla pelo emprego dos estojos metallicos, esses artificios foram substituídos pelas "estopilhas de percussão", semelhante ás que se encontram em uso.

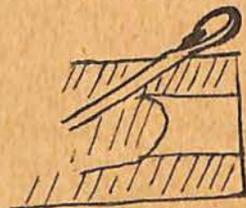


Fig. 1 — Ouvido do canhão

Antes de fazermos um relato das estopilhas de fricção, façamos um exame retrospectivo dos artificios de

inflamação das cargas nas antigas bocas de fogo.

Nas mais antigas bocas de fogo (antecargas) produzia-se a inflamação de carga de projeção por meio de uma escova de polvarim (petardo), colocada no ouvido do canhão (Fig. 1) Este rudimentar processo foi substituído por um estopim feito de fios de algodão embebido em álcool e mergulhado em polvarim; mais tarde o estopim passou a ser acondicionado num pequeno tubo de folha de flândres, para ser protegido contra a humidade.

Este artifício era muito lento, sendo por isso substituído por um mixto fusível, e, o tubo de folha por um de papel, tendo na parte superior a forma de um calice chamado **boquim**, cheio de pólvora fina para facilitar a inflamação, esta espoleta era designada por "espoleta de boquim" (Fig. 2).

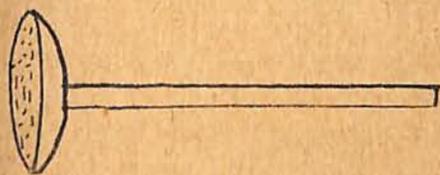


Fig. 2—Espoleta de boquim

Carregada a boca de fogo, sangrava-se com um estilete o cartucho de tela contendo a carga de projeção, introduzia-se o estopim ou o tubo da espoleta no ouvido do canhão.

A inflamação do petardo ou estopim era por meio de uma mecha acesa; nos últimos tempos formada por uma vela mixta que trazia consigo um cortejo formado pelo morrão (1), serpentina (suporte do morrão), etc.

O emprego desses artifícios perdurou por algum tempo, mas em 1862 aproximadamente, com a adoção dos canhões raiados na artilharia de campanha, passamos a utilizar também as "espoletas de fricção". Essas de

varios modelos eram constituídas por um pequeno tubo de ferro ou cobre, de alguns centímetros de comprimento, em que se alojava um **mixto fulminante**, e, onde era introduzido por um orifício um atritor, lingueta de ferro ou de arame de cobre torcido, cuja ponta inferior era achatada e em serrilha, ficando na extremidade superior do lado de fóra, uma parte em anel, onde quando a estopilha, estivesse introduzida no ouvido do canhão se prendia o gancho do detonador, cordel que no ato do disparo era puxado rápido e fortemente, produzindo a fricção do atritor e, resultando a inflamação do fulminato.

A Fig. 3 nos mostra um modelo de espoleta ou estopilha de fricção.

Nosso canhão Krupp 75 T. L. 1895 ainda empregou o cartucho de tela e a espoleta ou estopilha de fricção.

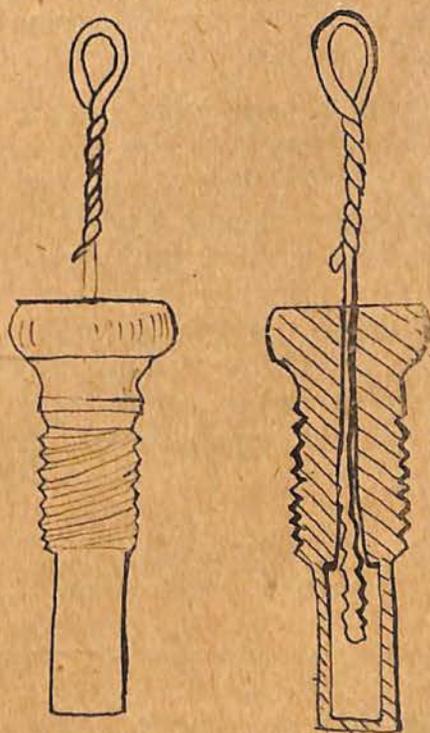


Fig. 3—Espoleta de fricção

Esses artifícios tinham os inconvenientes de não obturarem a culatra,

o que não impedia a perda de gaz, de serem sujeitos a muitas negas, e de ás vezes atirar residuos nos serventes.

**Espoleta detonante:** — Na Mariinha de guerra foram usadas espoletas detonantes, que se compunham de um tubo de folha cheio de pólvora fina, e, sobre, o qual se ligava fortemente, formando um T, um outro tubo menor contendo um pouco de fulminato (Fig. 4).

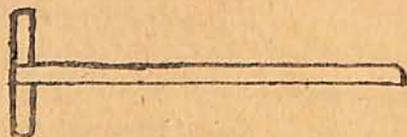


Fig. 4—Espoleta detonante

Colocada uma dessas espoletas no ouvido do canhão, de modo que ficasse apoiada no ramo horizontal, applicava-se sobre este uma pancada (choque) de martelo, a denotação do fulminato inflamava a pólvora do tubo e esta ia provocar a explosão da carga do canhão.

Como é facil julgar, estas espoletas lançavam fagulhas que incomodavam os serventes. O seu funcionamento pelo choque é perfeitamente semelhante aos das estopilhas de percussão de hoje mas em que o choque é produzido por um aparelho (percussor) existente no mecanismo de culatra do canhão, e que fere a estopilha quando se puxa o gatilho.

Com o emprego dos canhões raiados, retrocargas e estojos metallicos, o dispositivo para provocar a inflamação da carga de projeção passou a ser constituido por uma capsula de metal chamada estopilha de percussão, que tambem teve o nome de "parafuso porta escorva" e, que se atarrachava ou se atarracha no culote do estojo. Esta capsula metalica continha fulminato e pólvora comprimida, suprimindo os inconvenientes da estopilha da fricção.

Alguns materiais empregavam-se como hoje, estopilhas electricas, de emprego corrente na artilharia de costa.

Pela diversidade dos fins das espoletas das bocas de fogo e das dos projectis ôcos adotou-se designar as primeiras por "estopilhas" e as ultimas por "espoletas" mesmo.

Do rapido esboço de estudo que fizemos podemos reter os nomes:

- petardo — escorva de pólvora,
- estopim,
- espoleta de boquim,
- estopilha de fricção,
- espoleta detonante,
- parafuso porta escorva — estopilha de percussão,
- estopilha electrica.

(Continu'a)

(1) Pedaco de corda de linha que havia sido mergulhada num banho de acetato de chumbo, para facilitar a sua queima lenta. Um metro de morrão levava 10 horas para consumir-se. Na ponta do morrão acendia-se a **vela mixta**.

## ERRATA

Por lamentavel erro de revisão figuraram, as pags. 477 e 478 os artigos "Granadas de fuzil" e "A Russia Sovietica na realidade" subordinadas ao titulo comum "A tecnica das armas", de que não têm nenhuma dependencia.

SECÇÃO  
DE  
ARTILHARIA

# O PLANO DE AREIA EM RELEVO

— Trad. da "Revue d'Infanterie",  
pelo 1º ten. Mauricio Lessa.

— Desenhos do 1º ten. Ernesto Paes  
Leme.

## Prefacio

Tendo conhecimento das dificuldades materiais e tecnicas com que se vêm a braços os que se dispõem a confeccionar um plano em relevo em areia, necessarios aos exercicios de quadros em sala, veiu-me á ideia redigir este pequeno fasciculo.

Este modesto trabalho póde ser facilmente executado por um graduado possuindo conhecimentos topograficos elementares. As despesas de execução são relativamente reduzidas, porque o material, uma vez adquirido, poderá servir indefinidamente para a confecção de relevos varios, segundo as necessidades do ensino.

No capitulo 1º, resumo em algumas linhas a utilidade do plano de areia.

No segundo, enumero o material e bem assim os accessorios necessarios, ajuntando o pessoal de execução.

Nos capitulos seguintes cuido da escolha das escalas planimetricas e altimetricas, do modelado do terreno e da representação detalhada da planimetria. Emfim, num curto anexo, indico o meio pratico de materialisar as pequenas unidades assim como seu armamento, durante exercicios de quadros executados sobre o plano.

nas e das grandes unidades.

Nem carta, nem explicação oral ou escritas, por mais perfectas, mostrarão melhor os diferentes accidentes do terreno, nem servirão melhor a um chefe para combinar uma manobra ou estabelecer um plano de fogo.

E' de desejar que cada batalhão e mesmo cada companhia, possua um deles para completar a instrução dos officiais e dos sargentos e mesmo dos homens, pelo menos aqueles de que ha possibilidade e utilidade no progresso da instrução (particularmente os observadores e o pessoal das transmissões).

## Capitulo II

### MATERIAL E PESSOAL

#### A — Material

FERRAMENTA — A ferramenta necessaria á confecção do plano em relevo de areia é pouco complicada. Compreenderá: um martelo, uma pequena serra, uma trolha ordinaria (?), uma enxada, uma pá, um ou dois metros articulados (?), uma tesoura de costureira, 100 gramas de pregos de 2 centimetros, uma caixa de alfinetes e al-

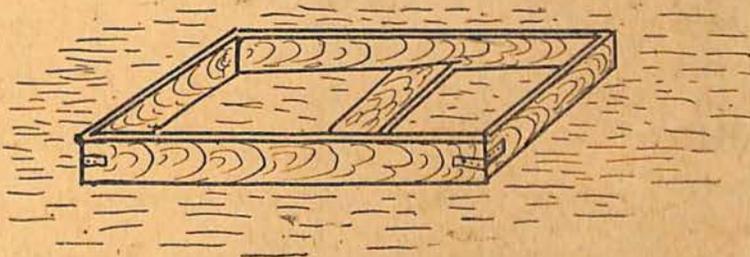


FIG. N. 1

## Capitulo 1º

### UTILIDADE DO PLANO DE AREIA

O plano em relevo de areia é um instrumento de trabalho necessario para estudar:

— de uma parte, a topografia (em particular o nivelamento);

— de outra parte, a tecnica e a tatica do combate ofensivo e defensivo das peque-

guns parafusos.

LOCAL — O local deve ser vasto e bem iluminado; deve permitir, fóra do plano, a instalação de mesinhas e cadeiras ou bancos destinados aos officiais encarregados de dirigir e de participar dos exercicios. Escolher-se-á, de preferencia, um rez-do-chão possuindo um ladrilho bem uniforme e plano.

**AREIA** — A areia empregada deve ser fina e, tanto quanto possível, de côr amarela-escuro; peneirá-la se necessário. Escolher de preferencia uma areia argilosa e rejeitar a areia de rio de grãos grossos. Admitindo uma espessura média de 0,20, poder-se-á, com um metro cubico, fazer um plano de 5 metros quadrados. Dando-se a areia uma certa humidade, a modelagem tornar-se-á muito mais facil. Se ela for argilosa e facilmente amontoavel, uma crosta relativamente dura se formará na superficie do plano e sua deterioração se dificultará. E' igualmente necessario procurar-se um pouco de areia branca, ou em falta, pó branco para a representação das estradas e caminhos, assim como das pedreiras (?), e obras compreendidas no trabalho a executar.

**O QUADRO** — O quadro será consti-

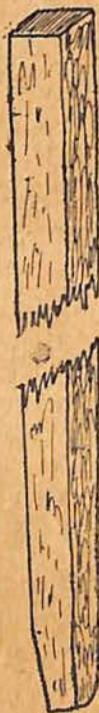


FIG. N. 2

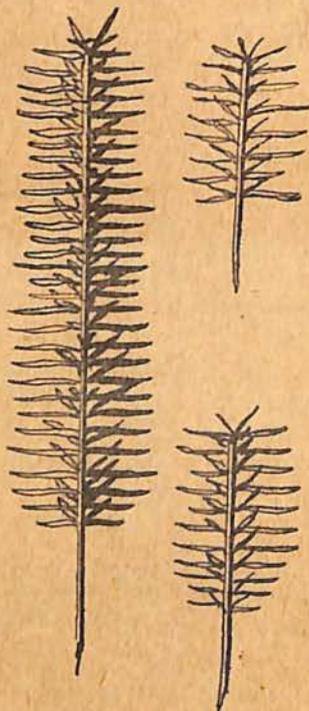


FIG. N. 3

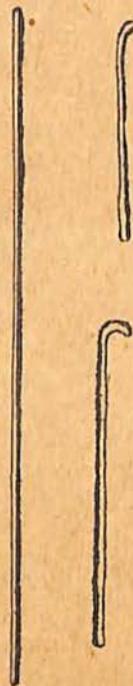


FIG. N. 4

tuido de pranchas de uma altura, podendo variar entre 0m,15 e 0m,20 e de uma espessura de 3 a 4 centímetros, capazes de resistir ao esforço lateral da areia; suas dimensões serão proporcionais ao plano projetado. O conjunto será da atribuição de um marceneiro, que velará pelas dimensões exatas prescritas (fig. 1). Ele reforçará cada canto com quadros de ferro aparafusados, de modo a obter angulos de 90°.

Será bom, além disso, manter a separa-

ção entre as pranchas longitudinais, com uma travessa adaptada á parte inferior das pranchas.

No momento da colocação do quadro em seu lugar, cuidar-se-á o mais possível da orientação real, o que terminado, uma camada de areia será posta no interior do quadro; é nesta areia que serão afundadas as varas que formarão a estrutura do nivelamento.

**VARINHAS** — As varinhas destinadas ao nivelamento serão fabricadas com madeira de pequenas caixas de embalagem (fig. 2). Com uma faca, confeccionar-se-á muitas; não precisam ser aplainadas nem envernizadas mas deverão ter a secção quadrada, tanto quanto possível.

Seu comprimento será variavel com

escala altimetrica e o nivel da base adosados.

**MUSGO** — O musgo necessario á representação dos bosques, será procurado em ruínas, nos bosques, nos troncos velhos das arvores; escolhe-lo bem verde, pouco espesso e em grandes placas. Alguns ramos de pinho anão (?) permitirão confeccionar numerosas miniaturas de pinheiros e reproduz-las vantajosamente as florestas de coníferas (fig. 3).

**GANCHOS PARA PRENDER O MUSGO** — Procurar arame velho (o arame que prende os fardos de alfafa ou palha comprimida pôde ser para isso utilizado) corta-lo em pedaços de 5 a 6 centímetros, formar um gancho em uma de suas extremidades (fig. 4). Estes ganchos fixarão o musgo figurando as florestas, de modo que estas não se desloquem durante os exercicios.

**CARTÃO** — Um cartão bem resistente e espesso é necessario para a confecção de perfis limites das elevações, ultrapassando a parte superior do quadro.

Procurar-se-á, além disso: cartão ordinario (dois ou tres pedaços de 0m,30 por 0m,10), para a confecção de gabaritos para estradas e caminhos; cartão ou papel preto para a inscrição das cotas, dos logares ou localidades; cartão branco para a inscrição das coordenadas; cartão de diferentes cores para a execução de representações de toda a especie (batalhões, companhias); o cordão fino para o estabelecimento da quadricula-

mente no ponto de vista tecnico, é a ele que incumbe a execução delicada da modelagem.

O sargento auxilia nos trabalhos preliminares do nivelamento e na colocação das convenções na planimetria.

Os homens confeccionam os accessorios e secundam seus superiores.

### Capitulo III

Pôde-se admitir, em principio, que o plano em relevo deve reproduzir uma porção de terreno variavel, segundo se trata de sua utilização pelos quadros de um Regimento, um batalhão ou uma companhia.

No primeiro caso, deve comportar necessariamente a zona de ação de varios batalhões.

No segundo caso, compreenderá as zonas das companhias e cuidará ligeiramente das zonas dos batalhões visinhos, para indicar as ligações; este mesmo plano poderá

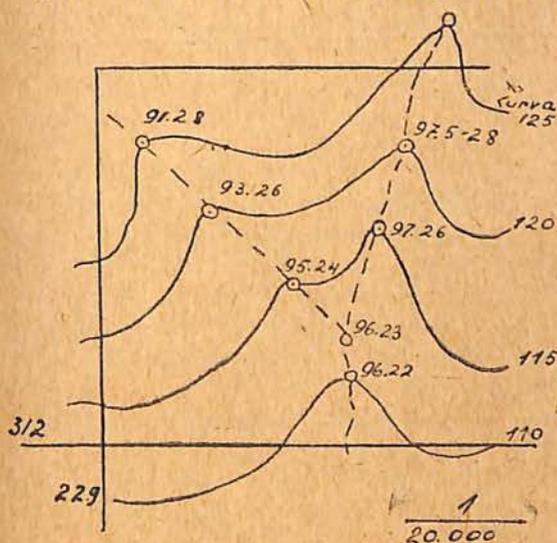


FIG. 5

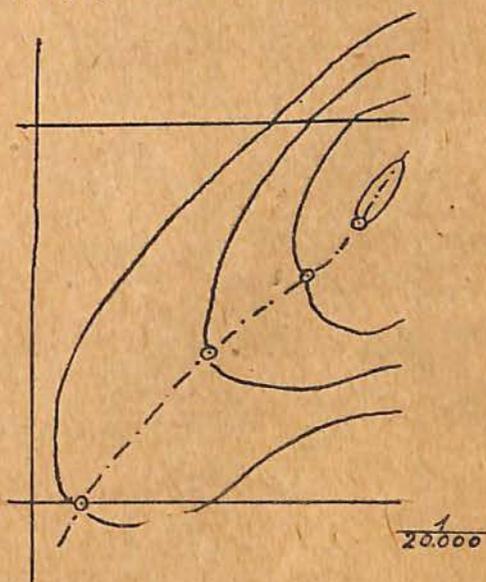


FIG. 6

gem; cordas de cores diferentes, destinadas a fixar os limites das zonas de ação ou dos objetivos sucessivos. A compra desses pequenos objetos facéis de se achar, acarreta bem pouca despesa.

### B — PESSOAL DE EXECUÇÃO.

- Um oficial;
  - Um sargento;
  - Dois homens inteligentes.
- O oficial dirige o trabalho, particular-

facilmente convir á companhia para a evolução de suas secções e a combinação de seus fogos.

#### 1° — Escala planimetrica

Quanto á escala planimetrica, a de 1/2000 bastará si se limita ao ensino da topografia, mas parece necessario usar-se a de 1/1000, si se quer facilitar o estudo detalhado do combate das pequenas unidades quer dizer, das secções e dos grupos assim como a representação de todas as armas automaticas por convenções que não sejam



Lambert é necessaria para assegurar a exactidão do nivelamento.

A de 1|20.000 responde perfeitamente ás necessidades.

## TRABALHOS PRELIMINARES TOPOGRAPHICOS

ESTUDO DA CARTA — O estudo prévio da carta impõe-se. Trata-se de determinar sobre este:

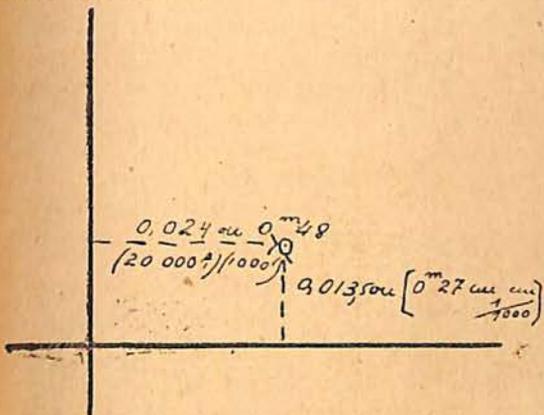


FIG. N. 9

- as linhas de crista;
- as linhas de aguada ou talwegs;
- Os pontos característicos do terreno que comportam os cumes, os pontos cotados, os colos, os confluentes, dos talwegs, as linhas de mudança de declive, etc.

Para as linhas dos talwegs como para as linhas de crista, escolher-se-á os pontos onde a curva de nível corta o talweg (fig. 5).

Proceder-se-á do mesmo modo para as linhas de crista, um ponto será determinado na intersecção da curva, com a linha de crista (fig. 6).

Quanto ao colo, o ponto culminante será igualmente determinado; servirá de ca-

nível mais elevada e linha indicando cada um dos movimentos do terreno (fig. 8).

Se a distancia que separa dois pontos vizinhos consecutivos de uma mesma linha deve passar 50 centímetros sobre o plano, será necessario escolher um ou varios pontos intermediarios, destinados á assegurar a continuidade do sentido do declive.

Estas linhas e estes pontos serão transportados sobre o plano á sua altitude e á sua posição exatas como pontos de referencia e tambem para constituir a ossatura do nivelamento.

Afim de não estragar a carta, levantar-se-á sobre esta um calco dos pontos e das linhas do terreno, tendo o cuidado de ajuntar a cada uma de suas cotas as coordenadas decametricas e diferentes, multiplicadas pelo coeficiente de aumento ou ampliação (fig. 9).

Se a escala da carta fosse muito pequena, ter-se-á que fazer uma ampliação sobre a qual estabelecer-se-á estes mesmos dados.

### CONFECÇÃO DAS VARINHAS —

Preparar para cada um dos pontos, uma varinha fina de secção quadrada de cerca de 7 a 8 milímetros de lado, cujo comprimento corresponderá á altitude do ponto segundo a escala altimetrica prevista, levando em conta a redução imposta pelo nivel da base. Assim, para uma escala altimetrica de

1|200, quer dizer 0m,005 por metro e um nivel de base de 60 metros, o comprimento da varinha correspondente a uma altitude de 100 metros, por exemplo, será de (fig. 10):

$$(100 \text{ metros} - 60 \text{ metros}) \times 0m,005 = 0m,20.$$

Esta varinha, plantada na areia no ponto indicado por suas coordenadas exatas, marca a altitude de 100 metros e a areia



FIG. N. 10

beça de talwegs aos dois talwegs opostos, assim como ponto de fim de declive ás rampas opostas (fig. 7).

Quando tratar-se de uma linhas de crista principal com contrafortes partindo de um ponto culminante, ter-se-á que marcar um ponto na insersecção da curva de

do plano virá circundá-la no mesmo nivel de sua extremidade superior. Afim de evitar confusões entre varinhas de diferentes comprimentos (correspondentes a diferentes altitudes), é bom colocar ou pregar, na parte superior de cada uma delas, uma minuscula etiqueta trazendo a cóta (fig. 10).

Esta indicação, vista na superfície do plano, permitirá retomar-se facilmente a localização dos pontos de referencia.

As varinhas confeccionadas serão, além disso, reunidas por quadricula, á maneira de um pequeno feixe; um pedaço de papel tra-



FIG. N. 11

zendo o n. da quadricula será colocado sob o cordel (fig. 11).



FIG. N. 12 bis

### TRANSPORTE DOS PONTOS SOBRE O PLANO

#### Apontamento das varinhas e modelagem do nivelamento

Com auxilio de um cordel fino e de tachinas, fixar sobre o plano uma quadricula quilometrica, na escala prevista, correspondente da parte da carta a reproduzir, cada um dos quadrados da carta correspondente a um dos do plano. Ter cuidado em não fixar os cordeis de maneira definitiva, porque será preciso levantá-los para a modelagem, depois recolocá-los para a execução da planimetria. Se a carta não traz quadrilagem, criar uma que será repro-

duzida sobre o plano em condições idênticas acima (figs. 12 e 12 bis).

Apontar e afundar verticalmente as varinhas na camada de areia em suas coordenadas exatas.

E' util, para medir e determinar estas

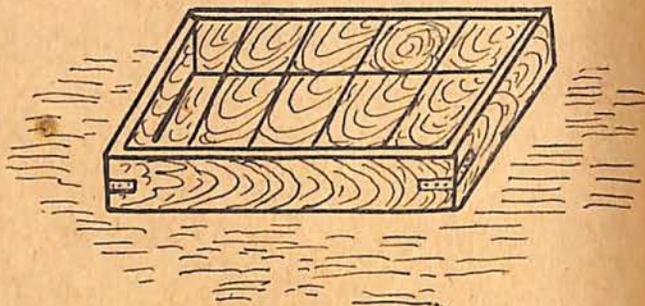


FIG. N. 12

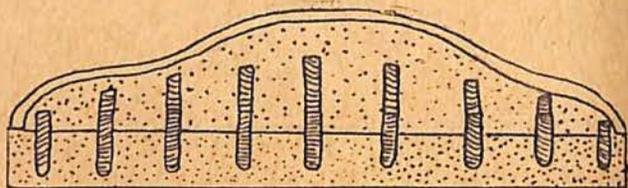


FIG. N. 13

sobre o plano, ter dois metros lisos que servirão simultaneamente um para as abcissas e outro para as ordenadas.

As varinhas nos seus lugares, ao mesmo tempo para um mesmo movimento do terreno compreendendo um ou varios quadrados, trazer a areia até que esta aflore até suas partes superiores.

Depois, com auxilio de uma colher (?), modelar as fórmulas do terreno, guiando-se pela ossatura, que dão as varinhas e de outra parte, inspirando-se no nivelamento revelado pelas curvas de nivel da carta. Comprimir fortemente a areia e cobrir ligeiramente, desde que se julgue o nivelamento perfeito, cada uma das pontas das varinhas cujas cotas não sejam interessantes fazer figurar sobre o plano.

Com auxilio de um pedaço de cartão sobre o qual se apoia, fazendo assim o papel de um ferro de passar, obtem-se uma superfície bem homogenea sobre a qual a representação da planimetria será relativamente facil.

**PERFIS DE BORDO** — E' necessario ás vezes, em vista de uma elevação do terreno estabelecer, no bordo do plano, uma elevação, passando a parte superior

do quadro. Esta elevação será limitada por um cartão espesso, e, tanto quanto possível, de cor de areia, que tomará a forma do papel.

Este cartão, sobre o qual o perfil do terreno terá sido previamente desenhado na escala do plano, será afundado bem profundamente na areia e pregado sobre pequenas ripas interiores que o mantenham na posição vertical. (fig. 13).

pontos e as linhas planimétricas (caminhos, bosques, florestas, pedreiras, aterros, desaterros, via ferrea, casas, etc.).

Para isto e afim de não ser obrigado a fazer calculo das coordenadas á medida do transporte dos pontos, será vantajoso estabelecerlos previamente numa folha de papel, no momento do estudo da carta. O processo de trabalho será identico ao do nivelamento: preparar-se-á seja um calculo, se-

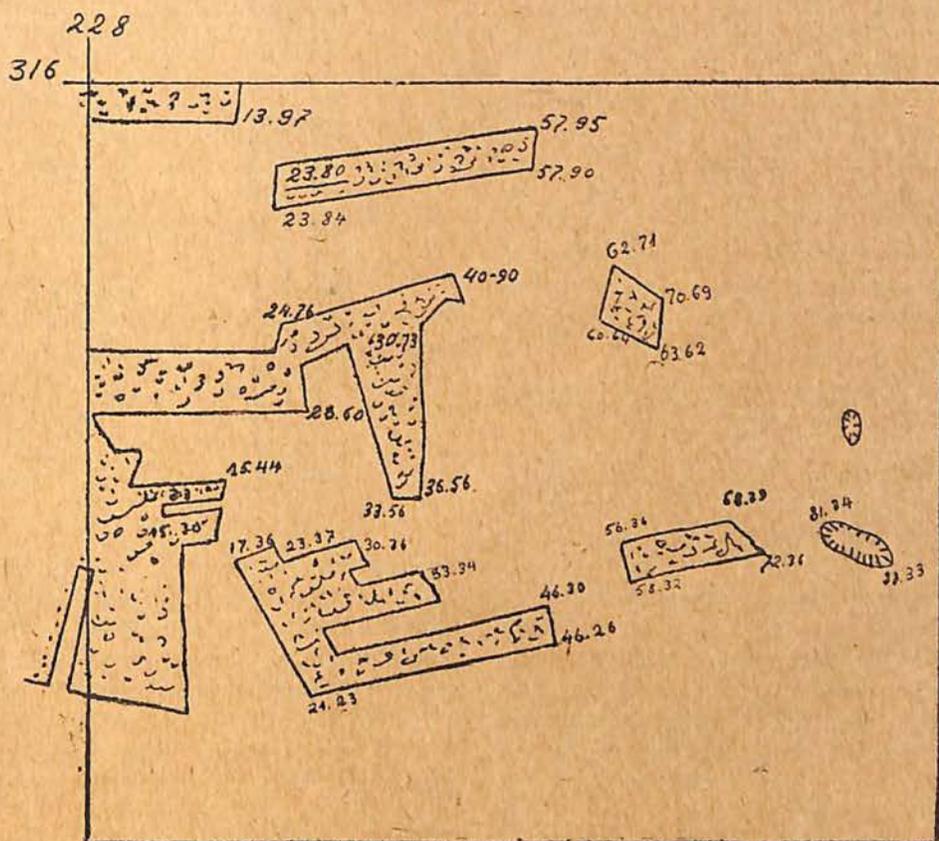


FIG. N.14

Desenhar o papel a 2 centímetros pelo menos do bordo superior do cartão afim de que a areia seja suficientemente mantida.

### Capitulo V

#### DA EXECUÇÃO DA PLANIMETRIA

Como para o nivelamento, a execução da planimetria, sobre o plano de areia, necessita um estudo prévio da carta.

Basear-se-á sobre um principio analogo ao que serviu para a execução do nivelamento. Trata-se igualmente de transportar sobre o plano, para seu lugar respectivo, os

ja uma ampliação planimétrica, onde se collocarão as coordenadas de cada ponto de referencia.

Esta ampliação póde ser esquemática, desde que as coordenadas, transportadas sobre o plano, reconstituirão com precisão os detalhes da carta.

Proceder-se-á da maneira seguinte: — Desenhar numa folha de papel, na escala de 1/10.000, os detalhes (ou contornos dos detalhes) planimétricos contidos num dos quadrados considerado (fig. 14).

Determinar, por meio de um duplo decimetro ou esquadro graduado, as coordenadas de cada um dos pontos interessantes;

Transportar coordenadas ao lado desses pontos, não se esquecendo de multiplicá-los pelo coeficiente admitido para a ampliação.

Por exemplo:

As coordenadas, levantadas sobre a carta, de um ponto da estrada a reproduzir nos dão 24 mms. para abcissa e 13,ms5, para ordenada (carta de 1|20.000).

A escala planimétrica do plano de areia, sendo de 1|1000, por consequência 20 vezes maior, esses dados serão multiplicados pelo coeficiente 20.

As coordenadas do ponto considerado tornam-se então:

— Abcissa:  $24 \text{ mms.} \times 20 = 48 \text{ cms.};$

Ordenada,  $13, \text{ms.} \times 20 = 27 \text{ cms.}$  ou 48-27.

Inscrever-se-á junto ao ponto representativo do ponto da estrada, sobre o trabalho gráfico estabelecido: 48 — 27 e não 24-13,5.

#### TRANSPORTES DOS PONTOS SOBRE O PLANO

O transporte dos pontos sobre o plano faz-se do mesmo modo que o transporte dos pontos do nivelamento, um alfinete enterrado na areia servirá de referencia.

Um traçado ligeiro, esboçado com a ponta de um canivete, ligará todos esses pontos e dará a direção das estradas e caminhos ou os contornos dos bosques, cercas, trabalhos, etc. . . As grandes linhas da planimetria serão assim realizadas, só se tratará de representar seus detalhes.

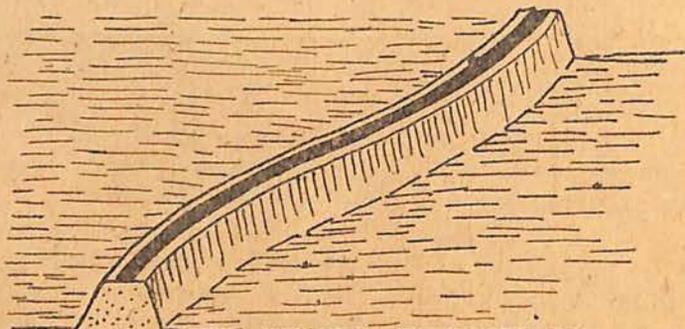


FIG. N. 16

Esses detalhes podem atingir sem inconvenientes suas dimensões reduzidas na escala de 1|1000; entretanto, a altura dos bosques será sempre exagerada em razão do emprego do musgo.

Si se prevê escalas menores será bom ampliar ligeiramente esses detalhes.

#### EXECUÇÃO DOS DETALHES DA PLANIMETRIA

##### 1º — Representação das estradas e dos caminhos

Confeccionar um certo numero de ga-

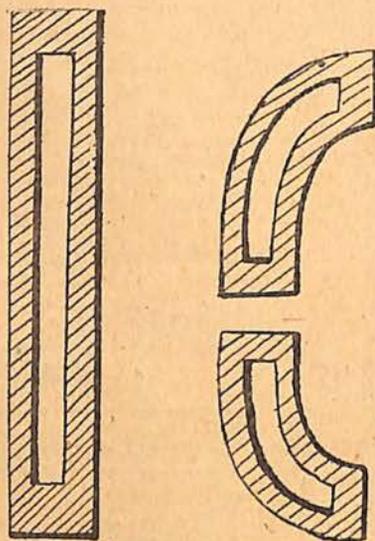


FIG. N. 15

baritos em cartão de um comprimento de 15 a 20 centímetros e duma largura proporcional ao caminho ou estrada a traçar; dar-lhe, além disso, uma forma retilínea ou mais ou menos curva, segundo as necessidades (fig. 15).

Servir-se-á dela sobre o plano á maneira de uma fôrma, segundo os traçados previa-

mente esboçados, depois salpicar a parte aberta do gabarito com areia branca ou um pó branco qualquer (ter cuidado em retirar o gabarito muito delicadamente, após cada operação). O rastro branco obtido, de largura uniforme, representará perfeitamente a estrada.

No que concerne ás picadas para pedestres, contentar-se-á em representa-los por um estreito risco branco de largura maxima de 2 mms.

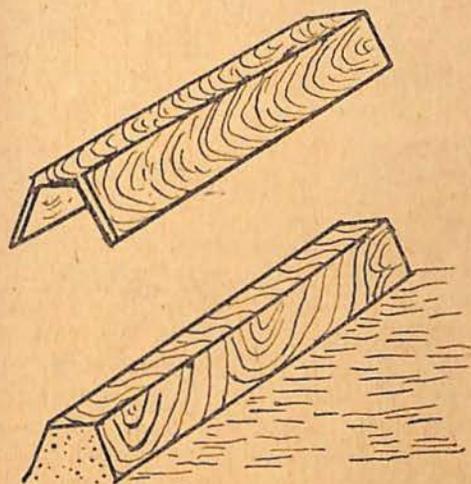
## 2º — REPRESENTAÇÃO DAS VIAS FERREAS

As vias ferreas normais podem ser representadas por um cordão preto de 3 a 4 milímetros de largura, que se fixará, segundo o traçado determinado, com alfinetes (fig. 16).

As vias ferreas estreitas podem ser materializadas por um fio preto (ou lã preta), fixado do mesmo modo.

## 3º — ATERROS E DESATERROS

a) ATERROS — Póde formar os aterros por meio de pequenos moldes retilíneos ou curvos, segundo as necessidades, confeccionados de latão (caixas de conserva), de perfis proporcionados á importancia.



ATERRO  
FIG. N. 17

cia do aterro (fig. 17). Em sua falta, deslocar e modelar a areia, com um canivete.

b) DESATERROS — Dar a um ou varios pedaços de madeira a fôrma e o perfil do desaterro, segundo sua importancia e a escala empregada. Apoiar fortemente sobre o traçado e até a profundidade conveniente; o sinal nitido do desaterro subsistirá (fig. 18).

c) ESCARPAS PEDREIRAS — A modelar, segundo sua importancia, com auxilio de um canivete. Ter cuidado, para a

execução desses detalhes, em dar a areia uma certa humidade.

## 4º — Regatos, rios, canaes, lagos, etc.

Os regatos, rios e canaes serão materializados por um risco de pó azul claro, de largura proporcional á sua importancia.

Gabaritos, no genero do das estradas, podem ser empregados nas partes retilíneas dos cursos dagua, em particular para os canaes.

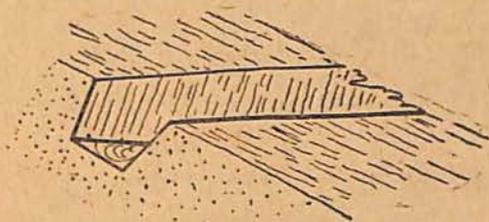


FIG. N. 18

As pontes e obras diversas serão representadas por miniaturas em cartão ou em madeira.

## 5º — BOSQUES

a) BOSQUES DE DIVERSOS VEGETAIS — Esses bosques serão representados por placas de musgo, adaptando-se ao traçado sua forma previamente desenhada sobre o plano (fig. 19). Essas placas serão facilmente cortadas com uma tesoura de costura.

Se o musgo não se presta a superficies suficientemente grandes, reunir varios fragmentos deles, para obter um conjunto satisfatorio.

No caso em que os bosques sejam semeados de clareiras, formar o bordo deles com musgo e no interior dispôr pequenas placas circulares (fig. 20), á maneira de um canteiro de flores.

Fixar todos os fragmentos de musgo com os ganchos de arame descritos no capitulo II, de maneira a que eles não sejam deslocados desencontradamente durante os exercicios.

b) BOSQUES DE CONIFERAS (pinheiros) — Constitui-los com as miniaturas de pinheiro previstas no capitulo II, plantados em quinconcio no espaço que lhe é atribuido. (fig. 21).

### 6° — Habitações e construções diversas

Confecciona-las numa escala aproximada da do plano, seja com madeira macia, seja cmo terra, modelada e levada ao fogo; pinta-las (tetos vermelhos e azul escuro). Fixa-las em seus respectivos lugares. (Fig. 22).

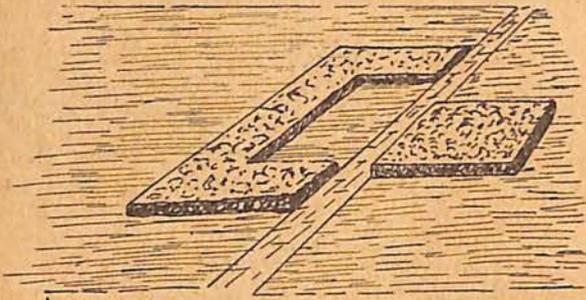


FIG. N. 19

**MUROS DE FECHAMENTO** — Cartões vermelhos afundados na areia e ultra passando-a alguns milímetros.

**SEBES VIVAS** — Um fio de canhamo (cordão de sapato) sobre o qual se fixam ramilhos de musgo convem perfeitamente.

**CLOTURES (?)** — executadas ou com pequenos pedaços de madeira (um quarto de fosforo) ou alfinetes.

**BALISAS** — Fosforos.

**VALAS** — Traça-las com a ponta de um canivete.

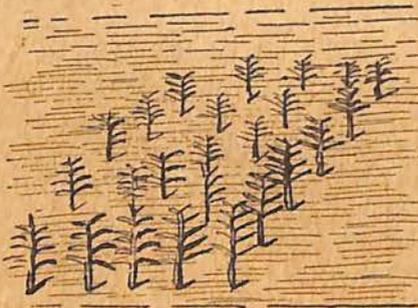


FIG. N. 21

Todos os outros elementos constituintes da planimetria serão, se se julgar util, representados por representações minúsculas em cartão trazendo seu sinal convencional.

### 7° — INSCRIÇÕES E COTAS

As designações da carta (nomes das localidades, lugares, bosques, cotas, etc.)

serão escritos a giz sobre etiquetas em cartão preto (ou papel preto (fig. 23)).

As letras e os algarismos deverão ser de grandeza suficiente para serem lidos sem dificuldade (cerca de 4 milímetros de altura).

Não se esquecer de localizar, em ca-

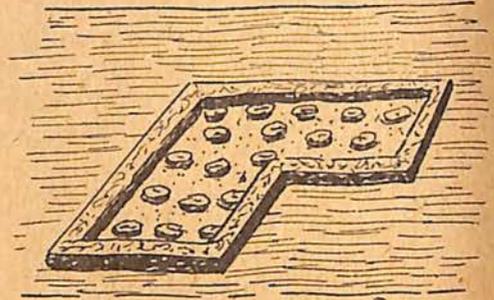


FIG. N. 20

da extremidade das estradas ou vias ferreas, limitadas pelos bordos do plano, uma inscrição indicando a direção dessas vias (para... tal localidade...) com a indicação da distancia.

E' necessario, além disso, inscrever em preto, sobre etiquetas brancas, os numeros das linhas (indicações quilometricas) da quadriculagem Lambert superposto ao plano.

Ao exposto acima é util ajuntar que

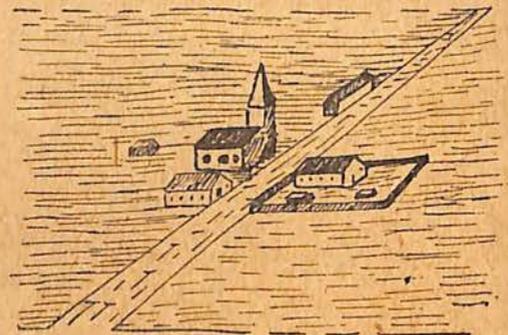


FIG. N. 22

um plano de areia cuidadoso pode ser executado, tomando-se como base uma media de um kilometro quadrado por dia, qualquer que seja a escala utilizada.

Esta só é, naturalmente, uma base modificavel, segundo a complexidade do nivelamento e da planimetria e tambem a habilidade dos executantes.

### ANEXO

Este trabalho poderia parecer incom-

pleto si não se fizesse menção dos distintivos destinados a representar as unidades, as armas automaticas, os carros de assalto, abreviaturas, postos de comando, etc., nas manobras e exercicios a estudar sobre o plano de areia.

Para isso, desenhar sobre pequenos cartões de cores diferentes segundo as companhias, batalhões, regimentos, etc., os sinais convencionais, indicados no artigo II



FIG. N. 23

do Regulamento de manobra (1ª parte, 1928, "Instrução tecnica" pag. 34).

Esses simbolos não passarão dum centimetro em largura e um centimetro e meio em comprimento, afim de os aproximar o mais possivel da escala do plano de areia.

Serão colocados sobre finas pranchetas de dimensões identicas, no meio das quais se fixará um pequeno gancho ou um preguinho, o que facilitará sua colocação sobre a areia (fig. 24).

Além disso, a materialisação dos tiros das armas automaticas, em particular metralhadoras, poderá ser realizada por meio de arame formando um angulo que se abrirá mais ou menos, segundo a zona batida pela arma automatica e a importancia de sua gerba (fig. 25).

Esses arames poderão ser pintados da mesma cor que os simbolos representativos das unidades.

Seu comprimento sendo proporcional ao do campo de tiro e tambem á escala do plano, será necessario confeccionar um certo numero de séries, uns para os fuzis metra-

lhadoras, outros para as metralhadoras (levar em conta a possibilidade de tiro dessas armas).

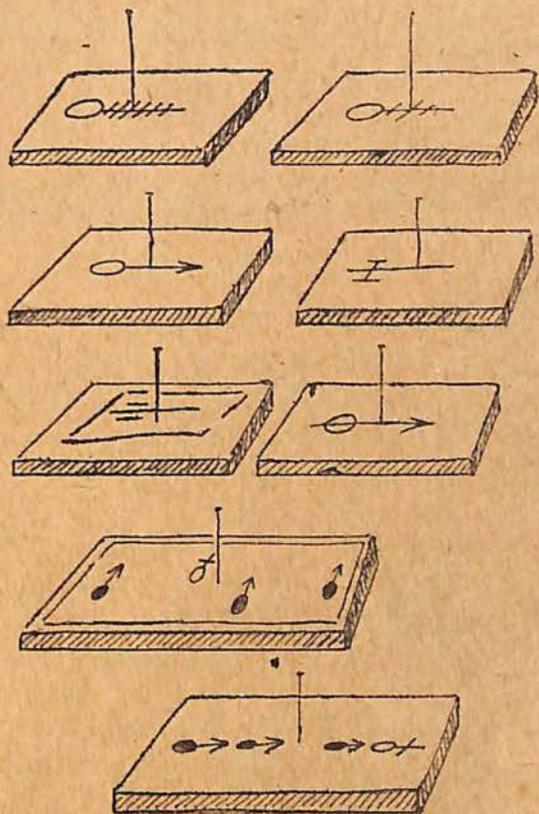


FIG. N. 24

### REPRESENTAÇÃO DOS TIROS DE AR- TILHARIA E ENGENHOS DE ACOMPANHAMENTO DE INFANTARIA

Os tiros de artilharia (concentração, zonas, barragens) poderão ser materializados ou por flócos de algodão em rama, ou por especies de gabaritos retangulares de arame, cujas dimensões estarão em relação com a escala empregada e tambem com as possibilidades de tiro da unidade de artilharia considerada.

Por exemplo, para um plano na escala de 1|1000, admitir-se-á para figurar o tiro de uma bateria de 75, um gabarito medindo 0m,20 de comprimento por 0m,15 de largura, correspondente a uma zona batida de 200 metros de largura por 150 metros de profundidade (desvio provavel) (fi. 26).

Este gabarito, no interior do qual se estabelecerá uma especie de quadriculagem em arame extendido, sobre o qual se fixará alguns flocos de algodão em rama, será lo-

calisado em tempo oportuno sobre o plano, no lugar batido, e retirado á vontade desde que cesse o tiro.

Poder-se-á mesmo, se julgar-se util, colorir o algodão para a representação de diferentes projectis:

- Flocos amarelos: granadas toxicas;
- Flocos brancos: schrapnells;
- Flocos vermelhos: granadas explosivas;
- Flocos verdes: granadas fumígenas;

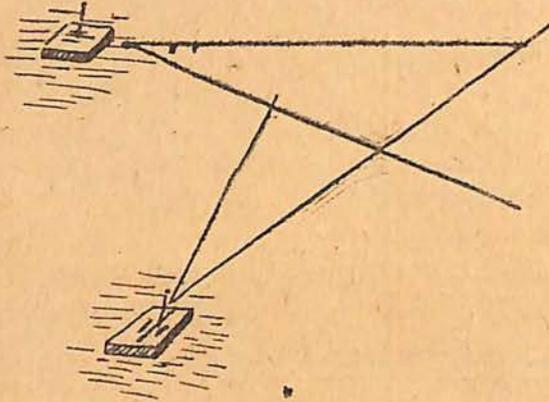


FIG. N. 25

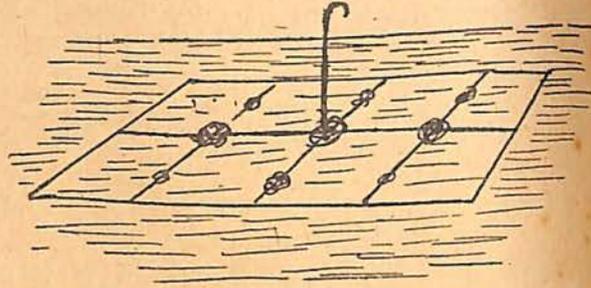


FIG. N. 26

ação, os objetivos sucessivos ou as posições de resistencia serão determinados com os cordões de cores variadas, previstos no capítulo II, fixados por alfinetes.

**PONTE ROLANTE** — Emfim, a utilidade de uma ponte rolante, podendo percorrer de uma extremidade a outra do plano impõe-se, se o plano de areia passa de 2 metros de largura (fig. 27).

Ela facilitará:

De uma parte, a confecção do plano acima como as reparações a efetuar, no caso de . . . . .

De outra parte, a localização dos símbolos ou representações das unidades durante os exercicios taticos.

Esta ponte será constituida por uma

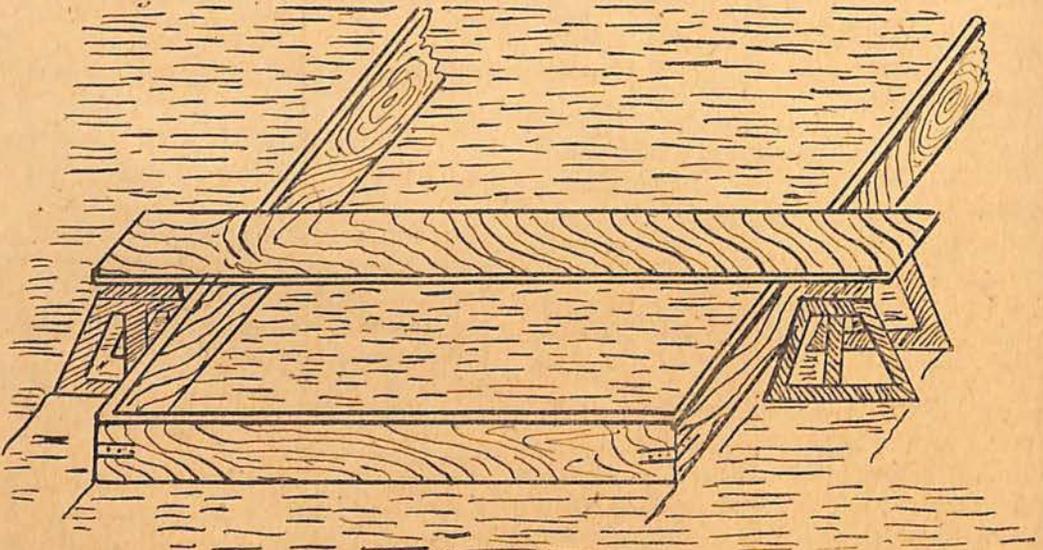


FIG. N. 27

A mesma representação poderá ser estabelecida nas convenientes proporções, para os engenhos de acompanhamentos de infantaria.

**ZONAS DE AÇÃO E OBJETIVOS SUCESSIVOS** — Os limites das zonas de

prancha bem espessa (de 3 a 5 centímetros) e de 30 a 40 centímetros de largura, fixada em suas duas extremidades sobre cavaletes montados sobre rodas. Os lados longitudinais do quadro do plano servem de guias aos cavaletes e mantêm seu paralelismo.

# ARQUIVOS E FICHARIOS

Pelo Major José Faustino Filho

“A incompetencia em organizar, é não só incompetencia, mas repulsa que todos mais ou menos sentimos por qualquer tentativa de organização”. Raul Proença — Vícios Portuguezes.

Ao sairmos da Escola, ingressando na vida pratica, quer se entre nela pelo postigo da sentinela dum quartel ou pelo escritorio tecnico do engenheiro, consultorio do medico ou banca do advogado, cada um na sua profissão, todos vamos produzir.

E, embora de nós se exija, de pronto, uma simples informação, ao pegar da pena para redigi-la, rapido exame de consciencia nos diz que, do laborioso passado escolar, onde procedemos á acurados estudos, só nos restam indeleveis no espirito as noções gerais, cuja enunciação dogmatica de modo algum poderá esclarecer o **caso concreto** que devemos encarar. No louvavel intuito de cumprir conscientemente com o nosso dever, quedamo-nos pensativos a assentar idéas e, vagamente, se nos apresenta a doutrina generica a que aquele caso está filiado, mas é impossivel precisar seus detalhes e ir buscar uma citação típica capaz de caraterisar e resolver o assunto. Recorremos a alguem mais antigo na profissão, tido e havido como especialista, e este vai nos dizer que existe um livro que des- envolve o assunto com muita propriedade, mas já não se lembra bem qual seja o autor; deve, talvez, encontrar-se em tal coleção.

E, a busca do livro, da lei ou do aviso, vai consumir tempo precioso. A procura fastidiosa de elementos

dispersos, sem que se saiba bem onde procura-los, pôde ser poupada e o tempo aí consumido melhor aproveitado na coletanea mesma do material que será futuramente manancial precioso ao nosso proprio trabalho ou de outrem, que encontrará uma diretriz segura no traço do nosso esforço.

O **desideratum** deste artigo é dar o **metodo** que permita a melhor utilização dos **meios** de que dispomos para produzir rapidamente, trabalho util e documentado, que se vai erigir alicerçando-se na **documentação** que oportunamente tenhamos colhido, arquivado e fichado, evitando assim venha a desaparecer no emaranhado das coisas dispersas. E, á proporção que o expomos, vamos particularisando-o para os assuntos militares.

## ORIGENS DOS METODOS

Os **metodos de classificação bibliografica** têm origens remotas e duvidosas. O certo, porém, é que, quem primeiro teve idéa de utilizar-se de **cartas, moveis** ou “**fichas**”, que podessem aumentar em quantidade sem que se perturbasse a classificação, foi o eminente cientista, Padre ROZIER, quando, em fins do seculo XVIII, empreendeu a notavel organização do indice dos trabalhos da “Academia de Ciências”, de Paris, da qual era membro proeminente, depois de as ter praticamente experimentado em sua bi-

blioteca particular.

A primeira obra classica sobre o assunto só surgiu em 1865, foi o "Manual du libraire et de l'amateur du livre", de Brunet, que trazia um catalogo metodico. Outras surgiram após ela, como as de Bottin e do Dr. Becerro de Bengoa, orientando-se cada qual para um dado ramo de ciencia e adotando todos, por ser o mais simples, o metodo alfabetico.

Em 1873, appareceu a **Classificação decimal** inventada por Melvil Dewey que, pela primeira vez, a applicou á Bibliotheca de Amherst College, em Massachusset e, aperfeiçoada, apresentou-a editada em 1891, sendo em 1895 e 1897, adotada pelas Conferencias Internacionais de Bibliografia, reunidas em Bruxelas.

Durante a guerra adotaram-na: o Q. G. do Exercito Australiano, no Cairo, conforme testemunho do Tenente do Exercito Britanico G. V. Micklam, referido no "The Royal Engineers Journal", de 1932; e, em todos os seus serviços os Exercitos Alemão e Inglês, segundo informam Mojica e Astudillo, na obra: "La organización administrativa y la Guerra Europea", onde afirmam: — "Los ejércitos que han actuado en la ultima guerra europea no usaron libros en cuaderados, y, sin embargo, toda unidad, aun en plena accion, ha llevado su minuciosa contabilidad". Hoje usam-nas quasi todos os Exercitos.

A classificação decimal do Melvil tinha sido porém, concebida para servir exclusivamente á bibliografia, sendo generalisada como metodo geral de trabalho intelectual pelo Dr. Chavigny, medico militar e professor adido de Val-de-Grâce e adaptado como processo de eserituração para a Armada e Exercito argentinos pelos Srs. Mojica Farias e Astudillo Me-

nendez, aquele chefe dos arquivos do Banco de La Nacion e este ilustrado professor da Escola Militar.

Tal metodo foi adotado entre nós pelo Ministerio das Relações Exteriores e o Dr. Agripino Veado publicou um interessante trabalho para o ramo do Direito que denominou: "Classificação Decimal de Jurisprudencia".

Os protocolos do **Departamento e Secretaria da Guerra**, estão funcionando com ficharios. O metodo porém, ainda não se estendeu ás demais repartições e corpos de tropa, dependendo aliás dos estudos a que procede uma comissão, á qual apresentamos nosso trabalho como modesta contribuição.

## PRINCIPIOS DIRETORES

A classificação é uma das condições indispensaveis para que possamos fazer uso dos nossos conhecimentos, que constituem séries continuas na natureza. Ela "deve ser logica, segura, clara e adequada ao imenso mundo dos fenomenos universais", no dizer de Silvio Romero. Como toda a fórmula de categoria do espirito, a classificação tem que ser arbitraria e repousar finalmente sobre certas convenções. E como o **fim** a atingir é a adoção de um **metodo**, vejamos qual o que mais nos convém por melhor satisfazer ao conjunto dos principios diretores que constituirão nossa doutrina.

"Toda organização — diz Mojica — deve responder a um metodo, a um procedimento logico que, como o mecanismo invisivel dos relogios, movem com precisão matematica as agulhas que marcam as horas, assinalando um resultado, indica uma solução

ou informa sobre os detalhes do processo ou coisa a que se aplica”.

O **metodo** a ser adotado deve satisfazer aos seguintes principios directores; que deduzimos do que outros nos induziram:

- 1.º)—Prevêr um lugar para cada coisa, pois, cada coisa que exista ou surja deve encontrar previsto o seu lugar.
- 2.º)—Traçar o quadro do conjunto de conhecimentos humanos, partindo do geral para o particular, segundo uma divisão logica, clara, segura e racional, que seja antes capaz de orientar do que confundir nosso espirito.
- 3.º)—Desdobrar cada divisão geral em sub-divisões completas e perfeitamente indefinidas segundo os assuntos primordiais que possa compreender, de modo a não forçar adaptações inadequadas.
- 4.º)—Ser no conjunto simples, conservando todas as suas partes indefinidamente extensíveis, capazes de comportar aperfeiçoamentos sucessivos com acrescimos de assuntos novos, sem que a ordem geral estabelecida sofra perturbações fundamentais.

Adotado o **metodo** a êle temos que nos restringir, pois si fôr renovado ou substituído, jamais será concluído. Assim sendo, vejamos qual o metodo que pode satisfazer aos principios directores que acabamos de estabelecer.

### METODO A ADOTAR

O sistema decimal é um excelente metodo de classificação, mas tem um grave inconveniente, que aliás pode facilmente ser corrigido. A sua

divisão geral, como cada uma de suas sub-divisões, só tem 10 partes; donde termos a cada passo que forçar a adaptação de um assunto a outro, quando atingido o limite exiguo do numero 10, contrariando o 3º principio director.

A sua applicação pode naturalmente conduzir um bibliografo ao erro citado como classico, da inclusão da obra de Baillut — “Impressões Celulares” — na sub-divisão — Micrografia — a que foi adaptada por Bottin, embora nada tivesse a ver com tal assunto.

Dai, talvez, alguns autores, entre os quais Pickmann, Perkins e Schwartz, proporem o sistema duo-decimal, numeração que não é usual entre nós, e, o Dr. Bengoa, a yintescizimal, pois, cada letra do alfabeto se desdobraria em outras 26 letras.

Para não inflingir os principios que enunciamos, evitando forçar adaptações, preferimos aperfeiçoar o sistema decimal, adotando uma **base qualquer** (quinquenal, centesimal, millesimal etc.) que esteja adequada ao desdobramento natural dos assuntos a tratar, pois que estes é que devem ditar a base do sistema, parecendo-nos um contracenso que o sistema obrigue a um numero exato de divisões e sub-divisões.

**A numeração é que deve adaptar-se aos assuntos e nunca estes se subordinarem áquela.**

Na classificação geral, ha ciencias que não comportam exatamente 10 sub-divisões; umas ficam aquem e outras vão muito além deste limite. Facil é convencionar para cada **mistér** um sistema de numeração cuja “razão” será indicada pela maior das sub-divisões que nele se contiver. Assim vamos adotar o “centesimal” para os **ficharios de verbetes e catalo-**

gação de bibliotecas e o "milesimal" para as **mapotecas e protocolos**; pois que com êles atender-se-á plenamente as suas finalidades, como vamos demonstrar.

### SISTEMA CENTESIMAL

Neste sistema, como em qualquer, devemos começar pela **classificação geral dos conhecimentos humanos**. Problema assás debatido e cuja discussão nos dispensamos de reproduzir, mas que estudamos para poder tirar uma conclusão. Assim é que partindo da triplíce classificação de Aristoteles onde são: **Téoricos** — os conhecimentos que têm por objeto a pura especulação; **Práticos** ou ativos, os que têm por fim dirigir a ação e **Poéticos** ou factivos, os que dirigem a produção do espirito; encarando a classificação de Spencer e a "**Hierarquia teorica das concepções humanas**" ou "Quadro sintetico da ordem universal" de Augusto Comte, bem como o estudo critico que lhe fizeram Silvio Romero e Farias Brito; viemos até a — "Primeira divisão geral das ciencias humanas" — de Melvil Dewey que assim foi organizada: — 0 — Obras gerais — 1 — Filosofia — 2 — Religião — 3 — Sociologia — 4 — Filologia — 5 — Ciencias puras — 6 — Ciencias applicadas — 7 — Belas Artes — 8 — Literatura e 9 — Historia e Geografia, para finalmente, adotarmos a seguinte

#### CLASSIFICAÇÃO GERAL.

- 0—Filosofia.
- 1—Filologia.
- 2—Ciencias puras.
- 3—Ciencias applicadas.
- 4—Belas Artes.
- 5—Historia e Geografia.
- 6—Assuntos militares.

Tal classificação vai comportar sub-titulos, estes por sua vez se desdobrarão em assuntos e sub-assuntos etc.

Apresentamos em anexo os sub-titulos que cada titulo pode comportar e deixamos a cada qual o desdobramento destes, que podem atingir ao infinito, e, só quem conheça todos os assuntos duma profissão ou repartição será capaz de adaptar suas necessidades á uma organização logica e completa.

Para facilitar este trabalho o "Instituto Internacional de Bruxelas" já editou 35 volumes, desenvolvendo em cada qual uma certa categoria dos conhecimentos humanos. A sua simples tradução porém, não basta. Não devemos adota-lo simplesmente, porém, adaptar convenientemente tal trabalho.

Assim sendo, quem, por exemplo, se encarregasse da classificação duma repartição militar e fosse transcrever os diversos itens dum catalogo de modas e confecções, teria simplesmente perdido o seu tempo, pois que aí, ninguém terá oportunidade de utilizar-se de tais dizeres.

Estabelecido o metodo, qualquer um que conheça o seu "metier" pode para êle organizar uma **classificação**, que vá permitir depois a quem tenha necessidade de uma indicação ou documento encontrá-lo instantaneamente.

Vamos então mostrar, como funciona o nosso metodo nas seguintes organizações:

- A)—Fichario de verbetes;
- B)—Bibliotéca e Mapotéca;
- C)—Protocolos e Arquivos.

## FICHARIO DE VERBETES

A memória é faculdade indispensável ao estudo, só ela pode conservar as ideias adquiridas e trazer ao pensamento as cousas que nos são uteis.

Escritor notável já disse que: — “a memória filha da atenção é mãe gentil da sabedoria”. CHAVIGNY porém, nos adverte, que éla é “um campo de ruínas, no qual, de longe em longe, uma especie de tumulto indistincto bem que em tal ou qual lugar houve outr’ora um monumento importante, mas é impossível precisar seus detalhes”.

A memória deve pois, ser auxiliada e completada por uma documentação que possa ser encontrada sem perda de tempo. Napoleão já aconselhava: “El serait á souhaiter qu’an bien de faire des livres nouveaux en s’apliquat faire de bens extraits de ceux qui existent déjá”.

Daí, devemos anotar e guardar metodicamente toda ideia nova ou profunda que encontrarmos, pois que com isto, iremos aliviar nossa memória, poupar nosso tempo e conservar todos os nossos conhecimentos.

SCHILLER já disse: — “o que recusastes receber no momento oportuno, nenhuma eternidade te poderá devolver”.

E’ preciso porém, faze-lo com ordem, pois que esta é a condição primaria e absoluta de todo o trabalho intelectual.

Encontramos numa leitura uma interessante noção de assunto profissional que não desejamos perder, vamos então ficha-la, organisando um “verbeta” que irá ocupar o lugar que lhe compete no grupo natural a que pertence. E cada idéa, informe ou noção, que seja julgada profunda será inscrita numa cartolina que se denomina **ficha**, e, por mais que se avolumem, jamais a ordem geral será perturbada, pois que está **previsto um lugar para cada cousa**.

Tomemos alguns exemplos praticos “porque exemplos, diz Vieira, declaram muito”.

**1.º Exemplo** — Lendo um trabalho do Major João Pereira, encontramos certa definição, a qual não queremos perder, pegamos duma ficha e registramo-la assim:

Nº .....

## ARMAS AUTOMATICAS

“Denomina-se arma automatica aquella em que cada disparo determina a abertura da camara, a extração e a ejeção do estojo, a montagem do dispositivo de percussão e a compressão de uma mola recuperadora, cuja distensão ocasiona o carregamento e o fechamento da camara.” (Major João Pereira, Armas automaticas, artigo de “A Defesa Nacional”, n. 220, de 1932, pag. 183).

Está anotada a definição. Agora é preciso guarda-la num fichario metodicamente organizado, afim de que seja instantaneamente encontrada quando necessaria. Para isso fazemos

o raciocinio de quem vier a procurá-la. Perguntaremos então: — Onde encontrar uma definição de armas automaticas?

— O metodo que adotamos vai

prontamente nos responder. Na **classificação geral** encontramos no numero 6 (Assuntos militares) os subtítulos: **Armas e Tática**. Ora, é evidente que sendo a questão **armamento** de carater tecnico não pode achar-se contemplado na **tática** e sim nas **armas** e, como as armas automaticas

são caracteristicamente do infante, não devemos procura-la na Artilharia; da mesma forma que não iremos procurar descrições de canhões na Cavalaria.

Tomemos então a ficha "guia" da Infantaria que abaixo se vê:

611 Inf.

**Ficha guia da Infantaria**

Generalidade.....	0	<u>Instrução da tropa</u>	
Armamento.....	1	(Generalidades).....	7
Fard. e equipamento.....	2	Soldado de fileira.....	8
<u>Instrução dos quadros</u>		Especialistas .....	9
(Generalidades).....	3	Empregados.....	10
Oficiais.....	4	Artifices.....	11
Sargentos.....	5	Uns. constituídas.....	13
Cabos.....	6	Tecnica.....	13

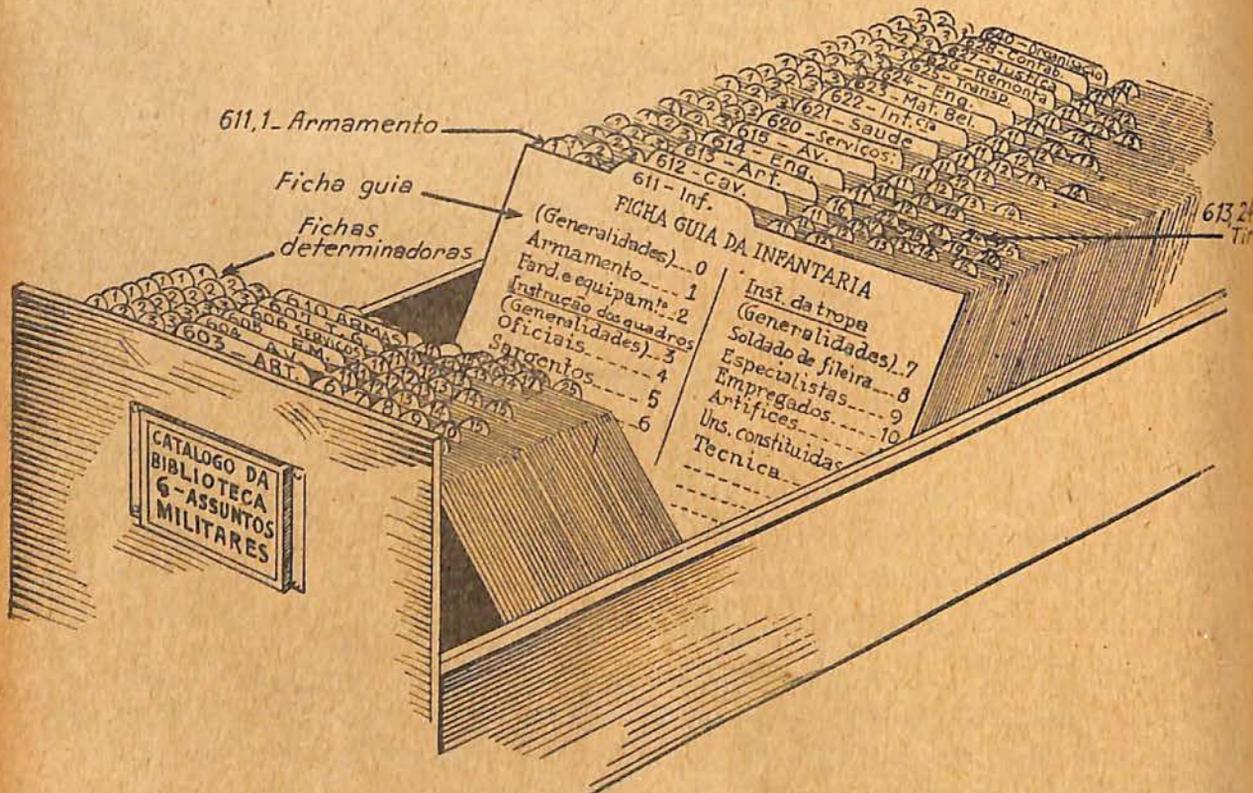


Fig. 1

Nela encontramos com o indicativo 1 o sub-título — **Armamento**. A nossa ficha vai pois tomar o n. 611,1 e entrar para o Fichario (Fig. 1), atrás dessa ficha “guia” 611 — Inf. em seguida á ficha determinadora —

1 — **Armamento**, colocação que obterá todo o assunto que diga respeito ao armamento da Infantaria, pois o inteiro 611 corresponde ao título Infantaria e a parte decimal um, ao seu sub-título — **Armamento**. Sub-título este que poderia desdobrar-se em **assunto** e **sub-assunto**, constituindo sempre a última sub-divisão á parte decimal, o inteiro alcançaria a classe dos milhares e “Armamento” ficaria sendo 6.111 inteiros, ficando o decimal para as suas sub-divisões, como vamos proceder para com a mapoteca.

2.º **Exemplo** — O referido Major prosegue em seus artigos que julgamos deveras interessantes, mas não é possível copia-los integralmente, no entanto teremos que consulta-los. Como proceder? Si colecionamos a “Defeza”, é só acrescentar áquele verbebo ou noutro com a mesma numeração, a seguinte anotação: — **Armas automaticas V. Artigos do Major João Pereira nos ns. 114, pagina 582; 128, pag. 155; 129, pag. 204, e 220 pag. 18º de “A Defeza Nacional”**. Caso contrario, devemos arrancar as paginas que contém tal estudo e reuni-las numa pasta que será arquivada de conformidade com as indicações que damos adiante ao tratar dos **arquivos**.

Anotando-se neste caso a ficha com os dizeres: Vide doc. n. 5 da Pasta n. 2 de Armas automaticas. — Da mesma forma se o assunto julgado profundo constar de um livro vamos cita-lo na ficha com a indicação do numero que tal livro tomou na “**Bibliotéca**”.

3º **Exemplo** — Vem de ser publicada uma nova lei sobre **penas disciplinares** e temos duvida se devemos ficha-la em 627 — **Justiça militar** ou 647 **Legislação**. Os sub-títulos a que estão subordinados os dizeres esclarecem o assunto, pois, em 627 trata-se dum serviço enquanto que em 647 já está debaixo do dizer: **organização**. Assim sendo por **Justiça Militar**, só se deve compreender o que diz respeito ao seu Código ou seja a sua constituição e funções como um dos serviços do Exercito. Agora como regra: — **Sempre que um assunto corresponde a 2 ideias organizam-se duas fichas que, embora com os mesmos dizeres em seu corpo, terão titulos diferentes e em consequencia irão ocupar lugares diversos**. Assim, quando a descrição dum dado acontecimento importe em fixar um fato historico e caracterisar uma individualidade, figurará em 3 fichas que irão: uma para biografias, outra para efemerides e a 3ª para historia.

4º **Exemplo** — Inversamente ao exemplo anterior, aparece um assunto para o qual não existe qualquer dizer na — **Classificação geral**, como seja: — **Canções militares**. Convirá crear um sub-titulo para assunto tão restrito? Certamente não, pois não devemos cair no excesso, que acabaria por nos submergir em meio a multidão de dizeres, igualando a quantidade de fichas simples ás de orelhas numeradas. E' imprescindivel que se restrinjam as sub-divisões, sem cair-se no extremo oposto de forçar adaptações inadequadas.

As canções militares poderiam ser classificadas em 402 **Poesia**, melhor porém, ficarão no sub-titulo: 646 — **Instrução geral** que é onde a ministramos aos soldados.

Este dizer sendo um desdobra-

mento dum sub-titulo não vai apparecer em nenhuma ficha guia ou determinadca e, quando tivermos necessidade de pesquisa-lo, vamos perder muito tempo.

Para aliviar tal inconveniente deve-se organizar o que se denomina:

## DICIONARIO DO FICHARIO

Este dicionario vai consistir num caderno com indicador alfabetico, cujas paginas serão divididas em tres columnas com os dizeres: **Assunto, titulo e sub-titulo**. No caso presente os dizeres: "Canções militares" iriam para a columna **Assunto**, da pagina letra C, escrevendo-se abaixo de **Titulo e sub-titulos** os dizeres: "Organização militar" — Instrução geral e cultura.

Este dicionario não deverá conter senão aqueles assuntos que não estando diretamente subordinados a qualquer dos sub-titulos da "Classificação geral", possam trazer duvidas quanto á sua filiação, mas uma vez assentado esta, é preciso que fique escrito para não surgir duplicidade.

A **ordem alfabetica** tendo deixado de ser geral, vai surgir neste como noutros casos especiais. Assim é que dentro da **Biografia** vamos empregar-la, de preferencia a desdobrar este sub-titulo em: cientistas, historiadores, literatos, poetas, etc.; mesmo porque, raros seriam aqueles que não dessem lugar a diversas fichas. Daí pois, apparecerem **orelhas alfabeticas** após a de numero 505 — **Biografias**.

## BIBLIOTECA

A arrumação dos livros nas estantes segundo uma ordem logica que reuna as obras da mesma materia, — tal qual se encontrem relacionadas

no **catálogo**, trará para o bibliofilo, dentro de pouco tempo, a grande vantagem dele ter traçado na mente a distribuição respectiva; rapida portanto, será a procura. O catálogo vai ser o diligente cicerone que nos dirá si ali existe o que procuramos e onde se encontra.

Como em tudo, a dificuldade só existe no começar. Uma vez estabelecidos os **principios** da ordem a obedecer, a execução material torna-se rapida e suave.

As grandes bibliotecas costumam ter separadamente 4 especies de catálogos:

- 1.º) — **didascálico** — que subentende conhecido o **titulo** da obra;
- 2.º) — **onomástico** — que diz quais as obras ali existentes de cada autor; — ambos obedecendo a ordem alfabetica;
- 3.º) — **ideografico** — que informa sobre todas as obras dum determinado assunto sem se preocupar com o seu titulo ou autor;
- 4.º) — **topografico** — que nos indica a **colocação** dos livros dado o seu numero de ordem.

O sistema mais pratico é reunir os quatro **num só catalogo** que, nas pequenas bibliotecas, poderá ainda ser organizado em fichas.

E para isto basta que estas contenham os seguintes dizeres: — **Titulo** — **Autor** e **Colocação** e sejam colecionadas segundo uma determinada **orientação**. Adotando-se a nossa "Classificação geral" — o empreendimento vai ser por demais facilitado. Senão vejamos.

Os nossos livros estão entulhados em caixotes ou reunidos em estantes, não obstante, perdemos longo tempo para achar a obra de que pre-

çisamos, pois que ha completa dispersão na arrumação, que é na verdade uma "coluna de embrulhos". Começemos então por empilhar um monte em cada canto: aqui os de Filosofia, ali os de Ciencias, acolá os de Assuntos militares, — segundo as grandes divisões estabelecidas, e após, dentro de cada monte pelas respectivas subdivisões. Feito isto podemos fichalos e coloca-los nas prateleiras, da esquerda para a direita e de cima para

baixo, dentro de cada estante, segundo a ordem absoluta da numeração.

5.º — **Exemplo** — Estamos diante da pilha dos "Assuntos militares", monte relativo á **Artilharia** e queremos saber como catálogar tais livros. Nada mais simples. Vamos desagregar o monte em pequenos monticulos segundo os **Assuntos da ficha guia — da Artilharia**, que poderá ser assim constituída:

613 — Arta.

## FICHA GUIA DA ARTILHARIA

Generalidades.....	0	Instrução dos empregados.....	13
Armamentos.....	1	Instrução dos artifices.....	14
Arreamento.....	2	<b>Unidades constituídas</b> (generalidades).....	15
Pardamento e equipamento.....	3	Artilharia de campanha.....	16
<b>Instrução dos quadros</b> (generalidades).....	4	> a cavalo.....	17
Oficiais.....	5	> de montanha.....	18
Sargentos.....	6	> pesada.....	19
Cabos.....	7	> de costa.....	20
<b>Instrução da tropa</b> (generalidades).....	8	> anti-aerea.....	21
Instrução a pé.....	9	<b>Tecnica</b> (generalidades).....	22
Instrução equestre.....	10	Munições.....	23
Instrução do artilheiro.....	11	Tiro.....	24
Instrução dos especialistas.....	12	Material.....	25

Ora, por traz desta ficha guia vamos encontrar as fichas determinadoras (as de orelhas numericas) Fig. 1. Retiremos as de numero 24 — **Tiro** — para en-

cher os seus dizeres com os livros e regulamentos que temos sobre tal assunto. Sejam por exemplo os constantes da ficha abaixo:

24 Tiro

CATÁLOGO da série 613,24 — **Artilharia — TIRO**

TITULO	AUTOR	COLOCAÇÃO		Observações
		Serie	Numero	
Pratique du tir du canon de 75.....	Challeát	613,24	1	Edição 1915
L'Artillerie nouvelle — munitions, tir e matériels.....	Thouvenin	613,23	6	Edição 1921
O tiro de artilharia de costa.....	Castro e Silva	613,24	2	Edição 1912
Le service en campagne et le tir du canon 75	Boffocher	613,24	3	Edição 1910
Instrution générale sur le tir de l'Artillerie	Ministère de la Guerre	613,24	4	Edição 1922
R. E. A. 3ª Parte.....	E. M. E.	613,24	5	Edição 1927
R. E. A. IV.ª Parte.....	E. M. E.	613,24	6	Edição 1930
Tabela de tiro do 75 c/28 M. 1908.....	Krupp	613,24	7	Edição 1924
Tabela de tiro do canhão de mth. Schneider 75 c/18,6.....	D. M. B.	613,24	8	Edição 1922
Tabela de tiro para o obuseiro 10,5 c/14.....	Krupp	613,24	9	Edição 1909

O livro novo tomará o numero seguinte ao ultimo fichado e este numero será escrito no canto superior esquerdo da 1ª pagina da obra e na "etiqueta" a ser pregada em sua lombada com a seguinte disposição:

N.º 9.  
Série  
613,24.

Na ficha supra figura a obra de Thouvenin como pertencendo á serie 613,23, isto é, **Munições**; não obstante ser a ficha da serie 613,24 — **Tiro**. Como se vê do proprio titulo, este livro, trata de **Munições, tiro e material** e por isso figura nestas tres fichas com a mesma colocação: — 613,23-6, que foi a que recebeu o livro e indica onde êle se acha.

A nossa catálogação reunindo numa só todas as especies de catálogos existentes visou resolver o problema geral e pelo modo por que comumente si nos apresenta, que é o de

alto da ficha condicionando a propria organização do fichario. Tal seja o numero de livros, teremos muitas vezes que encher frente e costas de diversas fichas do mesmo assunto, neste caso, somente as primeiras fichas devem ter orelha numerada, as demais dispensam-nas.

## MAPOTECA

Tratemos antes dos moveis, para depois vermos como as cartas e os mapas devem ser catálogos e neles arrumados. O movel comum das mapotecas é a **comoda** ou "armario horizontal" (Figura 2), onde as cartas são horizontalmente colocadas nos gavetões como adiante explicaremos.

Outro tipo é o "vertical", do qual a Diretoria de Engenharia possui um belo exemplar de aço com mecanismo de abrir e fechar. Movel solido, elegante e á prova de fogo, e só não a

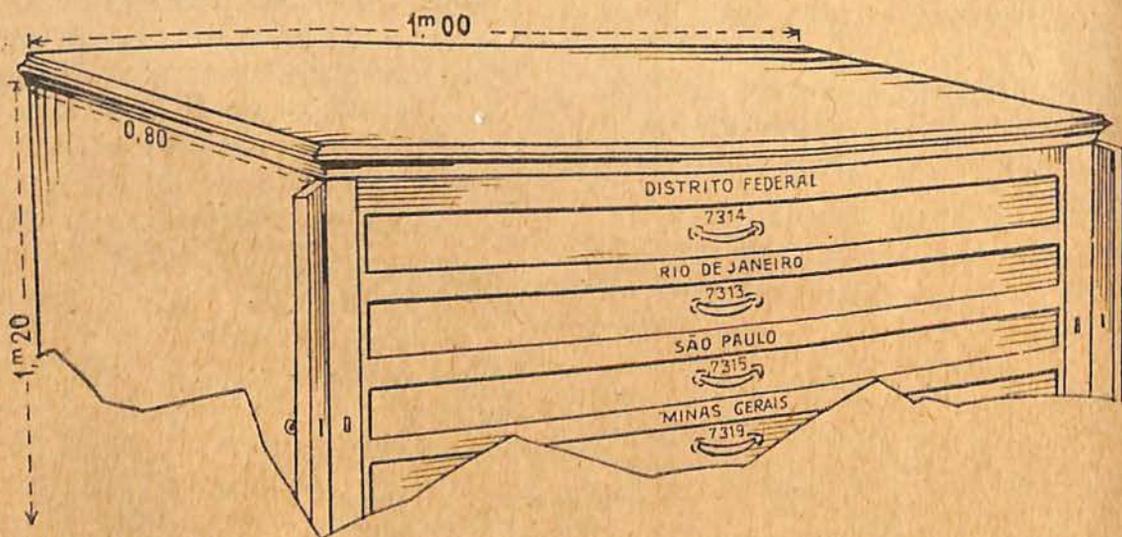


Fig. 2

termos um assunto a estudar e queremos de pronto saber onde encontra-lo. A especie **ideografica** tinha pois, que preponderar sobre as demais e por isso, o **Assunto** se acha no

recomendamos aos comandantes de corpos por ser de preço elevado.

Inspirado nele porém, idealizamos um tipo de "**Armario vertical de madeira**" (Figura 3), que poderá ser

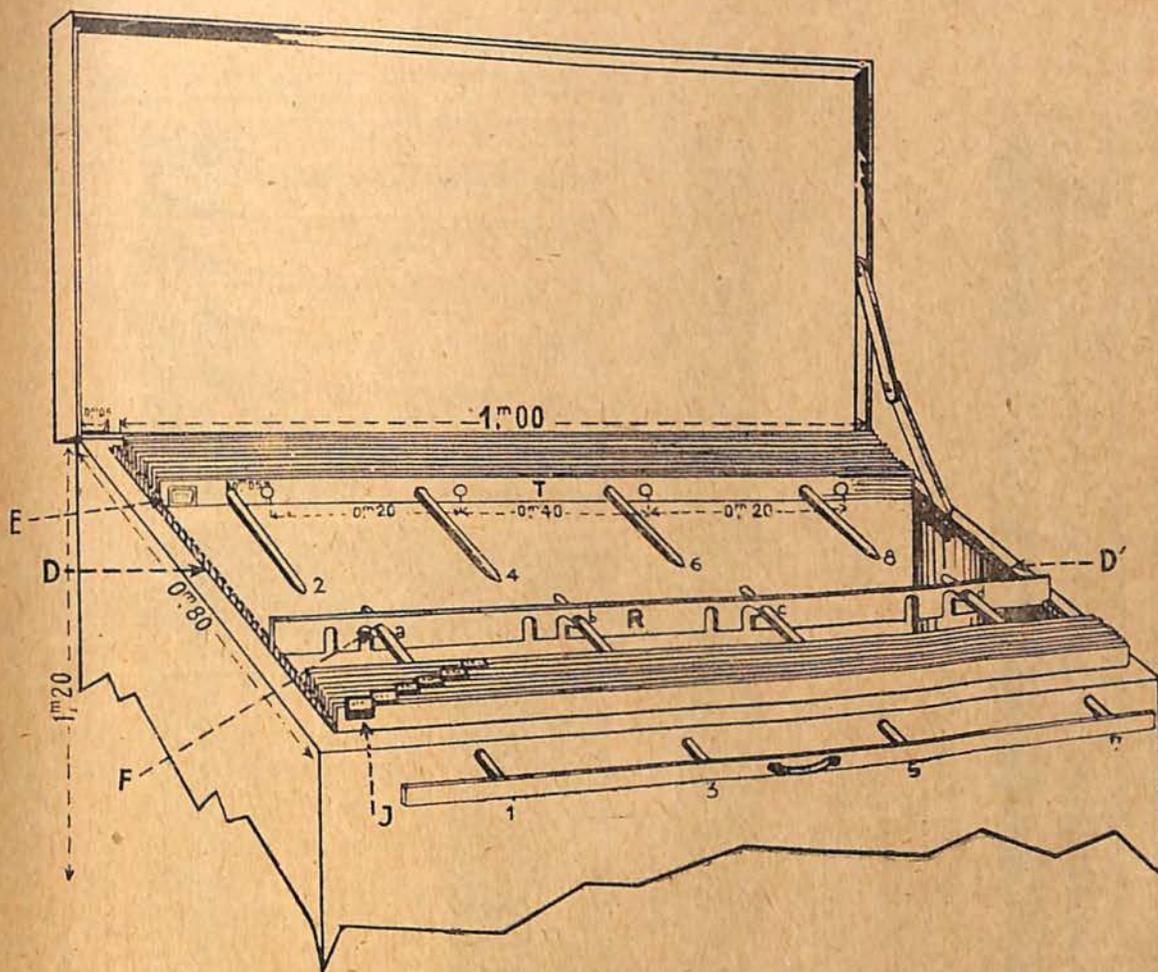


Fig. 3

economicamente construído nas próprias oficinas regimentais.

Neste armário todo o sistema vai repousar no movimento das hastes de ferro, (de numeros 1 a 8), ás quais as cartas se ligam por intermedio das "tiras, perfuradas" T, que se colam ás cartas com facilidade e se encontram á venda no commercio.

A operação de retirada duma carta consiste no seguinte:

1.º) — Procurar o numero referido pelo "Catálogo" na **determinadora** com **janela J** (Fig. 4), numero que é repetido com outros esclarecimentos na etiqueta **E**.

2.º) — Colocar as **reguas metálicas R**, de um lado e de outro da carta

a retirar, com elas comprimindo as demais cartas para frente e para traz de modo a isolar a carta desejada.

3.º) — Fixar as reguas, **R**, nos **descaños dentados D e D'** e, em seguida,

*Determinadora com janela J. ao ser fixada a tira T.*



Fig. 4

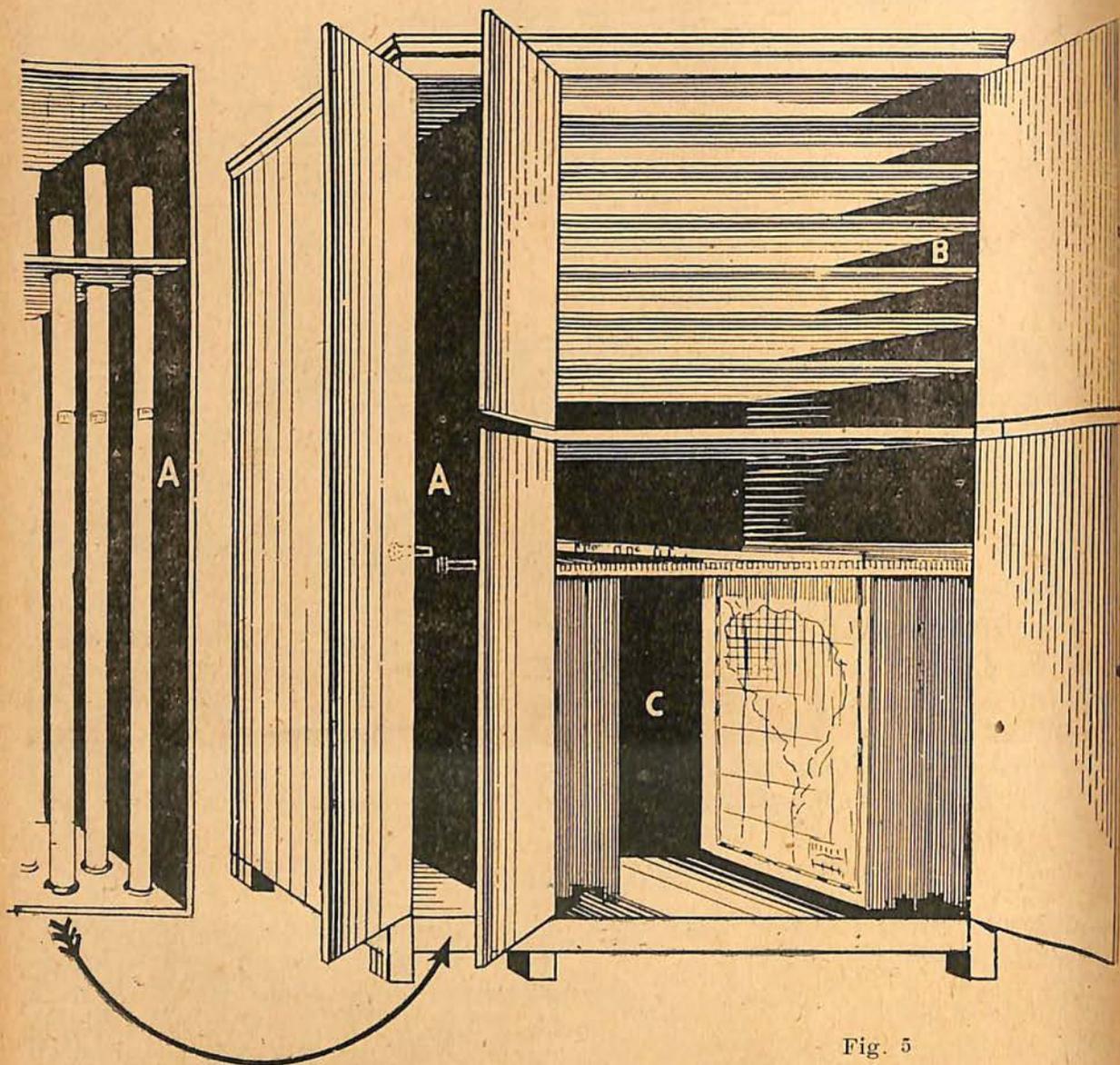


Fig. 5

puxar as hastes pares para fóra, repousando suas pontas nos orificios a, b, c, d.

4.º) — Puxar as hastes impares com uma das mãos, suspendendo a carta com a outra.

A reinclusão da carta vai se dar por movimentos inversos, retirando-se as hastes dos orificios e fazendo-as passar pelas fendas F das reguas R, empurrando-as até que alcancem os descãos que se encontram na parte da frente para as hastes pares e na de traz para as impares.

As cartas que excedam o comprimento de uma tira, (1m.) recebem duas ou mais, sendo dobradas em serpentinas na vertical e as que arrastem no fundo do armario, além da tira ao alto, receberão outra em baixo, sendo dobradas ao meio segundo a horizontal.

Outro armario interessante é o da Mapoteca da Contabilidade da Guerra, igualmente de aço e com mecanismos e onde tambem nos inspiramos para apresentar um aperfeiçoamento com o "tipo mixto" (Fig. 5)

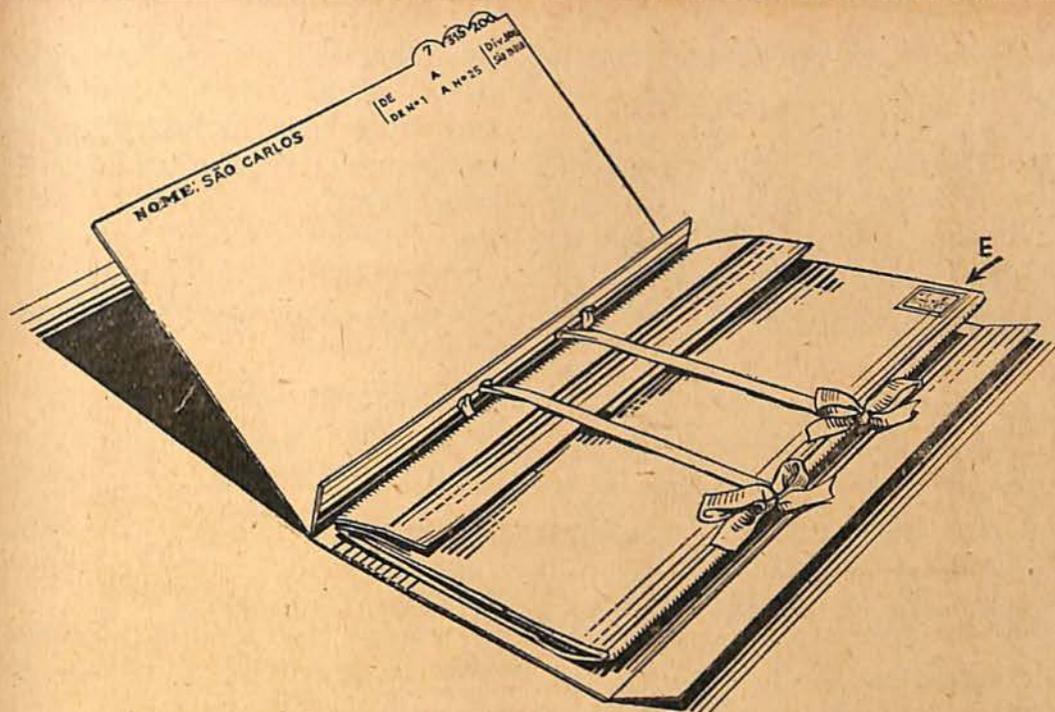


Fig. 6

no qual conservar-se-ão os mapas murais em **A**, as cartas dos Paizes em **B** e as folhas dos Estados e Municipios em **C**. As prateleiras devem ser móveis; e as do compartimento **A**, perfuradas, afim de manterem os mapas enrolados e na vertical. As hastes aí serão puxadas cada uma de per si, através os intervalos das linhas de mapas.

A Figura 6 mostra como devem ser conduzidas as cartas. A mapoteca dum particular aliás, pode ser constituída apenas por estas pastas.

### CATALOGAÇÃO DA MAPOTECA

Vejamos agora como catalogar uma **Mapoteca**. Sua classificação será naturalmente a "**geografica**", onde serão feitas as seguintes triagens:

- 1.<sup>a</sup>)—Separação pelos **Paizes** dentro de cada Continente;
- 2.<sup>a</sup>)—Pelos **Estados** ou **Provincias** dentro de cada Paiz;
- 3.<sup>a</sup>)—Pelas **Cidades** ou **Municipios** em cada Estado.

Feito isto, vamos organizar o **sistema** para tal classificação. Ao procurarmos a razão reguladora da serie, verificamos que, a maior das subdivisões, é a dos municipios, pois dos distritos apenas existem, quando existam, raras plantas que, se forem aproveitaveis, figurarão nos municipios correspondentes.

Sendo os municipios, a ultima das sub-divisões, constituirão seus numeros a **mantissa** ou parte decimal não sujeita a desdobraimento, logo não importa fixar-lhes **base**, que póde ser qualquer, um, dois, tres ou mais algarismos.

A maior das divisões a considerar passa a ser a dos Estados que, na maioria dos Paizes, excede a 10, sem ultrapassar a 100; logo, tem que ter dois algarismos, aos quais teremos que juntar outros dois correspondentes aos Paizes; donde: a **caracteristica** vir a ter 4 algarismos, atingindo assim a classe dos milhares.

Dentro deste criterio organizamos a "**Classificação especial para o**

Catálogo da Mapoteca”, que damos em Anexo.

Vamos utiliza-la.

6.º) **Exemplo** — Temos para catalogar as folhas S. Carlos-Brotas e S. Carlos-Jau’, da Carta do Estado de São Paulo. Como proceder? Tomemos a ficha-guia que contém a “Classifi-

cação particular dos municípios — 7315, — Estado de São Paulo”; aí encontramos **São Carlos** com o numero 200. Vamos então ao fichario e atraz desta ficha guia 7315, procuremos nas “determinadoras” as orelhas numericas 38-107 e 200 e nelas inscrevamos nossas cartas da seguinte forma:

200

CATÁLOGO da Mapoteca — Série 7315, 200 — **São Carlos**

Titulo	Autor	Escala	Coloção		Observações
			Série	N.º	
S. Carlos-Brota .....	E. M. E.	1:100.000	7315,200	1	—
S. Carlos-Jau’ .....	E. M. E.	1:100.000	7315,107	5	Edição 1912
.....	.....	.....	.....	.....	.....
.....	.....	.....	.....	.....	.....

A carta **S. Carlos-Jau’** está na pasta de Jau’, pois sua colocação acusa a Serie 7315, 107. Obedece porém, á regra: **Separadas embora pelas pastas ou armarios devem estar unidas nas fichas.**

As fichas voltam para seus lugares e as **cartas** vão para as pastas relativas á **S. Carlos e Jau’**, onde são acondicionadas como se vê na Figura 6. Si uma pasta vier a ficar muito cheia, as cartas de numeração mais alta passarão para a pasta numero 2, do mesmo Municipio.

A numeração dos Municipios está consagrada, pois que é aquele que lhes foi dada oficialmente para o emplaceamento de seus automoveis. Ao examinarmos tal classificação notaremos que, obedecendo ela á ordem alfabetica, alguns municipios, como Aparecida e Corôados, têm numeração superior á dos da letra X, o que é devido, de um lado á simplificação alfabetica (Itu’, Jau’) etc. e de outro ao fato de serem municipios creados

após já se acharem os outros numerados.

Para facilitar a busca da pasta ou ficha conservamos a ordem alfabetica. As proprias pastas devem seguir em sua arrumação dentro de cada Estado, a ordem alfabetica, pois que assim poderemos a elas recorrer dirétamente, dispensando a busca do numero no fichario. As fichas no entanto são aí necessarias por duas razões ponderaveis:

- 1.º) — Desmancharão prontamente qualquer duvida, dizendo si a pasta ou carta apenas foi por alguém retirada ou si efetivamente não existe.
- 2.º) — Dir-nos-ão quais as folhas que contêm o trecho procurado, si êle não existe isolado, ou quando queremos consultar outras cartas além das que se contêm na pasta propria.

Na classificação especial da Mapoteca reservamos o duplo zero para as cartas que se refiram a mais de um continente, o que aliás aparece nos

“mapa-mundi”. Ainda aqui observamos a regra:

— O duple-zero ou primeiro numero de cada sub-divisão é consagrado ás generalidades do assunto de que se vai tratar.

## ARRUMAÇÃO DA MAPOTECA

O “armario horizontal” não oferece as facilidades para busca e retirada duma carta que se encontram no vertical.

Estas operações serão menos demoradas si a arrumação fôr feita em duas pilhas, sendo as cartas para isto convenientemente dobradas, de modo a ocupar cada pilha metade do gavetão, ficando de um lado as cartas impares e do outro as pares, vindo a numeração de baixo para cima.

As etiquetas **E** não devem ser pregadas nas pontas e sim junto ás dobras (Figura 6), que ficarão no meio da gaveta onde mais facilmente se correrá á numeração.

Para retirar ou recolocar uma carta, ainda assim, devemos retirar todas as que lhe sucedem em numeração na ordem impar (ou par) embora já estejam reduzidos o tempo da busca e o esforço da retirada, que seriam o dobro si as cartas ocupassem toda a extensão da gaveta.

As cartas serão aí comprimidas por duas hastes de madeira, presas á gaveta por encaixes proprios.

As **Cartas Murais**, quando em uso, devem ficar suspensas por um cordel que, passando ao alto por uma carretilha, venha prender-se em baixo numa roldana com punho e travador, de modo a fixar a carta na altura desejada, podendo ser arriada ou suspensa segundo as necessidades do estudo.

## PROTOCOLOS

A celebre pergunta de Verdy de Vernois nos ocorre ao tratarmos dos protocolos. Para melhor raciocinarmos, devemos perguntar: — **De quôis s’agartil?**

Trata-se de organizar um serviço mecanico que atenda á dupla necessidade:

1.) — Informar de pronto sobre o andamento dum determinado papel cuja **procedencia** é indicada pela autoridade ou interessado.

2.) — Trazer em dia a solução dada aos **assuntos** que por ali transitam e cuja “doutrina” vai directamente interessar a propria repartição, a qual quasi sempre ignora quem a provocou.

O conhecimento desta “doutrina” torna-se necessario a cada momento e as publicações sobre o assunto andam sempre atrasadas.

Para corresponder a seu duplo fim deve o protocolo desdobrar-se em duas fontes informativas:

1) — **Procedencia.**

2) — **Assuntos.**

Tratemos cada uma de per si.

### 1) — PROCEDENCIA

E’ sempre conhecida a procedencia, quer se trate duma pessoa (requerimentos) ou duma repartição (oficios). Para ambas as categorias pode-se adotar com vantagem a ordem alfabetica, mediante as seguintes regras:

1.) — Os nomes proprios serão fichados pelo ultimo dos sobrenomes, o qual entrará atraz da “**ficha guia**” de sua inicial e “**determinadora**, da 1ª das vogais que se lhe seguir.

5.º **Exemplo** — Antonio de Souza Monteiro será fichado em Mº; escrevendo-se Monteiro (Antonio de Souza).

2.ª)—Ainda que o nome possua diversas **consoantes** irá para **traz** da “determinadora” de sua 1ª **vogal**.

6.º **Exemplo** — José Alvares será fichado atrás das fichas: **guia A e determinadora a**, que é sua 1ª vogal após a inicial, despresando-se as consoantes l e v. Esta regra é como se vê de facil aplicação ao contrario de outra em voga.

Então, cada **ficha guia** terá após si, cinco “determinadoras” que são: **a, e, i, o, u**.

3.ª)—Não será levado em consideração o prenome Filho, Neto ou Junior; e sim aquele que o anteceder.

7.º **Exemplo** — José Faustino da Silva Filho, será fichado atrás da “guia” **S**, junto á “determinadora **i**”, escrevendo-se: Silva Filho (José Faustino da)

4.ª)—As repartições e Associações entrarão nos ficharios com a ultima palavra de sua designação.

8.º **Exemplo** — 1º Circunscrição de Recrutamento entrará atrás de **Re**; 2º Batalhão de Caçadores entrará junto a **Ca**, embora se escreva: 1º C. R. e 2º B. C. The Light and Power entrará em **Po**. União Beneficente dos Militares em **Mi**.

## 2) — ASSUNTOS

No 1º protocolo em que entre um documento será aí fichado pelo **assunto** que traz como seu objeto. Classificação esta que deve ser respeitada nos demais protocolos por onde passe e só

será alterada quando com despacho final tiver este que constituir materia de doutrina administrativa.

Este assunto terá uma designação numerica cuja enunciação será o bastante para saber-se o encaminhamento do papel. A indicação numerica dos assuntos parece, á primeira vista, inesequível, dada a sua multidão. Ela será porém, realizável desde que se dê, de inicio, uma classificação “a grosso modo” que será depois depurada e fixada pela repartição competente. E, como qualquer que seja o assunto, nos diversos Ministerio **existirá sempre** uma repartição especializada para dele tratar, começaremos por estabelecer uma “**Relação numerica das diversas dependencias do Ministerio da Guerra**”, que apresentamos em Anexo.

Tal numeração constituirá o inteiro ou a “caracteristica” dos assuntos que lhe digam respeito, cuja “mantissa” será fixada pela propria repartição especializada. V a m o s exemplificar.

9.º **Exemplo** — O Tenente Damião Ferreira, do 1º R. I., apresenta um requerimento pedindo melhor classificação no Almanaque.

Ora, sobre este assunto vão se pronunciar diversos comandos e repartições. Serão ouvidos: — a divisão da arma, o D. C., a secção de justiça, etc.; aquela porém a que o assunto aféta dirétamente é a **Comissão de Promoções**, logo é o numero correspondente a este órgão tecnico que vai caracterisar o Assunto.

O protocolista pois, do 1º R. I., onde entrou tal papel, nele vai colar no canto direito da 1ª pagina uma etiqueta com os dizeres:

N. 201,32

Serie

51, . . . .

O N° é o designativo do corpo, seguido do de ordem do seu protocolo e a **Série** é a que vai definir o assunto a **grosso modo**. A seguir são organizadas duas fichas: uma irá para o fichário: — **Procedencia**, segundo a ordem alfabetica do nome do requerente e a outra para o de **Assuntos** atraz

da **ficha guia 51** onde seguirá a ordem numerica. Aí pois irão se reunir pela procedencia os papeis relativos ao mesmo assunto.

Estas fichas têm a seguinte disposição, que é aliás, a adotada na Secretaria e Departamento da Guerra com pequenas modificações.

Procedencia - Ferreira (Damião) 2.º Tte. do 1.º R. I.....

N. 201,32

Série 51,.....

Data de origem: 2-VI-933

Resumo: Pedindo melhor collocação no Almanaque por se julgar prejudicado com a revisão feita na classificação dos Asp: á oficial.

Data	Destino	Observações	Data	Destino	Observações

Estas colunas continuam no verso, no terço superior, sendo o restante reservado á solução ou observações.

Havendo necessidade, as anotações prosseguirão noutra ficha, caso em que, no final da 1ª se escreverá: — “Continu’a” e no inicio da 2ª: — “Continuação”, após ter prolongado naquela, os traços relativos ás colunas que ocuparão assim todo o verso da ficha. Na **Comissão** será completada a **Série** com o decimal que corresponde ao assunto: — “Classificação no Almanaque” — e que por ser decimal pode atingir ao infinito sem fu-

gir ao assunto principal.

As repartições poderão pois catalogar centenas de milhares de assuntos, que cada um receberá seu numero proprio sem que haja confusão.

Com aquele numero voltará o papel pelos mesmos protocolos ou por outros. Nos novos irá a ficha respectiva, diretamente para seu lugar, que é atraz da “**ficha guia 51**” — “Comissão de Promoções” e “**determinadora 25**” — “Classificação no Almanaque”. Naqueles onde passe de retorno, nada mais se tem a fazer que acrescentar nas fichas a parte decimal, voltando a de procedencia para

seu lugar e indo a de assuntos para traz da “determinadora” correspondente. No caso seria a de numero 25. Até então, achava-se ela imediatamente atraz da “ficha guia” pois que só continha o inteiro 51.

Podendo crescer o numero de fichas simples que se acham atraz de cada **ficha guia** para facilitar as buscas devem ser elas aí colocadas dentro de sua ordem numerica. Notemos de passagem que a classificação dentro do fichario de **Assuntos** é sempre numerica, enquanto que no de **Procedencia** é alfetica, tanto nas divisões (fichas guias) como nas sub-divisões (fichas determinadoras).

O papel retorna, suponhamos, ao protocolo da Secretaria da Guerra com a solução do caso. O despacho será transcrito nas costas da ficha de

**Assuntos**, enquanto que no de **Procedencia** apenas se anota o D. O. que publicou o despacho. Do fichario de **Assuntos** deverá ser anualmente, extraída a materia para publicação nos “Atos officiais”, onde já estará convenientemente classificada, sendo o fichario de **Procedencia** entregue ao arquivo, para facilitar ali as buscas, como adiante se explica.

Uma repartição que tenha muito movimento com outra, como o D. G. com a Contabilidade, usará uma numeração a seguir sómente para com ela.

Casos ha em que o papel já sáo com sua numeração completa, tal acontece por exemplo, com uma proposta do E. M. E. onde são indicados diversos officiais para efetuem matricula nas Escolas das Armas, pois

# K A R D E X

O SYSTEMA DE ORGANIZAÇÃO

## O EXERCITO NACIONAL

QUANDO PRECISA DE CONTROLES PERFEITOS

### USA - O

Nossos tecnicos cooperarão com cada um dos interessados como já tem colaborado com:

ESTADO MAIOR DO EXERCITO  
 DIRETORIA DE AVIAÇÃO MILITAR — ARSENAL DE GUERRA  
 ESCOLAS DE: INFANTARIA — ENGENHARIA MILITAR — ARTILHARIA  
 LABORATORIO QUIMICO FARMACEUTICO MILITAR  
 SERVIÇO TELEGRAFICO DO EXERCITO  
 E OUTROS

Todos os Srs. assinantes da Revista tem direito a nos consultar, sem compromisso, sobre qualquer problema de organização.

Departamento Tecnico KARDEX — ALLSTEEL do Brasil

S. A. Casa Pratt  
 Quitanda 46

Caixa Postal 1025  
 Telefone 4-4002

que é ela a repartição especializada no assunto.

Um tal documento só deve dar uma ficha de procedencia, que será relativa ao E. M. E., não havendo necessidade de serem fichados todos os nomes, ali contidos, o que redundaria em pura perda.

Um requerimento porém, onde dois oficiais solicitem transferencia por troca dá duas fichas de **Procedencia** e uma de **Assunto** relativo ao D. G. por ser a repartição que trata de transferencias, como aliás de tudo que diz respeito ao pessoal.

## DICIONARIO DO PROTOCOLO

Igualmente como para o fichario deve ser organizado um dicionario para os protocolos, onde o D. G. fará publicar as classificações de assuntos organizadas pelas diversas repartições, facilitando assim aos protocolistas a classificação de qualquer papel e aos arquivistas a sua busca.

## ARQUIVOS

Os arquivos devem ser organizados por Assunto de modo a dispensar os **ficharios**.

Nada mais simples. Para tal ob-

*Bol. regionais*                      *Bol. regimentais*

**FICHA MESTRA DO ARQUIVO ATIVO**

(BOL. DO EXERCITO - 45)	(DISCIPLINA - 528)	(REGIAO (2ª) 74)
(BOL. REGIONAIS - 74,2)	(E. M. 10)	
(BOL. REGIMENTAIS - 214,5)	(GRUPO DE REGIOES (2ª) - 72)	
(CARGA E DESCARGA - 408)	(H. M. R. 353)	
(DESCONTOS - 408,3)	(L. Q. F. M. 369)	

**REGISTRO DE TRANSFERENCIA**

NOME OU ASSUNTO	SERIE	DE	A	Nº	A	Nº	A	Nº	A	Nº	A	Nº	A	Nº	A	Nº
BOL. DO EXERCITO	45	I-33	VI-33	5	VII-33	6										
BOL. REGIONAIS	74, 2	I-33	III-33	1	V-33	2	V-33	3	VII-33	4						
BOL. REGIMENTAIS	214, 5	I-33	III-33	10	III-33	11	V-33	12	V-33	13						

Fig. 7

ter é suficiente que cada gaveta se destine a receber uma determinada ordem de assuntos, tendo cada assunto sua pasta propria devidamente numerada, cuja numeração será indicada numa grande "ficha guia", que chamaremos **ficha mestra**. (Fig. 7).

Procede-se então como no fichario de verbetes, sendo que, onde entram as fichas simples vão entrar as proprias pastas que se destinam a receber os **documentos á arquivar**.

Estes documentos são de duas especies: **internos** si não saem do ambito do corpo ou repartição e **externo** si vêm de fóra, embora de regresso.

Ora, o documento externo já percorreu a via sacra dos protocolos, está portanto perfeitamente **classificado**, é só encaixa-lo na pasta relativa á sua serie, que terá ou não uma capa para cada decimal, tal seja a quantidade de documentos relativos ao assunto.

Um documento que se guarda é porque poderá vir a ser util, admite-se pois, que alguém venha a procurá-lo pedindo, seja:

- o processo relativo a tal **assunto**;
- a petição feita por fulano;
- ou, o officio oriundo de tal **repartição**.

A primeira hipotese está resolvida pela propria organização do arquivo, que é **ideografica**, oferecendo pois, cronologicamente, toda a documentação existente sobre aquele assunto.

As outras serão solucionadas pelas fichas alfabeticas de **Procedencia** remetidas pelo protocolo juntamente com os processos, ali ficando as de Assunto para a publicação da doutrina nos "Atos officiais", mesmo porque uteis no **Protocolo**, são perfeitamente dispensaveis no **Arquivo**.

Vemos agora o destino das fichas e podemos avaliar o volume que apresentarão, no fim de um decenio, por exemplo, as de Procedencia.

Em repartições como a Secretaria da Guerra, Departamento e Gabinete de identificação, elas orçarão por multidão.

## GRANDES ARQUIVOS

Para facilitar as buscas em tais arquivos creamos um metodo complementar ao estabelecido para os "ficharios alfabeticos" e que consiste em colocar por traz de cada **ficha guia a, e, i, o, u**, "determinadoras" numeradas de 0 a 9, que servirão para subdividir os nomes.

Procederemos com os nomes de igual modo que com o sobrenome, isto é, vamos classifica-lo pela sua inicial e 1ª das vogais, entrando aí porém com o indice numerico que lhe corresponder e que é indicado pelo fichario. Fig. 8.

**10º Exemplo** — Como vimos no exemplo 6, José Alvares, entra atraz da guia **Aa**, indo agora, além disto, collocar-se junto da determinadora n. 8, por isto que, 8, é o indice da ficha **Jo**, inicial do nome conforme nos indica o proprio fichario — Figura 8, e se vai obter por simples golpe de vista.

**11º Exemplo** — Antonio de Souza Monteiro que, conforme se disse no Exemplo 5º, vai entrar em **Mº**, aí se instalará atraz do n. 3, que é o indice de **Ao**, pois que eliminamos as consoantes **n** e **t**.

**12º Exemplo** — Os casos referidos no 8º Exemplo, entram respectivamente, 1ª **C. R.**, atraz de **Re**, determinadora 2, (indice de **Ci**); 2º **B. C.** atraz de **Ca**, determinadora 5 (indice de **Ba**); **The Light** em **Po**, n. 7 (indice de **Li**) pois que se despresam os artigos e a numeração.

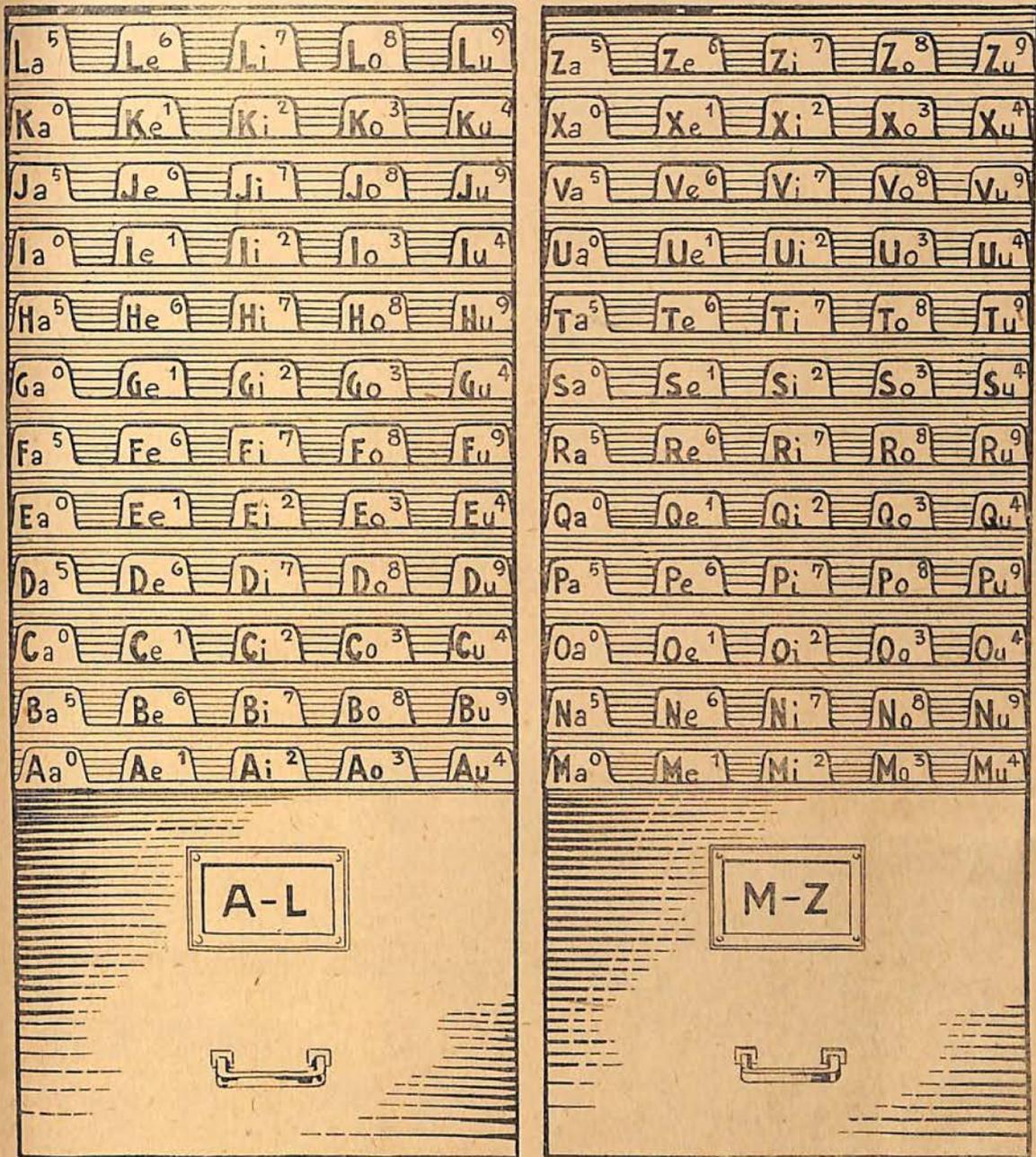


Fig. 8

Tendo tal classificação em vista tornar instantanea a busca, o que não se obtem com o processo usual, pois que, si os nomes comuns, como Antonio, José e Joaquim, estão separados pelos sobrenomes, entre estes, também existem comuns, como Dias, Silva, Santos etc.; nenhuma separação havendo para êles, daí estabelecermos

mais, a seguinte regra:

- 5.<sup>a</sup>)—Os nomes de pessoas, como os das repartições, além da classificação pela sua ultima denominação, serão dentro dela distribuidos pelos seus nomes, tomados numericamente pelos indices de suas iniciais.

## PEQUENOS ARQUIVOS

O **arquivo interno** tanto do corpo como de qualquer repartição vai se constituir por um pequeno movel que fica junto á mesa do ajudante (Figura 9), onde se colecionam os documentos mais recentes e manuseados, tal é o **arquivo ativo**. E, da **estanteria do arquivo geral** ou inativo, para onde são êles conduzidos, desde que caíam em desuso. Num Reg.º, seu ajudante destinará a gaveta de cima para os documentos externos provindos dos escalões superiores e a de baixo para os internos (Cias., Esq. ou Bias. e Serviços) e dentro delas as pastas se sucederão na ordem nume-

rica dos Assuntos (Fig. 7).

Assim quando tiver que arquivar atas do H. C. E., atas de inspeção e atestados de origem, reunirá todos estes documentos na mesma Pasta guia n. 340 — onde os assuntos ficarão separados por capas (folhas de papel almasso) com etiquetas determinadoras. Offícios da Auditoria, após despachados e feito o expediente, irão para a pasta — 526, os da Região ou Bda., sobre assunto disciplinar, para a 538 e partes das sub-unidades sobre castigos para a 539; aqueles serão colocados na gaveta superior e estas na inferior.

Os boletins da Região serão colecionados na Pasta 74,20 sendo o de

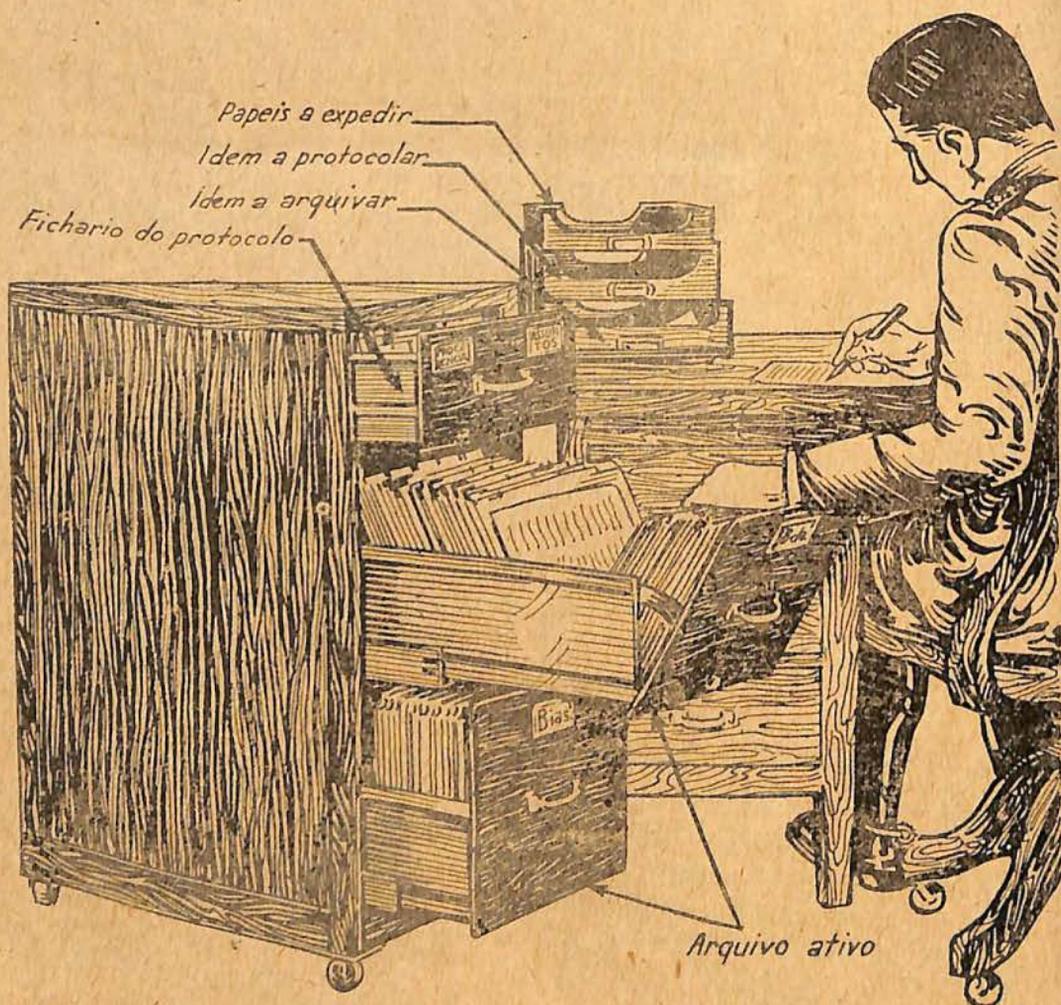


Fig. 9

cimal 20, por exemplo, o nº atribuído pela Região ao assunto boletim. No fim do trimestre esta pasta já não comporta mais os boletins, temos que começar outra, (n. 2) aquela porém (nº 1) vai ser transferida para a "estanteria".

### TRANSFERENCIA DE PASTAS

A pasta nº 1, vai entrar na estanteria, como qualquer livro entraria numa biblioteca, tomando um certo numero numa determinada serie; que, no caso, será nº 1, da serie 73,20, o que constará duma etiqueta a ser pregada em sua lombada e repetida no canto superior direito do verso de sua capa.

O Ajudante, dias após, precisa, daqueles boletins, vai então requisitalos pelo seu nº, para isto será necessário que o tenha anotado, é o que se faz abaixo da "ficha mestra" (Figura 7), onde figuramos o caso dos Boletins Regionais de Janeiro a Março terem constituido o volume nº 1; os de Abril, o nº 2; os de Maio, o nº 3 e os de Junho, o nº 4.

Será facil indicar ao arquivista o volume que se deseja, citando nº e serie, o que para êle será o bastante.

### APLICAÇÕES

Exposto o metodo, agora será facil applica-lo a qualquer ramo da atividade e, essencialmente, a cada repartição militar ou corpo de tropa, neste particular aliás, existe um bom trabalho relativamente á escrituração duma sub-unidade, a que o seu autor, Capitão Batista Gonçalves, denominou "Fichario do Capitão" publicando-o no numero 223 de "A Defesa Nacional".

Aqui como na Tatica, as regras não são absolutas, cedendo quando das applicações aos casos particulares,

afim de que aí prevaleça a logica ao esquema.

Assim, nas diversas secções de qualquer E. M., não se pode dispensar os ficharios de assuntos para os seus arquivos, embora exista uma pasta para cada um deles; pois que dos documentos importantes e somente deles se deve fazer um extrato, que vai figurar num só ou varios verbetes e, mesmo quando decorrido o tempo, passem aqueles documentos para o **arquivo inativo**, os assuntos de real importancia permanecem em resumo no **arquivo ativo**, donde nunca sairá o fichario de verbetes.

Varia igualmente para cada caso concreto, a applicação do fichario quanto á sua forma, si vertical ou horizontal. E, os menos autorizados a opinarem sobre o assunto são, exatamente, os **tecnicos** — representantes de casas comerciais, por trazerem a eiva de suspeição de seus interesses e não hesitarem mesmo em aconselhar o falso emprego dum artigo que possuam, em detrimento daquele que ao caso melhor convinha.

Como indicação geral para applicações especializadas, diremos que:

- os **ficharios horizontais**, Figura 10, por serem mais condensados, têm melhor applicação nos **controles**, onde prevaleçam os quadros numericos permitindo inclusive os sinais coloridos, que se deslocam nas escalas numericas, permitindo a verificação por diagramas dos aumentos ou diminuições.
- os **verticais**, menos condensados, porém mais maneaveis, melhor se recomendam ás **escriturações** correntes que independem de quadros ou dados comparativos.





# CLASSIFICAÇÃO ESPECIAL PARA O CATALOGO DA MAPDTECA

Continentes (2 ou mais) . . . . .	00	Russia . . . . .	24	Canadá . . . . .	74
<b>EUROPA</b> . . . . .	02	Suecia . . . . .	25	Chile . . . . .	75
Albania . . . . .	02	Suissa . . . . .	26	Colombia . . . . .	76
Alemanha . . . . .	03	Tchecoslovaquia . . . . .	27	Costa-Rica . . . . .	77
Austria . . . . .	04	Turquia . . . . .	28	Cuba . . . . .	78
Belgica . . . . .	05	Yugo-Slavia . . . . .	29	Equador . . . . .	79
Bulgaria . . . . .	06	<b>ASIA</b> . . . . .	40	Estados-Unidos . . . . .	80
Dinamarca . . . . .	07	China . . . . .	41	Guatemala . . . . .	81
Espanha . . . . .	08	India . . . . .	41	Haiti . . . . .	82
Estonia . . . . .	09	Japão . . . . .	43	Honduras . . . . .	83
Finlandia . . . . .	10	Persia . . . . .	44	Mexico . . . . .	84
França . . . . .	11	Sião . . . . .	45	Nicaragua . . . . .	85
Grecia . . . . .	12	<b>AFRICA</b> . . . . .	55	Paraguai . . . . .	86
Holanda . . . . .	13	Egito . . . . .	56	Perú . . . . .	87
Hungria . . . . .	14	Siberia . . . . .	57	Republica Dominicana . . . . .	88
Inglaterra . . . . .	15	União Sul Africana . . . . .	58	São Salvador . . . . .	89
Irlanda . . . . .	16	<b>AMERICA</b> . . . . .	70	Uruguai . . . . .	90
Italia . . . . .	17	Argentina . . . . .	71	Venezuela . . . . .	91
Letonia . . . . .	18	Bolivia . . . . .	72	<b>OCEANIA</b> . . . . .	98
Lithuania . . . . .	19	Brasil . . . . .	73	Australia . . . . .	98
Noruega . . . . .	20			Nová-Zeelandia . . . . .	97
Polonia . . . . .	21				
Portugal . . . . .	22				
Rumania . . . . .	23				

## CLASSIFICAÇÃO PARTICULAR PARA OS "ESTADOS" DA SERIE 73 - BRASIL

Amazonas . . . . .	01	Alagoas . . . . .	09	Paraná . . . . .	16
Pará . . . . .	02	Sergipe . . . . .	10	Sta. Catarina . . . . .	17
Maranhão . . . . .	03	Baía . . . . .	11	Rio Grande do Sul . . . . .	18
Piauí . . . . .	04	Espirito Santo . . . . .	12	Minas Geraes . . . . .	19
Ceará . . . . .	05	Rio de Janeiro . . . . .	13	Goiáz . . . . .	20
Rio Grande do Norte . . . . .	06	Distrito Federal . . . . .	14	Mato Grosso . . . . .	21
Paraíba . . . . .	07	São Paulo . . . . .	15	Territorio do Acre . . . . .	22
Pernambuco . . . . .	08				





Portaria . . . . .	43	Aereostação Militar . . . . .	110	3.º R. C. D. . . . .	183
Arquivo . . . . .	44	Art. anti-aerea . . . . .	111	4.º R. C. D. . . . .	184
Boletim do Exercito . . . . .	45	. . . . .		5.º R. C. D. . . . .	185
<b>DEPARTAMENTO CEN-</b>		<b>CORPOS DE TROPA</b>		1.º R. C. I. . . . .	186
<b>TRAL</b> . . . . .	50	Infantaria . . . . .	120	2.º R. C. I. . . . .	187
Comissão de promoções . . . . .	51	1.º R. I. . . . .	121	3.º R. C. I. . . . .	188
1.ª Divisão . . . . .	52	2.º R. I. . . . .	122	4.º R. C. I. . . . .	189
2.ª Divisão . . . . .	53	3.º R. I. . . . .	123	5.º R. C. I. . . . .	190
3.ª Divisão . . . . .	54	4.º R. I. . . . .	124	6.º R. C. I. . . . .	191
Serviço de Eletricidade . . . . .	56	5.º R. I. . . . .	125	7.º R. C. I. . . . .	192
Serviço Telefonico . . . . .	55	6.º R. I. . . . .	126	8.º R. C. I. . . . .	193
Venda de livros . . . . .	57	7.º R. I. . . . .	127	9.º R. C. I. . . . .	194
Contadoria . . . . .	58	8.º R. I. . . . .	128	10.º R. C. I. . . . .	195
Portaria . . . . .	59	9.º R. I. . . . .	130	11.º R. C. I. . . . .	196
Arquivo . . . . .	60	10.º R. I. . . . .	131	12.º R. C. I. . . . .	197
. . . . .		11.º R. I. . . . .	131	13.º R. C. I. . . . .	198
<b>GRANDES UNIDADES</b> . . . . .	70	12.º R. I. . . . .	132	14.º R. C. I. . . . .	199
1.º Grupo de Regiões . . . . .	71	13.º R. I. . . . .	133	15.º R. C. I. . . . .	200
2.º Grupo de Regiões . . . . .	72	1.º B. C. . . . .	134	Reg. Escola . . . . .	201
1.ª Região . . . . .	73	2.º B. C. . . . .	135	<b>ARTILHARIA</b> . . . . .	210
2.ª Região . . . . .	74	3.º B. C. . . . .	136	1.º R. A. M. . . . .	211
3.ª Região . . . . .	75	4.º B. C. . . . .	137	2.º R. A. M. . . . .	212
4.ª Região . . . . .	76	5.º B. C. . . . .	138	3.º R. A. M. . . . .	213
5.ª Região . . . . .	77	6.º B. C. . . . .	139	4.º R. A. M. . . . .	214
6.ª Região . . . . .	78	7.º B. C. . . . .	140	5.º R. A. M. . . . .	215
7.ª Região . . . . .	79	8.º B. C. . . . .	141	6.º R. A. M. . . . .	216
8.ª Região . . . . .	81	9.º B. C. . . . .	142	7.º R. A. M. . . . .	217
Circ. Militar . . . . .	81	10.º B. C. . . . .	143	8.º R. A. M. . . . .	218
1.ª Bd.ª Inf. . . . .	82	11.º B. C. . . . .	144	9.º R. A. M. . . . .	219
2.ª " " . . . . .	83	12.º B. C. . . . .	145	10.º R. A. M. . . . .	220
3.ª " " . . . . .	84	13.º B. C. . . . .	146	Reg. Art. Mixta . . . . .	221
4.ª " " . . . . .	85	14.º B. C. . . . .	147	1.º G. Art. Cav. . . . .	222
5.ª " " . . . . .	86	15.º B. C. . . . .	148	2.º G. Art. Cav. . . . .	223
6.ª " " . . . . .	87	16.º B. C. . . . .	149	3.º G. Art. Cav. . . . .	224
7.ª " " . . . . .	88	17.º B. C. . . . .	150	4.º G. Art. Cav. . . . .	225
8.ª " " . . . . .	89	18.º B. C. . . . .	151	5.º G. Art. Cav. . . . .	226
9.ª " " . . . . .	90	19.º B. C. . . . .	152	6.º G. Art. Cav. . . . .	227
10.ª " " . . . . .	91	20.º B. C. . . . .	153	1.º G. Art. Dorso . . . . .	228
1.ª D. C. . . . .	92	21.º B. C. . . . .	154	2.º G. Art. Dorso . . . . .	229
2.ª D. C. . . . .	93	22.º B. C. . . . .	155	3.º G. Art. Dorso . . . . .	230
3.ª D. C. . . . .	94	23.º B. C. . . . .	156	4.º G. Art. Dorso . . . . .	231
1.ª Bda. C. . . . .	95	24.º B. C. . . . .	157	5.º G. Art. Dorso . . . . .	232
2.ª " " . . . . .	96	25.º B. C. . . . .	158	1.º G. Art. Pesada . . . . .	233
3.ª " " . . . . .	97	26.º B. C. . . . .	159	2.º G. Art. Pesada . . . . .	234
4.ª " " . . . . .	98	27.º B. C. . . . .	160	3.º G. Art. Pesada . . . . .	235
5.ª " " . . . . .	99	28.º B. C. . . . .	161	4.º G. Art. Pesada . . . . .	236
6.ª " " . . . . .	100	29.º B. C. . . . .	162	5.º G. Art. Pesada . . . . .	237
1.ª Bda. de Art. . . . .	101	1.º B. I. M. . . . .	163	6.º G. Art. Pesada . . . . .	238
2.ª " " " . . . . .	102	2.º B. I. M. . . . .	164	7.º G. Art. Pesada . . . . .	239
3.ª " " " . . . . .	103	3.º B. I. M. . . . .	165	8.º G. Art. Pesada . . . . .	240
4.ª " " " . . . . .	104	Btl. Escola . . . . .	166	Grupo Escola . . . . .	241
5.ª " " " . . . . .	105	Btl. Guardas . . . . .	167	1.º G. Art. Costa . . . . .	242
Dist. Art. Costa . . . . .	106	Cia. Estabelecimentos . . . . .	168	2.º G. Art. Costa . . . . .	243
Setor Leste . . . . .	107	<b>CAVALARIA</b> . . . . .	180	3.º G. Art. Costa . . . . .	244
Setor Oeste . . . . .	108	1.º R. C. D. . . . .	181	4.º G. Art. Costa . . . . .	245
Aviação Militar . . . . .	109	2.º R. C. D. . . . .	182	5.º G. A. Costa . . . . .	246



Gab. de Analises .. . . .	466	2. <sup>a</sup> /3. <sup>a</sup> C. J. M. . . . .	528	11. <sup>a</sup> C. R. . . . .	581
Gab. trabalhos graficos ..	467	3. <sup>a</sup> /3. <sup>a</sup> C. J. M. . . . .	529	12. <sup>a</sup> C. R. . . . .	582
Contadoria .. . . .	468	4. <sup>a</sup> C. J. M. . . . .	530	13. <sup>a</sup> C. R. . . . .	583
Biblioteca .. . . .	469	5. <sup>a</sup> C. J. M. . . . .	531	14. <sup>a</sup> C. R. . . . .	584
Mapoteca .. . . .	470	6. <sup>a</sup> C. J. M. . . . .	532	15. <sup>a</sup> C. R. . . . .	585
Arquivo .. . . .	471	7. <sup>a</sup> C. J. M. . . . .	533	16. <sup>a</sup> C. R. . . . .	586
Portaria .. . . .	472	8. <sup>a</sup> C. J. M. . . . .	534	17. <sup>a</sup> C. R. . . . .	587
Serv. Radio .. . . .	473	9. <sup>a</sup> C. J. M. . . . .	535	18. <sup>a</sup> C. R. . . . .	588
Comissões de Construções	474	10. <sup>a</sup> C. J. M. . . . .	536	19. <sup>a</sup> C. R. . . . .	589
Dep. Central .. . . .	475	11. <sup>a</sup> C. J. M. . . . .	537	20. <sup>a</sup> C. R. . . . .	590
Parques de Engenharia ..	476	Serviços Regionais .. . . .	538	21. <sup>a</sup> C. R. . . . .	591
Parques Teleg. . . . .	477	Serviços Regimentais .. . .	539	22. <sup>a</sup> C. R. . . . .	592
Parque Ferro Viario .. . .	478	.. . . .		<b>SECCOES MOBILISADO-</b>	
Serviços Regionais .. . . .	479	<b>S. F. — SERVIÇO DE</b>		<b>RAS</b> .. . . .	593
<b>S. Av. — SERVIÇO DE</b>		<b>FUNDOS</b> .. . . .	550	Serviços Regimentais.. . .	594
<b>AVIAÇÃO</b> .. . . .	490	Dir. Geral de Contabilidade	551	.. . . .	
Diretoria de Aviação .. . .	491	Gabinete .. . . .	552	<b>S. R. — SERVIÇO DE</b>	
Gabinete .. . . .	492	1. <sup>a</sup> Secção .. . . .	553	<b>REMONTA</b> .. . . .	600
1. <sup>a</sup> Divisão .. . . .	493	2. <sup>a</sup> Secção .. . . .	554	Diretoria de Remonta .. . .	601
2. <sup>a</sup> Divisão .. . . .	494	3. <sup>a</sup> Secção .. . . .	555	Coudelaria de Saican .. . .	602
3. <sup>a</sup> Divisão .. . . .	495	4. <sup>a</sup> Secção .. . . .	556	Coudelaria de S. Gabriel	603
Portaria .. . . .	496	Protocolo .. . . .	557	Deposito de S. Simão .. . .	604
Serviços da Aviação .. . .	497	Portaria .. . . .	558	Deposito de Monte Belo .. .	605
Parque Central .. . . .	498	Arquivo .. . . .	559	Deposito de Valença .. . .	606
Deposito Central .. . . .	499	Tomada de Contas .. . . .	560	Deposito de Barueri .. . .	607
Serv. Meteorologico .. . .	500	Consignações .. . . .	561	Dep. de Campo Grande .. . .	608
Deposito Medico .. . . .	501	Serviços Regionaes .. . .	562	Comissões de Com. Ani-	
Insp. da Arma de Aviação	502	Serviços Regimentais .. . .	563	mais .. . . .	609
.. . . .		.. . . .		Serviços Regionais .. . . .	610
<b>S. G. — SERVIÇO GEOG.</b>		<b>S. REC. — SERVIÇO DE</b>		Serviços Regimentais .. . .	611
<b>DO EX.</b> .. . . .	510	<b>RECRUTAMENTO</b> .. . .	570	.. . . .	
.. . . .		1. <sup>a</sup> C. R. . . . .	571	<b>COMISSÕES DIVERSAS</b> ..620	
<b>S. J. — SERVIÇO DE</b>		2. <sup>a</sup> C. R. . . . .	572	Com. de Requisições .. . .	621
<b>JUSTIÇA</b> .. . . .	520	3. <sup>a</sup> C. R. . . . .	573	Com. de Insp. de Frontei-	
S. Tribunal Militar .. . .	521	4. <sup>a</sup> C. R. . . . .	574	ras .. . . .	622
Cons. Superiores .. . . .	522	5. <sup>a</sup> C. R. . . . .	575	Com. de Limites .. . . .	623
1. <sup>a</sup> /1. <sup>a</sup> C. J. Militar .. . .	523	6. <sup>a</sup> R. C. . . . .	576	Comissão no Estrangeiro..	624
2. <sup>a</sup> /1. <sup>a</sup> C. J. Militar .. . .	524	7. <sup>a</sup> C. R. . . . .	577	Com. extranhas ao Min.	
3. <sup>a</sup> /1. <sup>a</sup> C. J. Militar .. . .	525	8. <sup>a</sup> C. R. . . . .	578	Guerra .. . . .	625
2. <sup>a</sup> C. J. M. . . . .	526	9. <sup>a</sup> C. R. . . . .	579	Com. Regionais .. . . .	626
1. <sup>a</sup> /3. <sup>a</sup> C. J. M. . . . .	527	10. <sup>a</sup> C. R. . . . .	580	Com. Regimentais .. . . .	627

## AMIGOS PRESTIMOSOS

Publicando a "Defesa" neste numero os nomes daqueles aos quais tanto deve, seria injustiça deixar no olvido, os seus **amigos prestimosos** Antonio Luiz de Freitas Pereira, Alberto Lima e Luiz Gomes Loureiro, que desde sua fundação, **desinteressadamente**, se encarregaram de sua «clicheria» e, á sua incansavel solicitude e inexcedivel pericia na sugestiva arte grafica, devemos toda a parte artistica de nossa revista. Cumprimos pois, um grato dever, tornando publico os nossos louvores e agradecimentos.

SECÇÃO  
DE  
INTENDENCIA

“O que o oficial deve saber” sobre Administração  
dos Corpos de Tropa e Estabelecimentos Militares

Pelo Cap. Cont. José Granja

(CONTINUAÇÃO DO N. 231)

II

Conselho de Administração e seu importante objetivo. O verdadeiro papel dos seus membros e agentes junto ao mesmo e perante o corpo de tropa ou estabelecimento militar.

I — Foi pelo Aviso Ministerial de 19 de Outubro de 1915 que se tornou extensiva a criação do C. A. a todas as repartições e estabelecimentos militares, seguindo-se o já existentes nos corpos e quartéis gerais. Tal medida veio acertadamente tornar em situação idêntica qualquer repartição ou estabelecimento, administrativamente, aos mesmos corpos ou quartéis gerais.

O C. A. em uma unidade ou estabelecimento é tão importante e necessario que com a vigencia do Regulamento numero 3 (R. A. C. T. E. M.), poderemos considera-lo as principaes celulas na formação, desenvolvimento e vida de uma unidade ou estabelecimento. O seu valor ainda não é devidamente considerado, no exito ou fracasso de uma administração, motivo por que desejo apresenta-lo pelo valor que tem, nas minhas considerações e resalta-lo, sobretudo, como órgão mais importante do exercito administrativamente falando.

No Ministerio da Fazenda, citando-o para exemplo, é do Tribunal de Contas a competencia ou jurisdicção a tomada de contas dos responsaveis e adopção das providencias acauteladoras dos interesses da Fazenda Nacional, cuja materia é regulada por disposições e leis especiais e ainda por regulamentos organicos peculiares ao mesmo Tribunal. Mas, nos corpos e estabelecimentos militares onde existe o C. A., tais deliberações são de sua competencia sem incompatibilidade, porém, com o Artigo 4º do Regulamento n. 3, que no seu final diz “consistir em receber os recursos (em dinheiro ou especie) e administra-los, dirigindo o seu emprego e de tudo prestando contas”.

O C. A. de um corpo ou estabelecimen-

to não deve ser o Comandante ou diretor, nem esse deve desejar sê-lo, resolvendo tudo á revelia dos demais membros. Não ha duvida que devem partir do presidente as sugestões que dizem respeito á administração, mas é necessario conhecermos tambem que os mesmos direitos são assistidos a todos os seus membros (Art. 25 do R. A. C. T. E. M.), em apresenta-las tambem ou tomar outras medidas administrativas que se fizerem oportunas qualquer que seja a função que o official exerça no C. A., ou o posto que possua.

Assim sendo, não é só sobre o comandante ou diretor que devem recair os louros ou desastres de uma boa ou má administração. E o final do artigo 3c do Regulamento numero 3 (R. A. C. T. E. M.) vem confirmar isso, dizendo textualmente que o C. A. “providencia de conformidade com os regulamentos e disposições em vigor sobre tudo quanto fôr necessario á vida material da tropa, etc.” . . .

O C. A. sendo um órgão administrativo autonomo, pela responsabilidade que pôde assumir segundo as leis e regulamentos vigentes, age e delibera dentro da unidade ou de estabelecimento, tendo sempre em vista o beneficio pessoal ou material, salvaguardando sempre os interesses da Fazenda Nacional. Esse é o mais importante e precipuo papel do C. A. — saber aplicar os recursos que lhe chegam ás mãos, certo de que si se trata de despesa visar esta resultados benéficos, mais cedo ou mais tarde, diréta ou indiretamente a alguém, para isso ou aquilo e finalmente quando não para a Fazenda pelo menos para o Paiz. Antes da revolução de 1930 ouvi mais de uma vês falar tambem por mais

de uma pessoa, que um coronel do nosso Exército, comandante de um regimento, havia realisado para o C. A., de tal unidade, uma economia que já atingia quasi uma centena de contos de réis, porém não retirava do banco, onde se achava depositada a referida importância, um real para a conservação do quartel, sob a alegação de ter sofrido uma carga ou castigo, anteriormente, por fato semelhante. No caso presente acho, preliminarmente, que o citado comandante considerava-se, arbitrariamente, ser o conselho e, em segundo lugar, achar-se cercado por officiaes que desconheciam as verdadeiras atribuições de membros do C. A. Não fasedo despesa que vise pessoalmente isentar-se de responsabilidade, o coronel contribuia, consciente e abusivamente, para a ruína do proprio nacional, os prejuizos seriam consideravelmente maiores quanto maior fosse a demora em repará-lo. Aproveito agora a oportunidade para dizer que tenho quasi a certeza que o exemplo que apresentava o coronel, quando lhe lembravam a necessidade dos concertos, julgados imprescindiveis, não tinha fundamento nas leis ou regulamentos militares e se eles falhassem existiriam, sem duvida, pena e papel para, pelos transmites legais, armá-se da autorização que lhe não poderia ser negada pelas autoridades competentes.

Eis, pois, a grande necessidade do official conhecer o valor do C. A. e o seu importante objetivo na vida administrativa do corpo de tropa ou estabelecimento militar, onde a eficiencia da instrução, a hygiene indispensavel, o conforto requerido, e, até a propria disciplina, em parte, dele dependem, na sua ação provedora e provedora e de órgão fiscalizador de tudo quanto existe no corpo de tropa ou estabelecimento militar, que lhe seja consignado e pertencente ao Estado.

2 — De acordo com o Artigo 3º do Regulamento numero 3, toda unidade administrativa é normalmente gerida por um C. A., cuja composição depende do Artigo 16 do mesmo Regulamento, variando em numero de membros, segundo o tamanho da unidade, existindo, comtudo, disposições fixando o minimo.

Todos os officiaes que fazem parte do C. A. são membros, podendo alguns, pelas funções que exercem no corpo ou estabelecimento (pagador, almoxarife, comandantes de sub-unidades, etc.) ser simultaneamente membros e agentes, estando sujeitos além das funções inerentes aos membros (exercer

com os seus companheiros de Conselho vigilancia sobre o pessoal encarregado da execução de suas deliberações) as de agente, sujeitando-se, assim, pela lei, á fiscalisação do proprio C. A. do qual faz parte como membro.

No Conselho todos os membros têm responsabilidades iguais, motivo por que importa racionalmente terem os mesmos direitos quanto ao voto nas suas deliberações.

Só ao presidente do C. A. no entanto e ainda como comandante da unidade ou diretor do estabelecimento, cabe resolver isolada e individualmente casos attribuidos ao C. A. (paragrapho 5º do Artigo 22 e Artigo 29º, tudo do Reg. n. 3) quando por motivos excepcionais não se possa reunir e devendo posteriormente comprova-lo, incorrendo, porém, outro qualquer membro, em pena disciplinar ou penal que, em nome do mesmo conselho, consumir isoladamente qualquer ato administrativo sobre despesas, na persuasão de que será tambem amparado pelo Art. 29 já referido e seu paragrafo unico. É privilegio ainda do presidente, julgando ilegal uma votação ou não se conformando com qualquer deliberação do Conselho (Art. 31 do Reg. n. 3), suspender sua execução desde que a considere contraria ás leis, decretos, regulamentos e avisos e em detrimento de interesses da unidade ou da Fazenda, levando o fato á aprovação da autoridade superior, que poderá negá-la posteriormente, porém, a um pedido de reconsideração de ato pelo mesmo C. A.

Apesar de todos os membros de um Conselho terem no corpo ou estabelecimento funções diferentes e sujeitas á hierarquia militar, no entanto, já que as suas responsabilidades ou prerogativas são iguais, devem ter para o bom exito da administração, quando não uma perfeita harmonia de vista, pelo menos boa vontade no tocante ás realisações que concorram para o bem comum de um corpo e a satisfação dos responsaveis aos quais é confiado o destino desse mesmo corpo.

Todo C. A. tem seus agentes executivos e não fugirão a tais funções os officiaes do quadro de contadores, os comandantes de baterias, esquadrões e companhias, o ajudante, farmaceutico, veterinario ou medico e finalmente todos os chefes de serviço e instructores ou qualquer roficial que receber dinheiro ou material sujeito á fiscalisação do C. A. mesmo a titulo provisório. Os agentes prestarão informações ao C. A., quando solici-

SECÇÃO  
DE  
VETERINARIA

# PISO DE BORRACHA PARA BAIAS

Pelo 1.º Ten. Manoel Bernardino da Costa  
DO GRUPO ESCOLA

Londres já pavimenta com borracha as suas ruas e o Brasil é o país da borracha.

E' chegado o momento, de ha muito esperado, para lançar o grito de modificação no sistema de pisos para as baias dos animais, utilizando a borracha. Tendo aguardado pacientemente a ocasião para abordar o assunto, damo-la como chegada com a instalação e crescente funcionamento de duas fabricas nacionais de pneumaticos e artigos variados de borracha no Estado do Pará. Se antes deste acontecimento tocássemos no problema surgiria, é fora de duvida, além de outras alegações que por certo apresentariam como impracavel a idéa, a dificuldade na sua manufatura fóra do país, o transporte carissimo, os direitos alfandegarios, etc.

Num simples relance de vista, a viabilidade do que pretendemos realça logo, principalmente para quem conhece o assunto e está acostumado a ver o quanto padecem nos sua mudês, os animais enclausurados nos frios ladrilhos, paralélepipedos, etc.

Prefere o criador de animais finos o sólo batido por ser mais macío, tendo o cuidado de conserval-o sempre nivelado, evitando, assim, as excavações produzidas pelo bater constante das patas e o consequente

acumulo de liquidos excretorios. Já não é praticavel este sistema para o Exercito, por exemplo, que mantem em cada corpo de tropa centenas de animais, permanentemente estabulados, por necessidade e natureza do serviço, tornando-se preciso um cuidado especial de limpeza, aliás, bastante difficil e trabalhosa pelo grande numero de animais em argóla.

Usa-se num ou noutro lugar, quando se trata de animais de melhor trato, colocar-se serragem de madeira com o fim de diminuir a humidade e aumentar a maciez do piso, ao que se dá vulgarmente o nome de "cama".

O piso que melhor tem aprovado é o de ladrilhos quadriculados, com sulcos para o escoamento dos liquidos. E' o ladrilho hidraulico, que se encontra no commercio e que possui grande resistencia. Os ladrilhos são assentados sobre uma camada de concreto muito bem batido ou de asfalto.

O cimento, com revestimento, é condemnado por ser muito escorregadio, por não ter resistencia sufficiente, quebrando-se com o bater continuado das patas, ficando em

tados, daquillo que são responsaveis perante ele, cabendo-lhes tambem solicitarem informações ao C. A. do que julgarem necessario á boa marcha do serviço ou conservação de bens do Estado.

Definida, assim, neste segundo artigo, a situação do membro ou agente perante o C. A., nada mais custa ao official, conscio da sua responsabilidade e de seus deveres perante

te ainda o corpo ou estabelecimento e finalmente a Fazenda Nacional, e ainda imbuído das boas intenções, das quais se deve armar, senão esperar um successo ótimo de uma administração, da qual faça parte e orgulhar-se de ter cumprido seu dever, contribuindo para ella nem que seja com a menor parcela que por modestia assim a considere.

Continua

pouco tempo cheio de buracos onde se vão acumular agua, urina, fézes, etc, produzindo fermentações prejudiciais á saude dos animais, assim como "taras" devido ao desnívelamento e arestas cortantes.

O paralelepipedo de granito tem aprovado desde que assente em base de concreto e as juntas tomadas com cimento.

Temos por fim, a madeira, já ha muito posta de parte, devido á sua curta duração, além de outros inconvenientes, tais como: reter muita humidade, tornar-se escorregadia, apodrecer em breve tempo.

Encarados assim, ligeiramente, os diversos materiais empregados normalmente, com as suas vantagens e desvantagens, mais reforçam a nossa idéa de encontrar na borracha a solução exata do problema pela RESISTENCIA, MACIÉS, IMPERMEABILIDADE, ECONOMIA E ELASTICIDADE AMORTECEDORA, ser de facil limpêsa e enorme durabilidade.

Quanto á execução da obra, temos a recomendar que os blócos de borracha tenham pequenos quadrados em relevo, de face bastante aspera, para não tornar escorregadia a superficie e permitir o escoamento dos liquidos; diversas dimensões e formatos para no correr do tempo fixar-se o tipo que melhor aprovar. Claro está que, com o uso e tempo, a parte mais atingida pelo pisoteio terá de ser substituida visto não ser em toda a superficie da baia que o animal pisa, ou então, poderá ser de borracha, sómente a área batida pelos pés dos animais.

Se não bastar o simples raciocinio para atingir ás vantagens deste sistema, se os pessimistas quizerem condenar a ideia, a priori, por ter nascida brasileira, neste genero de applicação, transcrevemos, com a devida venia, alguns capitulos do artigo publicado no "O Jornal", de 16 de maio de 1928 sobre o uso da borracha pelos inglêses, pela RUBBER ROADWAYS LIMITED, de Londres, que tem experimentado no calçamento das ruas, em substituição aos materiais comumen-

te empregados! Senão, vejamos: "Procurando provar que, até então, ainda não se conhece nenhum sistema de calçamento capaz de vencer, ou pelo menos resistir, por muito tempo, á força destruidora do grande transito em cidades como a de Londres, de modo que se tornem menos pesados e frequentes as despesas de conservação, os technicos da "Rubber Roadways", se inclinam, depois das ultimas experiencias, a aconselhar a borracha como material que se mostra capaz daquela resistencia, além da vantagem de neutralisar, por completo, as vibrações prejudiciais ao proprio calçamento e anular o ruido ensurdecedor das grandes viaturas, quando se trata de transito excessivo. E como a durabilidade é, no caso, requisito importante, o custo inicial do calçamento de borracha é compensado pela ausencia de reparações posteriores e frequentes, que deve tornar-o até mais barato.

Segundo informações prestadas ao governo do Brasil pelo nosso consul em Londres e publicadas no "Diario Official", as ultimas experiencias realizadas deram os melhores resultados. A primeira efetuou-se em Londres, na "New-Bridge Street", por onde trafegam, diariamente, cerca de 16.500 veiculos, dos quais mais de 4.400 são denominados veiculos pesados, calculando-se que o calçamento de borracha em experiencia, suportava, aproximadamente, o peso de 4.000 toneladas por hora, recebendo 88 toneladas de peso cada pé quadrado do pavimento. Pelo tempo em que essas observações se efetuaram, 12 meses, e pelo estado de completa resistencia que o calçamento apresentou, não ha mais duvida a respeito de sua superioridade sobre os demais.

Para segunda experiencia escolheu-se Manchester, calçando-se uma faixa de 5 metros com quadrados de borracha, convenientemente adaptados, como se fez em Londres; sobre este calçamento passou um caminhão a vapor, com o peso de 13 toneladas e meia "tres vezes" por minuto, duran-

SECÇÃO  
DE  
VETERINARIA

# A Padronisação dos animais de guerra impõe-se antes que tudo

Pelo 1.º Ten. Armando Rabelo de Oliveira

(PROF. DA E. A. S. V.)

Quando foi do início da gestão Leite de Castro, na Pasta da Guerra, após haverem serenados os animos incendiados pela revolução de 1930, foi-nos dado o distinguido ensejo de sugerir á Administração do Serviço de Remonta do Exército, um plano de organização decisivo e sistematisador entre as fazendas creadoras da norma melhorista a ser traçada por esse departamento tecnico militar, visando a constituição gradual, metódica e definitiva dos padrões equinos que melhor se ajustam aos diversos empregos do cavallo d'armas. Aceito com generosa acolhida pelo então diretor de remonta, coronel Luiz Carlos de Moraes, foi o planejado sistema convertido em formula mais concisa e por nós codificado, para efeito de assim constituir um ante-projeto de lei. Infelizmente, quando as coisas tomavam essa orientação, um acontecimento de ordem politica veio cortar o seguimento da sonhada empresa organizadora.

E' que, em cumprimento á ordem emanada do Chefe do Governo Provisorio, foi

assumir a interventoria do Estado de Santa Catarina o mesmo coronel Moraes, em virtude do afastamento transitório do seu detentor efetivo. Na volta do Diretor da Remonta ao seu posto, ocorrida dois a tres mezes depois, outro era o ambiente na Administração da Guerra, e novos e imprevistos fatores de ordem politico-social absorviam os espiritos dirigentes, morrendo, assim, ainda uma vez, no nascedouro, aquela nova iniciativa em pról da causa madrastra do cavallo indigena. Toda tentativa no sentido de reviver o entusiasmo primeiro, que suscitara a idéa quando aventada, resultou infrutifera, pois que o capital destinado a custear o projetado empreendimento (penso que 1.000 contos de réis), que para maior segurança fôra recolhido aos cofres da Contabilidade da Guerra, tivera outra aplicação completamente estranha aos interesses da Remonta.

Em suas linhas gerais consistia o plano creador nas seguintes normas:

te 13 horas e meia, seguidamente, num total de 2.300 viagens e com a carga de . . . 30.647 toneladas. Suspensa a experiencia o calçamento lateral ao de borracha estava esmagado, ao passo que este conservava-se em bom estado e quasi como novo.

Examinando-se pormenorizadamente a experiencia verifica-se que cada blóco de borracha devia ter suportado, de 384 a 760 toneladas de peso por hora, o que demonstra que esse calçamento póde resistir, mantendo-se inalteravel, o transito 7 vezes mais intenso que o de Londres, pois o que serviu de

prova, na mesma cidade, resistiu 12 mezes a fio, sem qualquer alteração, e, ainda hoje, se mantem perfeito e sem estragos exteriores".

Acreditamos que seja suficiente esta transcrição e aqui deixamos a ideia para que as nossas autoridades dela aproveitem a essencia, dando-lhe melhor corpo e o bafejo oficial necessario á realização desse duplo objetivo utilitario: a proteção devida á industria nacional do ouro negro e a supressão do maior fator de gasto prematuro dos solipedes da tropa.



Em medidas preparatorias concernentes á divulgação do preceito legal instituidor do método melhorista, focalizando as vantagens economicas asseguradas aos creadores pela nova legislação, a garantia de compra dos bons produtos pelo Estado e os premios e vantagens conferidos, anualmente, pelo governo aos proprietarios dos animais vencedores nas exposições-feiras organizadas pela Diretoria de Remonta. Como medida preliminar, este departamento procederia, por intermedio das Chefias do Serv. Veterinario regionais e da Diretoria de Estatística do Ministério da Agricultura, ao levantamento hipico de cada Estado da União, solicitando a elaboração de mapacromias com a indicação dos sitios onde fossem mais numerosos os nucleos de criação cavalari, assinalando as fazendas mais importantes, com a menção dos respectivos proprietarios. Estes dados aproximados sobre a população equina e sua distribuição nas unidades estaduais, além de permitir melhor aplicação e contrôle do sistema melhorador por nós preconizado, favoreceria sobretudo a ação dos altos comandos militares no caso de mobilização. Uma circular da Remonta enviada a todos os creadores notificaria quanto ás médias heterometricas e ao anamorfismo dos padrões de sela, tração e carga, convertidos, para melhor objetivação, em gravuras representativas de cada um desses modelos, revelando, bem particularizados, os indices de mensuração, correspondentes. Todos os anos, pela época da monta os emissarios do S. de Remonta percorreriam as fazendas do país, veiculando instruções complementares orientando sobre a melhor escolha dos genitores, fazendo estéreis os individuos inaptos, aconselhando sobre a alimentação devida aos novos produtos, regulando a pratica da ginastica funcional para os diversos padrões, insinuando o cultivo das boas forrageiras, doutrinando sobre a hygiene devida ás femeas gravidicas, etc. Uma publicação, em linguagem singela, de larga tiragem mensal, o "Boletim do Serviço de Remonta", seria o porta-voz das diretrizes

a serem seguidas pelos centros creadores do cavalo brasileiro, o registro fiel de todas as ocorrencias verificadas de Norte a Sul do país nesse tocante, o órgão notificador das inscrições nos registros genealogicos, dos resultados das exposições, raids, premios estipulados, silhuetas dos campeões, etc. Como aparelho regulador de todo o sistema, pedra angular do complexo organismo tecnico do aperfeiçoamento em mira, apresentaramos o projeto de um haras standardizador, onde os dirigentes maximos da grandiosa empresa pudessem fabricar, apoiados na metodologia científica concernente, os verdadeiros tipos das maquinas animais requeridas pelos arduos serviços da tropa. Daí, do **haras militar standardizador**, sairiam os modelos vivos, devidamente estilizados para o mistér das armas, na sua intima organização plasmados segundo os ditames da zoogenetica e talhados no seu exomorfismo pelas ações modificadoras ambientes, habilmente solicitadas.

Pela necessidade de maior aproximação da Direção de Remonta, para efeito de permanente fiscalisação e provimento ininterrupto dos variados recursos indispensaveis á boa marcha da operação, tambem procedemos, naquela mesma época, com a ajuda da seção de geologia do Museu Nacional, á estudos de uma larga faixa do Distrito Federal, orientada de Itacurussá, no litoral, até o municipio de Valença, no interior fluminense, compreendendo Campo Grande, Santa Cruz, Ipiabas, Pinheiros e Vassouras, municipios onde a União possui vastos tratos de terra. Conforme demos, em tempo, publicidade, pelas colunas da "A DEFESA NACIONAL", concluíramos pela escolha de Campo Grande como sendo o local melhor indicado para sédiar o "haras militar standardizador".

O "cliché" ao lado representa, exatamente, a planta da grandiosa officina elaboradora dos "standards" do cavalo de guerra brasileiro, tal como fôra por nós sugerido e delineado no precitado ante-projeto.



no

ponto

mais alto

estão

as marcas

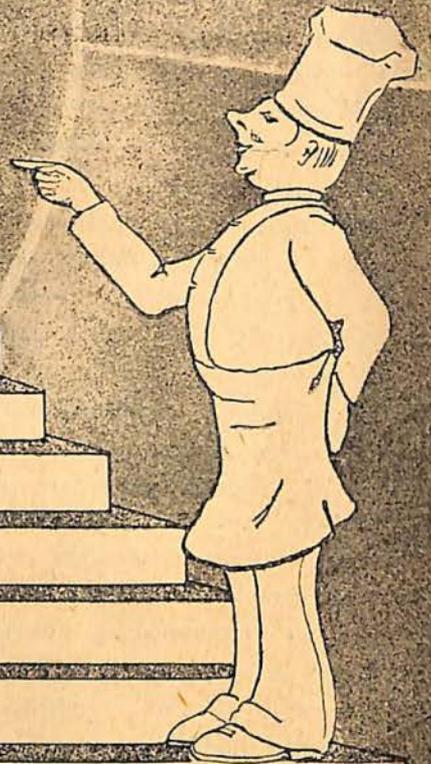
de farinhas

„ Especial „

„ Boa Sorte „

„ S. Leopoldo „

do



**MOINHO FLUMINENSE S. A.**

Aviões de Caça "Boeing" — Aviões de Observação  
 Vought "Corsair"—Aviões de Bombardeio Glem Martin—  
 Aviões de Treinamento Elementar e Adiantado "Waco"  
 —Munição Western, Winchester e Remington—Revólvers,  
 Pistolas e Metralhadoras Colt — Morteiro de Acompa-  
 —:—:—:—:— nhamento Stokes Brandt. —:—:—:—:

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

**Casa Mayrink Veiga S.A.**

**RUA MAYRINK VEIGA, 21  
 RIO DE JANEIRO**

### Realidade humana

Confio em que nos convenceremos cada vez mais de que o objetivo da vida não reside nos prazeres materiais, mas em atividade séria, em trabalho insistente, no cumprimento fiel e consciencioso dos deveres relativos á situação de cada um.

*Gen. Carl von Schmidt*

**ROUPAS "RENNER"** (Trajes e ternos de lã) — Couros, Artigos de viagem, Sport, Montaria e praia. — Fabricação de malas de fibra **SILVIUS**.

Exclusivo dos brins CAQUI, BRANCO e VERDE OLIVA "FLORIANO", "TRIUMPHADOR" e "EXERCITO"  
 CONFECÇÕES — FORNECIMENTOS

**JOSÉ SILVA & Cia. Ltda.**  
 IMPORTADORES

End. Teleg. "SILVIUS"

RIO DE JANEIRO

Caixa Postal 445

Filial: **RUA DOS OURIVES N. 3 — Tel. 2-9702**

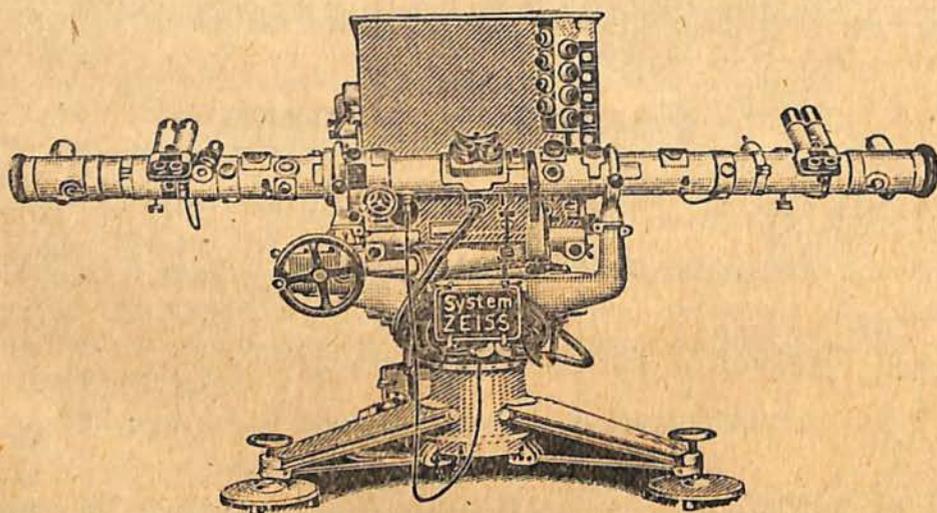
Matriz: **RUA S. PEDRO Nos. 58/60 — Tels. Escrip. 4-5333 — Armaz. 4-0671**

# Instrumentos opticos

sistema **Carl Zeiss**

PARA USO NO EXERCITO

Dos mais simples binocuios  
aos mais complexos  
aparelhos para comando de tiro  
e contrôle de fogo



Para informações técnicas, catalogos, etc., dirijam-se á

## CARL ZEISS

Rio de Janeiro: Praça Floriano, 55-1.º andar

São Paulo: B. Itapetininga, 18 - 5.º andar

**HAUPT & CO.**  
SÃO PAULO  PORTO ALEGRE  
RIO DE JANEIRO

REPRESENTANTES PARA O BRASIL DE

**Aktiebolaget Bofors -- Suecia**  
Artilharia e munições

**Ludw. Loewe & Co. -- Berlin**  
Maquinas para o fabrico de armas

**Selwig & Lange A. G. -- Braunschweig**  
Instalações para fabrica de explosivos

**POLTE Patronen & Maschinenfabrik -- Magdeburg**  
Munições e maquinas para fabrico de munições

**HIRTENBERGER Patronenfabrik -- Hirtenberg**  
Munições para infantaria

**WAFFENFABRIK SOLOTHURN A. G. -- Solothurn**  
Fuzis-Metralhadoras

## LIVROS Á VENDA

ASSUNTOS	AUTORES	PREÇO	Pelo correio mais
<i>Manobras da Circunscrição Militar</i> (Setembro 1931) sob a direção do Gen. Klinger.....	No prélo.....		
<i>Noções de topografia de campanha</i> .....	General Paes de Andrade.....	7\$000	\$700
<i>Adestramento para o combate</i> .....	» » » ».....	3\$000	\$500
<i>Ensinamentos táticos sobre a D. I. na ofensiva</i> ( <i>Ensinamentos da M. M. E.</i> ) Ed. 1931.....	Tenente-Coronel Gentil Falcão.....	3\$000	\$500
<i>Assuntos Militares</i> (Gen. Gamelin). Trad. do <i>A Defesa Nacional</i> (Propaganda e regulamento do Serviço Militar). Ed. 1923.....	.....	10\$000	1\$000
<i>Operações de uma D. I. durante a Grande Guerra</i> . Gen. Gamelin e Cmt. Petibon. Tradução do.....	» » » ».....	5\$000	\$700
<i>O que deve a Infantaria conhecer sobre a Artilharia</i> (Coronel Triguier). Trad. do <i>Telemetros</i> .....	» » » ».....	12\$000	1\$000
<i>Orientação em campanha</i> .....	Coronel Francisco José Pinto	4\$500	\$600
<i>O que é preciso saber a Infantaria</i> (Coronel Abadie). Tradução do.....	Ten. Cel. Dermeval.....	3\$000	\$500
<i>Impressões do estágio no Exército francês</i> .....	» ».....	3\$000	\$500
<i>Notas á margem dos exercicios táticos</i> .....	» ».....	5\$000	\$800
<i>Infantaria — Notas de estudos sobre os novos regulamentos</i> .....	Major J. B. Magalhães.....	2\$000	\$500
<i>Aspêtos Geograficos Sul-Americanos</i> .....	Major Travassos.....	6\$000	\$700
<i>Manual de licenças</i> .....	» ».....	5\$000	\$600
<i>Brasil-Alemanha</i> .....	Major Mario Travassos.....	5\$000	1\$000
<i>Guia para a intrução militar</i> .....	Capitão Silva Barros.....	7\$000	1\$000
<i>Curso de educação fisica</i> (1.º vol.).....	Capitão Salgado dos Santos..	6\$000	1\$000
<i>Educação fisica—idéas fundamentais</i> .....	Capitão Rui Santiago.....	10\$000	1\$000
<i>O Estado Independente do Acre e J. Placido de Castro</i> .....	Tenente O. Rangel Sobrinho	7\$000	\$700
<i>Notas sobre o comando do batalhão no terreno</i> (Tradução).....	» » » ».....	2\$000	\$500
<i>Règlement du Genie</i> 1.º p., 1.º vol.).....	Genesco de Castro.....	8\$000	1\$000
<i>Combate e serviço em campanha</i> .....	Comandante Audet.....	3\$000	\$700
<i>Escola do Pelotão</i> .....	.....	6\$000	1\$000
<i>Manual do Granadeiro</i> .....	Major Tristão Araripe.....	10\$000	1\$500
<i>O Tiro de Artilharia de Costa</i> (Tradução).....	» » » ».....	10\$000	1\$000
<i>Notas sobre o emprego da Artilharia</i> .....	Major J. Faustino Filho.....	3\$000	\$700
<i>Defesa de Costa e o Tiro Costeiro</i> .....	.....	4\$000	\$800
<i>Manual do Sapador Mineiro</i> .....	Major J. Verissimo (no prélo)		
<i>Combate de Infantaria</i> .....	1.º Ten. Joaquim J. Gomes da Silva.....	8\$000	\$700
	Cap. Benjamin Galhardo (no prélo)		
	Major A. Soares dos Santos.	6\$000	\$700

A Gerencia de "A DEFESA NACIONAL" incumbe-se da venda de livros militares, mediante condições a combinar com os autores interessados.

Facilitaremos os nossos assinantes a obtenção de livros militares á venda nas livrarias do Rio de Janeiro, mediante a taxa de 1\$500 ou 2\$000 para o registro e expediente. A quantia correspondente deverá ser remetida *adiantadamente*, em vale postal.

A Gerencia não se responsabilisa pelos extravios no Correio.

Dirigir os pedidos ao Bibliotecario d'"A DEFESA NACIONAL", Caixa Postal 1602, Rio. Sêde provisoria da Gerencia: QUARTEL GENERAL DO EXERCITO, FACE DOS FUNDOS.